

# CAPOTIRA

Roberto C. P. Junior

*Romance*

# ΚΑΡΤΟΥΤΙΡΑ



## NOTAS

1. Esta é uma obra de ficção, porém emoldurada com fatos reais. Os protagonistas e seus nomes são fictícios, mas vários eventos históricos aconteceram tal como aqui narrados.
2. Texto revisado em julho de 2010: arquivo “capotira-r2.pdf”. Ajustes feitos em março de 2012.
3. Direitos autorais assegurados por lei. Proibida a reprodução e difusão de trechos desta obra, por quaisquer meios, sem prévia autorização do autor. Permitida a impressão parcial ou total para leitura pessoal exclusivamente, sem fins comerciais. Obra registrada no Escritório de Direitos Autorais da Biblioteca Nacional – RJ sob número 464.946.
4. A edição impressa pode ser encontrada no seguinte endereço:  
<http://www.lulu.com/shop/roberto-c-p-junior/capotira/paperback/product-18944643.html>  
A edição impressa traz ilustração de Fátima Seehagen, prefácio de Caroline Derschner e um capítulo inédito, no qual o autor discute alguns aspectos da trama com as próprias personagens.
5. Sobre o autor: Roberto C. P. Junior é espiritualista, mestre em ciências e autor dos livros:
  - Vivemos os Últimos Anos do Juízo Final  
(<http://www.library.com.br/Filosofia/index.htm>);
  - Visão Restaurada das Escrituras  
(<http://www.library.com.br/Escrituras/index.htm>);
  - Capotira  
(<http://www.library.com.br/capotira.html>);
  - Jesus Ensina as Leis da Criação  
(<http://www.graal.org.br/livro.php?id=1045>);
  - O Filho do Homem na Terra  
(<http://www.graal.org.br/livro.php?id=1053>).As duas últimas obras estão disponíveis em edição impressa. Roberto C. P. Junior é espiritualista, mestre em ciências, membro da Ordem do Graal na Terra (<http://www.graal.org.br/>), Academia de Letras e Artes de Portugal ([http://pt.wikipedia.org/wiki/Academia\\_de\\_Letras\\_e\\_Artes](http://pt.wikipedia.org/wiki/Academia_de_Letras_e_Artes)), e autor de vários artigos de cunho filosófico disponíveis nos seguintes sites:
  - Library (<http://www.library.com.br/pedrasverdade/leia.htm>)
  - SóCultura (<http://www.socultura.com/>)E-mails para contato: [robpucci@yahoo.com.br](mailto:robpucci@yahoo.com.br); [rjunior@yahoo.com](mailto:rjunior@yahoo.com).
6. Palavra do autor: *“Dirijo um agradecimento especial ao meu grande amigo lusitano Ricardo Martins, responsável pelo sítio “Círculo do Graal” (<http://circulodograal.com/site2/>), que revisou os originais e deu sugestões e contribuições muito úteis para a consecução deste trabalho.”*

# ÍNDICE

Capítulo 1 – Terra Brasilis .....	5
Capítulo 2 – Vida Nova no Novo Mundo .....	14
Capítulo 3 – Sismos e Cismas .....	22
Capítulo 4 – Sonhos e pesadelos .....	40
Capítulo 5 – A Festa das Três Nascentes .....	51
Capítulo 6 – Desvendamentos .....	63
Capítulo 7 – Vidas Lapidadas, Corações Dilapidados .....	92
Capítulo 8 – Vidas em Perigo .....	105
Capítulo 9 – Vidas Vivificadas .....	119
Capítulo 10 – Encontro Triplo de Corações .....	130
Capítulo 11 – Ensinaamentos .....	141
Capítulo 12 – Decisões .....	152
Adendo .....	163

## Capítulo 1 – Terra Brasilis

Lisboa, 27 de novembro de 1807. Seis horas da matina. A alva principia a romper a fina camada de névoa que encobre a floresta de mastros, cujos tantos navios, ancorados ao largo da Ribeira das Naus, ocultam inteiramente a outra margem do Tejo, o qual segue placidamente para os braços do oceano, imperturbável diante do alvoroço dos últimos dias.

A metrópole vive uma convulsão. Já há dias o povo descobrira que a família real, a corte, a nobreza, as altas patentes e outros notáveis da sociedade se preparavam para viajar ao Brasil, fugindo dos canhões do general napoleônico Junot. O sentimento geral é de frustração e desespero. Então o Príncipe Regente deixava o país assim, na surdina, abandonando o reino e seus súditos por medo? Por medo?... Onde fora parar o orgulho lusitano, forjado na época das grandes navegações e sedimentado nas colônias ao redor do globo? Pelo visto, só subsistia ainda na lembrança e no coração do povo, mas não mais na corte e na classe dominante do país.

A balbúrdia estendera-se pela noite, sob os acordes de uma chuva inclemente. Lisboa era um campo alagado de água destilada, de dupla fonte: as nuvens negras, copiosas, e os olhos vermelhos, incrédulos, de seus concidadãos. Ao amanhecer, os ânimos pareciam mais serenados. O próprio céu se conformara: um azul pálido, sem nuvens, calmo e desesperançado, anunciava uma nova época, sombria, para o Reino de Portugal e Algarves.

Os nobres chegavam para o embarque sob inúmeros olhares de reprovação e alguns poucos apupos patrióticos. Afonso Firmino Monteiro de Mello – o Visconde do Minho – e sua jovem esposa embarcaram quase despercebidos na nau Martim de Freitas. Algumas horas depois a imensa comitiva, de precisas 12.736 almas assustadas, comprimidas em oito naus, quatro fragatas e quatro brigues, singravam as águas frias do Atlântico Norte, escoltada pela poderosa esquadra inglesa, comandada pelo almirante Sidney Smith.

À exceção de Lord Strangford, o embaixador do Reino Unido em Lisboa, a bordo do HMS Hibernia, não havia mais ninguém na Europa, fosse inglês, francês ou português, que pudesse acreditar que aquela saída apressada do Príncipe Regente de Portugal, D. João VI da Casa de Bragança, era realmente um “nobre e magnânimo plano em andamento”, como aquele se apressou a redigir em sua mensagem destinada ao primeiro-ministro inglês, Lord Canning.

Não havia nada de nobre naquele plano, e agora nem mesmo nas naus portuguesas. Os que até então assim se denominavam, davam entrada num calvário de privações e sofrimentos ímpares, de estimados dois meses pelo menos através do oceano. Os títulos, sim, eles conservavam, mas a vida nada mais tinha de nobiliária de ora em diante. Era um suplício sem fim. Comida pouca e ruim, água podre, calor insuportável, doenças, pragas de piolhos, higiene zero... estes eram os acompanhantes da família real, da fidalguia, e dos demais argonautas lusitanos. Nobres dantes enjoativos, enjoavam agora como qualquer bárbaro sem berço, como plebeus sem eira nem beira, simples turba de arreeiros debruçados nas amuradas apinhadas, disputando a custo um lugar para lançar ao mar o que lhes tinha custado trazer.

Há quem sustente que a fuga da família real, com seu imenso séquito, foi na verdade uma decisão sábia, embora não inteiramente compreendida até hoje. Ficar seria, sem dúvida, “derramar sangue inutilmente”, conforme asseverava o decreto que o Príncipe Regente mandara fixar nas ruas de Lisboa na madrugada do dia da partida. Nada que aplainasse a indignação do povo ou que mudasse de alguma forma a imagem, não muito lisonjeira, que este tinha de seu soberano. A trova maldosa, antes circunscrita às peixarias lisboetas, espalhava-se agora raivosamente por todos os cantos da cidade:

Nós temos um Rei  
Chamado João;  
Faz o que lhe mandam,  
Come o que lhe dão.  
  
Que fazes, oh João?  
“Faço o que me mandam,  
Como o que me dão...”

Por outro lado, também há quem afirme que se ficasse e lutasse, Portugal teria saído vencedor com a ajuda dos ingleses, pois as tropas do general Junot encontravam-se, naquele momento, por demais débeis e mal-treinadas. De fato, os franceses “invadiram” o país completamente extenuados e famintos, e tudo fazia crer que não teriam oferecido grande resistência. Mas a fama de Napoleão falou mais alto aos ouvidos do Príncipe Regente, e a fuga foi decidida sem muita consternação na corte. Não que a decisão tenha sido fácil, pois o taurino D. João VI detestava tomar deliberações, quaisquer que fossem elas. O fato, porém, é que com essa difícil decisão D. João VI conservou a cabeça fixada no pescoço até morrer, e morreu rei, ao contrário de alguns de seus desafortunados colegas europeus.

Quem convenceu D. João da urgência de partir foi também Lord Strangford. Cinco dias antes ele mostrara ao monarca, com ar grave, um exemplar do *Moniteur*, o qual trazia a íntegra do tratado de Fontainebleau. Assinaram-no Napoleão Bonaparte e o

embaixador da Espanha, no salão nobre do castelo de mesmo nome, depois de a caneta napoleônica ter, sem maiores cerimônias, cindido Portugal em três partes: o norte, a “Lusitânia Setentrional”, seria presente para a rainha espanhola Maria Luísa de Bourbon; a região central, um mimo para o duque de Alcudia, Dom Manuel de Godoy y Alvarez de Faria Rios Sanchez Zarzosa; e, por fim, o sul, a “Lusitânia Meridional”, modestamente destinada a ele mesmo, Napoleão I, nascido *Napoleone de Buonaparte*.

Se a essa altura ainda havia alguma dúvida rondando João VI, então o Marquês de Alorna, secundando Lord Strangford, cuidou de dissipá-las com a informação de que os franceses já estavam, naquele momento, a não mais que 22 léguas de Lisboa. E aí foi aquele corre-voa da nobreza, como nunca se vira até então: um frenético empacotar de jóias e insígnias, um entrouxar de brasões, um embrulhar de pratarias, um encher de baús com finos tecidos e vinhos, tudo, enfim, que no entender da fidalguia exigia a vida cotidiana naqueles tempos de política dos canhões. Milhares embarcaram assim às pressas com seus tesouros e... safaram-se todos.

É bem verdade que a monarquia espanhola tentou copiar a estratégia de D. João VI. A falha de Junot e seus extenuados comandados em impedir o embarque dos Braganças havia servido de alerta para Napoleão, a fim de evitar a repetição do mesmo erro. Quando o general Murat entrou em Madrid com uma tropa de 82.000 franceses bem treinados (e também descansados), rompendo um acordo de cavalheiros entre os soberanos dos dois países, um atônito rei Carlos IV ordenou às pressas que se preparassem os navios no porto de Sevilha, para transportar imediatamente a família real para a América espanhola. Mas desta vez os franceses não ficaram a ver navios espanhóis. Uma guarnição chegou em tempo ao porto e impediu o embarque. Carlos IV foi forçado a abdicar em favor de José Bonaparte, irmão de Napoleão.

Em Portugal foi diferente. Ao chegar aos arredores de Lisboa, as tropas de Junot ainda puderam contemplar, com alívio não confessado, os últimos navios da esquadra luso-britânica desaparecerem na linha curva do horizonte.

Os franceses repetiam assim o gesto dos portugueses de mais de dois séculos antes, quando estes ficaram mesmo *a ver navios*, em sentido inverso, na esperança do regresso à pátria d’El Rei Dom Sebastião, protagonista do desaire de Alcácer Quibir, no Marrocos. Nunca mais se soube de D. Sebastião. O trono português foi declarado vago na época e ocupado por seu tio sexagenário, o cardeal Henrique. A história trágica de D. Sebastião virou lenda e cruzou de pronto o oceano, mais célere do que qualquer fragata. Até hoje, no Maranhão, contam-se histórias do rei português, visto em noites soturnas cavalgando pelas dunas móveis, acompanhado de seus nobres guerreiros.

Mas o fato é que atravessar o Atlântico ziguezagueando numa casca de noz balouçante, espremida entre os azuis do céu e do mar, sob velas esburacadas e mastros estalando a cada brisa mais forte, fazendo as vezes duma sauna móvel obrigatória, era uma vivência inesquecível, coisa para se contar aos netos com orgulho décadas depois e escreverem-se livros a respeito. Teria bastado uma tempestade um pouco mais forte e a tragédia faria uma ponta de vulto na aventura. Dadas as precaríssimas condições em todas as naus, pode-se dizer que foi quase um milagre não ter havido nenhuma morte durante o percurso. Bonançosos foram os ventos que sopraram na esquadra. Muito bonançosos. Era como se uma força maior protegesse aquelas milhares de pessoas aglomeradas, durante mais de dois meses.

Após breve aportagem em Salvador, a Martim de Freitas chegou ao seu destino, no Rio de Janeiro, em 26 de janeiro de 1808. Algumas naus chegaram antes e outras só bem mais tarde. Afonso Firmino e esposa só desceram à terra três dias depois de aportarem, quando receberam a comunicação de que já havia uma residência reservada para eles.

As casas foram “reservadas” compulsoriamente para os recém-chegados. Brasileiro que recebia a inscrição “P. R.” (Príncipe Regente) na porta de sua casa tinha poucos dias para deixar o imóvel. Os cariocas de então logo traduziram as famigeradas iniciais por “Ponha-se na Rua”. O humor irreverente do lado debaixo do equador, já em plena floração, ganhava um substancial incentivo com a chegada da nobreza lusitana.

Ao contrário do marido, a Viscondessa D. Célia Maria Candelária Simões Monteiro de Mello acostumou-se rapidamente à nova situação. Não sentia falta da vida europeia. A casa que ocupavam era modesta, mas suficiente para um casal jovem, mesmo com um rebento a caminho, como ela pressentia. Iria esperar pelo menos mais algumas semanas para dar a notícia ao Sr. Visconde do Minho, ela, que há tantos anos se ressentia de não lhe dar um herdeiro. Notícia fantástica, sem dúvida. Seria uma alegria inesperada para ele; atenuaria em muito seu desconforto por precisar viver numa terra tão estranha, tão longe de seus amados livros e concertos.

Célia já se sentia adaptada, mas desgostava-a por demais ter desalojado uma família que nem conhecia e ficado com seu lar, assim sem mais nem menos. Certo que havia o aluguel estipulado de 20 mil réis, não se tratava portanto de uma expropriação. Mas era, sim, uma violência, evidente que era. Tão logo descansou alguns dias, foi procurar saber do paradeiro da antiga família. Obteve as informações diretamente com o ajudante de ordens do Conde de Arcos, vice-rei do Brasil. Encontrou uma família de quatro pessoas: pai, mãe e um casal de filhos pequenos vivendo na casa da mãe da senhora desalojada. Receberam-na amavelmente, antes mesmo de ela tentar se justificar, atropelando as palavras para dizer que haviam chegado num país estranho e não tinham onde ficar. Assegurou-os de que pagaria uma renda de 30 mil réis, e mais não

daria porque não dispunha. E, tão logo fosse possível, seu marido, o Sr. Visconde do Minho, construiria uma nova residência e a deles seria prontamente restituída, impecavelmente conservada. Ainda pensaria numa maneira de compensá-los futuramente pelo transtorno. Os vários sorrisos vindos ao seu encontro, do outro lado da sala, mitigaram um pouco o desconsolo de D. Célia Maria. Comeu um doce de rapadura oferecido pela avó das crianças, dirigiu a elas um olhar de ternura, acariciou-as e retirou-se, o coração um pouco menos pungido.

Naturalmente, Célia não teria oferecido uma renda maior se antes não tivesse sido autorizada pelo marido. Este ouvira com um sorriso franco o relato da mulher. Esta era a sua Célia, sua amada Célia, sempre preocupada com o bem-estar dos outros, sempre disposta a ajudar onde fosse possível.

O gesto de Célia desencadeou uma expectativa febril junto aos outros desalojados, de também receber igual atenção dos seus compulsórios locatários. Vã ilusão. Ninguém, além dela, se dignou a saber da situação das famílias deslocadas, e muito menos oferecer um pagamento maior. Pelo contrário. Muitos se queixavam do preço, e não poucos simplesmente não pagavam nada. Já faziam muito em viver num país à margem da civilização, é o que achavam. O povo é que deveria pagar a eles alguma coisa por lhes trazer um pouco de cultura e modos de gente de bem para uma terra de selvagens. Se não estivessem satisfeitos, que se queixassem ao bispo, que, aliás, fora regamente instalado numa casa bem espaçosa, construída com esmero por uma abastada família de comerciantes.

Célia se queixou dessas injustiças ao marido, mas ele não podia fazer nada. Não por ora. Estava tudo ainda muito revoltado, tal como o pó das velas do Rio de Janeiro. A corte tinha problemas demais para resolver com a nova situação, e este era certamente um dos menores. Mais à frente poderia sugerir ao Conselho de Estado algum tipo de compensação adequado para as famílias brasileiras despojadas de suas casas. Célia o fez prometer que ia tentar tudo a seu alcance para dar um jeito naquela situação. Afonso prometeu, com o rosto sério.

E de fato aconteceu. A palavra do Visconde era firme como rochedo. O que ele prometia fazer, cumpria, cedo ou tarde. Alguns meses depois, por sua interferência, uma lei de compensação foi aprovada, estipulando valores mínimos de renda, de pagamento obrigatório, e um prazo máximo de permanência nas casas cedidas.

Afonso Firmino era um literato, conhecedor de línguas, amante das Artes, da Música, da Filosofia, da Biologia. Em breve o seria também da Etnologia, projeto por ele acalentado nos últimos meses e, diga-se, quase obrigatório para um intelectual estrangeiro forçado a viver em *Terra Brasilis* no início do século XIX. Não fosse isso,

como sobreviver numa colônia em que 97% dos habitantes eram analfabetos?... Interessava-lhe, sim, conhecer mais amiúde a sociedade do Rio de Janeiro, onde dois terços da população eram constituídos de mestiços e negros escravos, circundada por um número indefinido de tribos indígenas, como que a sitiá-la. As influências e inter-relacionamentos daí decorrentes dariam material para um belo tratado, seguramente.

Nas primeiras semanas na nova terra, Célia Maria se incomodou um pouco com o calor, com os mosquitos e com a sujeira nas ruas. Mas o que realmente a entristeceu foi a imagem do serviço de esgoto da época: negros carregando tonéis de excrementos de seus senhores para jogá-los ao mar, todos os dias ao cair da tarde. Um cortejo fétido, soturno e conformado, a sobrepujar o vivificante aroma salino da brisa marinha, num contraste impossível com a beleza circunjacente da natureza tropical. Esses negros eram conhecidos como “tigres”, porque o líquido escuro e viscoso, carregado de uréia, que escorria dos tonéis, marcava-lhes as costas com listras esbranquiçadas indeléveis.

Repugnava a Célia a humilhação daqueles seres humanos deserdados da sorte, de olhos baixos e velados de tristeza. Não tolerava a cena de qualquer um deles sendo maltratado. O silvo das chibatas horrorizava-a muito mais do que o ribombar dos canhões europeus. Com surpresa, constatou que esse seu desconforto não era compartilhado por todas as suas amigas da nobreza. A escravidão era vista por elas como algo normal e necessário, tal como por seus maridos. Simples assim. Trabalho braçal de baixo custo, que tinha de ser feito por alguém, não por eles, certamente, que suas delicadas e alvas mãos estavam, claro, destinadas a fado mais condizente.

E o trabalho duro teria sido desincumbido pelos indígenas em primeiro lugar, décadas antes, se estes tivessem se deixado escravizar pelos colonizadores. Mas, a despeito do poder daqueles, dos seus “paus que cuspiam fogo”, os nativos não se deixaram escravizar. Simplesmente não entendiam a situação, não compreendiam o que queriam deles aqueles seres barbudos de vestes estranhas. Teriam de trabalhar forçados para a gente branca que veio do mar, ao invés de continuarem a viver na floresta?... Não. Se não aceitassem, teriam de morrer? Morte então.

E assim centenas perderam a vida sem refletir, porque para eles não havia escolha. Retornariam para as planícies dos espíritos e pronto. Contudo, essas mortes não foram em vão, pois convenceram mui rapidamente os colonizadores de que era um esforço inútil tentar manter cativos os índios do Brasil, de qualquer nação ou tribo. Não estava na natureza deles. Que ficassem então com suas ocas, sem os benefícios da civilização. Desde que não perturbassem o processo de exploração da colônia e a extração de suas riquezas minerais, poderiam continuar a viver ali. Afinal de contas, já em 1536 o papa Paulo III informara o mundo que... sim, os índios tinham alma, e pouco mais de um século depois, em 1639, o papa Urbano VIII também já proibira, sob pena de

excomunhão, a escravização de indígenas. Portanto, não havia mais o que discutir a respeito.

Com exceção das imagens de negros acorrentados e vergastados passando por debaixo de sua janela, os quais supostamente também teriam alma, Célia se acostumou em pouco tempo com suas novas condições de vida. Encantava-se com o verde forte da vegetação, tonalidade inexistente em sua pátria. Gostava sobretudo de passear à beira-mar, observar as várias espécies desconhecidas de animais e, de vez em quando, em companhia de alguma amiga, encetar conversa com algum nativo aclimatado, que tivesse aprendido suficientemente o português. Eram poucos, na época, esses indígenas que travavam contato mais estreito com os colonizadores, geralmente para um processo de escambo: entregavam frutas diversas, tubérculos e raízes comestíveis, apetrechos de adorno e recebiam em troca tecidos e utensílios domésticos, que logo aprendiam a usar. Por vezes também recebiam moedas, embora não estipulassem preços para suas mercadorias. Afonso se interessava vivamente por esses relatos de sua mulher. Logo, ele mesmo queria participar de um desses “colóquios com silvícolas”, como costumava dizer.

O casal Monteiro de Mello amava-se profundamente. Conheceram-se ainda crianças, nas visitas que as senhoras da nobreza faziam entre si, para mostrar seus saltitantes pimpolhos umas às outras. Brincaram e brigaram juntos durante todos os anos da infância. Casaram-se quando ele tinha 15 anos e ela 13, com as bênçãos da Igreja. Nove anos se passaram até a viagem ao Brasil e o casal continuava sem filhos, para desespero das mães de ambos, fofocas maldosas dos vizinhos e explicações pouco convincentes do bispo local, que via nisso uma clara e insondável decisão da Providência, a que vivalma não cabia questionar, como sói acontecer sempre que a ignorância impera. Agora que toda essa pressão tinha terminado, ela iria, finalmente, dar-lhe a felicidade de um herdeiro, ou herdeira. Se fosse menino, tanto melhor, pois a alegria de seu Afonso seria completa.

Ainda se lembrava dele na época dos saraus na corte portuguesa. Não, nunca tivera olhos para outra mulher, desde os tempos de criança. Mas as donzelas, casadoiras ou não, ah, essas tinham imensos olhos para cima dele! Miravam-no com sorrisos mal contidos, mal escondidos por seus leques espalhafatosos, artefato indispensável da indumentária feminina da época. E era compreensível. Afonso era um homem vistoso, bastante alto para os padrões da época, com seu 1,80 m, significando exatos 10,1 cm acima da altura média dos europeus durante aquela fase de expansão da Revolução Industrial. Não usava suíças, que achava ridículas, mas apenas um bigode fino, em contraposição ao costume de então, quando a maior parte dos homens de respeito desfilavam empavonados, exibindo com incompreensível orgulho seus pincéis de

piaçaba debaixo dos pouco discretos narizes. Sua personalidade não se curvava às inconstâncias dos modismos. No entanto, o que mais chamava a atenção nele eram justamente os olhos, de um acinzentado claro, brilhante. Não azuis, nem verdes, nem castanhos, mas acinzentados. Também não “prateados”, como asseveravam entre si, em meio a suspiros incontidos, as moçoilas da corte. Eram simplesmente acinzentados. Mas olhos daquela cor, assim tão inusitada, chamavam mesmo a atenção. Não perdiam o brilho, nem mesmo quando, certo dia, tomou coragem e confessou a Célia que já tivera, sim, olhos para outras moças, porém de uma maneira algo diferente... Uma confissão, inclusive, de que já dera ciência ao padre Bento alguns pares de vezes, e que lhe rendera não mais que 10 ave-marias e 5 pai-nossos a cada ajoelhada no confessionário. A soma até agora importaria em dois rosários e meio, mais ou menos. Célia observou o brilho daqueles olhos cinzas se desculpando timidamente diante dela, e viu neles um amor e uma confiança que ultrapassavam tudo o mais. Sorriu e o abraçou. Afonso era o amor de sua vida, seu eterno companheiro.

A delicada Célia também chamava a atenção: 1,65m de uma figura esbelta e elegante, olhos castanhos claros, rosto de porcelana, nariz pequeno levemente apontado para cima. Era uma bela jovem portuguesa de boa família, porém algo distinta das demais. Não por causa da educação que recebera, tão refinada como a das outras filhas de nobres, com suas aulas de francês, latim, música, história e geografia, ministradas por clérigos empertigados e sisudos professores importados, que em suas sinistras vestes negras, como se foram uniformes, impunham mais medo do que respeito a seus intimidados alunos. O que fazia diferença era mais propriamente seu aspecto físico. Filha de pais austríacos, a tez muito clara e os cabelos louros descendo em cachos naturais sobre os ombros faziam acentuado contraste com o biótipo padrão das jovens da nobreza lusitana, com aquela beleza ibérica clássica, sem grandes variações. Seu andar elástico e decidido também era uma marca pessoal. O maior destaque aqui, porém, ficava por conta do seu sorriso fácil e da amabilidade dispensada a todos, sem esforço, sem nenhum esforço, independentemente da classe social e do humor de momento do interlocutor. Era, em todos os sentidos, uma moça absolutamente encantadora.

De vez em quando, Célia ainda pensava nas suas longas e bem cuidadas madeixas de outrora, de uma época tão áurea como as próprias. Agora, que pena, estavam reduzidas a alguns centímetros de mechas coladas à cabeça, devido à praga de piolhos que irrompera a bordo da Martim Fontes e também em outras naus. Mas observava divertida a “moda europeia” dos cabelos curtos se espalhar como rastilho de pólvora entre as brasileiras natas. A vida no Brasil poderia ser muito boa e instrutiva, repleta de novas vivências. E divertida também. Tinha certeza disso.

Assim, com essas credenciais de personalidade, o casal Monteiro de Mello dava início a uma vida nova numa estranha e promissora terra do Novo Mundo.

## Capítulo 2 – Vida Nova no Novo Mundo

Em Portugal, Afonso prestava serviços de tradução para a corte e estudos sobre temas diversos. Aqui, essas atividades estavam obviamente bastante reduzidas, mas sua sobrevivência fora garantida por ordem direta do Príncipe Regente, pelos relevantes serviços prestados à Coroa. Ao contrário das quase três centenas de outros fidalgos, que reivindicavam uma ajuda pecuniária da Coroa simplesmente como retribuição pelo sacrifício da viagem e da obrigação de viver no fim do mundo, Afonso e alguns outros fizeram por merecer uma remuneração. Recebia uma espécie de pensão mensal e podia, então, dedicar-se a seus estudos sem grandes preocupações com a manutenção. Alguns nobres, seus amigos, interessavam-se por essas pesquisas, particularmente por suas contribuições para uma nova ciência, a Sociologia. Passados dois meses, já tinha material suficiente para uma boa explanação e, quem sabe, até para um livro.

– Célia, vou até a casa do Marquês de Açabassa. Vamos discutir novamente alguns aspectos da sociedade brasileira em formação. Volto ao final da tarde.

No primeiro ano de casados, os dois tratavam-se apenas por senhor e senhora Monteiro. Depois abandonaram o hábito, só fazendo uso dele na presença de terceiros. Agora, tinham-no abolido por inteiro, já que viviam numa terra em que o nome “senhor” era sinônimo de servidão.

– Ele mandou-te a liteira?

– Não, não. Bastou aquela vez. Tinhas razão. É deprimente ser carregado assim de um lado a outro por seres humanos. Nem se um dia adoecer quero repetir a dose. Disse ao Marquês que na próxima visita iria a pé.

– Não tomou isto como ofensa, suponho.

– Conheço-o há anos, como sabes. Não ficou ofendido, embora não compreenda porque não queremos escravos. Numa liteira eu não chegaria lá tão suado, disse ele tentando me convencer. Ora, nesta terra sem invernos sua-se até no banho.

– Vais acostumar-te, verás. Mas escravos é algo de que não precisaremos nunca. Podes dizer isto ao senhor Marquês, em bom português.

– Pois já o disse. Mas ele retrucou, e ainda sentenciou com aquele sorriso de quem conhece tudo da vida: “Quando os filhos vierem... aí saberás então que não se pode prescindir de braços negros fortes, tanto femininos como masculinos.”

Afonso olhou para o teto por uns instantes, em silêncio, como que disfarçando a decepção que sempre o assaltava quando pensava nas alegrias da paternidade que a vida lhe denegara. Célia resolveu mudar de assunto, esboçando um sorriso quase imperceptível. Precisava ter certeza antes de dar uma notícia dessas, porque se fosse caso de um novo rebate falso, seu querido Afonso não suportaria.

– Vamos ter aquele peixe grande hoje de novo, que a Eleutéria me ensinou a fazer.

– Se essa nossa vizinha falasse um pouco menos, poderia te ensinar a preparar mais pratos.

– Não sejas implicante, Afonso. Gente que mora sozinha fica assim mesmo, a precisar de muitas conversas. Em Portugal também é assim. Não te lembras da Ditinha?

– Como não? Tu a visitavas todas as terças e quintas, só para conversas. Bem sei que gostas de uma boa palestra, mas a qualidade do que é tratado é que importa.

– Não se pode ensinar a preparar um assado de peixe grande por mímicas. A Eleutéria se desdobra em explicações. Não a culpo.

– Sim, claro. Falar de comida é certamente útil, já da vida dos outros...

– Não pareces entediado quando te conto as narrativas de Apuã ou de sua irmã Coacira. Eles também falam da vida dos outros, lá na tribo.

– É diferente, Celita, rebateu Afonso com um sorriso. Meu interesse é pela sociedade indígena, seus costumes, seu modo de vida, a interação deles com a população da cidade. Gostaria de conversar com Apuã e Coacira um dia desses.

“Celita” era o tratamento dispensado para situações de bom-humor, alegria e boa disposição. “Célia” usava-se para situações normais do dia a dia. “Célia Maria” era destinado para circunstâncias mais sérias da vida, enquanto que “Maria Candelária” era reservado para assuntos de suprema gravidade. Este era o código informalmente estabelecido pelo Sr. Visconde.

– Ele fala português bem melhor do que ela. Amanhã de manhã estarão no mercado, para trocar suas mercadorias. Podes vir comigo se quiseres.

– Irei com perguntas anotadas. Terá ele paciência para ouvir e responder?

– Nem sabem o que é impaciência. Dias atrás disse-me não entender essa pressa toda do homem branco. Tupan-an lhes dá tudo o que precisam. Não é preciso correr, explicou-me. Vivemos em alvoroço o tempo todo, a chispar de um lado para o outro e a dar voltas sem sair do lugar, completou ele com seu português castiço. Não entendi bem o que ele quis dizer com isso, mas pareceu-me certo. É como se visse além do que a vista comum alcança. Irias gostar de conversar com ele. É a brandura em figura de gente.

– Tupan-an... Tenho de inteirar-me mais. Preciso ir, Celita.

Um movimento de cabeça recíproco foi a despedida. Célia voltou a seus afazeres. Gostava de aprender novos pratos com a viúva, Eleutéria, de muitos predicados culinários, que como pagamento só pedia que lhe contassem as fofocas da corte dos últimos anos. Foi ela também quem explicou ser ali coisa muito natural os produtos de ferro enferrujarem em pouco tempo. Mistérios da nova terra. Algo a ver, parece, com a brisa do mar, mas nada com que se preocupar, pois que a comida nessas panelas carcomidas ficava até mais gostosa, dizia ela.

Os produtos mais comuns de consumo eram banana, feijão, mandioca e carne salgada. Galinha era mais difícil de encontrar, visto o apreço com que o Príncipe Regente e seus mais próximos colaboradores devotavam aos pratos preparados com a ave. A Ucharia Real se apropriava de quase todos os galináceos. Peixe havia em abundância, e podiam ser consumidos assados ou cozidos. Inúmeros eram os temperos exóticos disponíveis, normalmente trazidos pelos índios. Cada semana era uma nova descoberta, às vezes até para Eleutéria, que andava mais espevitada com suas descobertas gastronômicas desde que conhecera os Monteiro de Mello.

Com a vizinha da frente, Francisca, aprendera uma receita infalível para manter afastados os mosquitos e pernilongos, que a todos atacavam indistintamente a partir das 17 horas, pontualmente, com chuva ou tempo seco. Bastava acender um candeeiro debaixo de uma vasilha com erva-da-lua. Evolava-se um aroma adocicado, agradável, que no entanto não era apreciado pelos insetos. Podia-se assim dormir bem, sem zunidos no ouvido e picadas no nariz. Afonso considerava esta a maior descoberta da humanidade desde Cabral.

Célia fez várias outras amigas brasileiras, como sempre conquistadas sem esforço, tão-somente com algumas salvas de seu sorriso sincero. No começo, pensavam que ela era esposa de algum militar de baixa patente, ou talvez de um camareiro da realeza. A simplicidade do casal subsidiava falsas deduções. Foi com espanto que as amigas souberam que eles faziam parte da nobreza aportada. Cada vez mais se encantavam

com o caráter singelo de Célia, que sempre as convidava para uma conversa em casa e também para aulas de bordado, que logo se tornaram bem famosas nas redondezas.

– Por que não tendes uma escrava a te ajudar na lida de casa? perguntou Rosa certa vez.

– Escrava aqui em casa só se for alforriada, e a receber pagamento justo pelo seu trabalho, respondeu uma circunspecta Célia.

Uma resposta algo mais dura do que a habitual, mas esse assunto de escravidão realmente tirava a Viscondessa do sério. Francisca tinha uma sobrinha, Maria Alva, que por vezes ajudava Célia nos afazeres da casa. Mas era uma ajuda esporádica, sem dia certo, pois a moça, que Célia chamava de “Marialva”, morava longe da tia.

– O tecido precisa ficar bem esticado, Acácia, senão o bordado fica todo enrugado. Percebes?

– Entendi, D. Célia. És tão paciente...

– Por favor, apenas Célia. Somos amigas, não somos?

Acácia respondeu com um sorriso franco.

– As outras mulheres de fidalgos nem olham para nós, observou Rosa.

– É que a alma delas ainda está na Europa. Com o tempo vão aclimatar-se, adaptar-se, e a convivência será certamente mais afável. Os hábitos eram outros e a mudança nem sempre é fácil... disse a Viscondessa, contemporizando.

– Barão é mais que Visconde? quis saber Aída.

– Não, é um título nobiliárquico, quer dizer, um título de nobreza inferior. A graduação é assim: Barão, Visconde, Conde, Marquês e Duque. Na Áustria ainda há o Arquiduque, acima de Duque, reservado aos príncipes da família real.

– Entendi, Barão é o mais baixo. Mas então por que será que a Baronesa da Beira sempre passa pela rua com o nariz a roçar as folhas das palmeiras?

Risos gerais, até de Célia, que contemporizou novamente:

– Não faças caso disso, Aída. Cada qual tem sua visão de mundo. A própria vida, às vezes, cuida de lapidar as pedras mais embrutecidas. Quem sabe ainda não serás amiga da Baronesa?

– Duvido muito. Essa aí é do tipo da D. Carlota, que parece sentir-se degredada aqui, como se vivesse no pior dos mundos. Imagina só, chamar nosso país de “terra dos mosquitos e dos carrapatos”!

Defender a desterrada Carlota Joaquina, espanhola de triste renome, era um pouco demais até para Célia, que rapidamente mudou de assunto:

– Tenho uma novidade para vos contar. Meu marido, o Sr. Visconde, soube que o Príncipe Regente mandou trazer um piano e um cravo de Portugal. Espera acalmar-se com a música e assim suportar melhor as tempestades com trovões que por aqui são tão comuns.

– D. João VI tem medo de trovões? espantou-se Dorina.

– É que em Portugal não são tão ruidosos como os daqui. Talvez o som evoque nele lembranças de canhões em ação. Deve ser isso. Meu marido disse-lhe que toco piano, e o Príncipe prontamente pediu que tocasse para ele e para a corte. Vou levá-las para essa audição. Gostaram?

– Nunca nos deixarão entrar num tal evento, continuou Dorina.

– Então terão de encontrar uma outra pianista, disse Célia com seu sorriso habitual. Continuaremos a aula de bordado na sexta, está bem?

– Estaremos aqui sem falta, senhora *Arquiduquesa* do Minho! exclamou Aída alegremente.

Sorrisos e outras trocas de palavras amáveis encerraram a reunião. Estava na hora de preparar o peixe grande. Afonso, sempre tão cordato e gentil, tinha o humor algo alterado quando a fome se fazia presente. Nunca era grosseiro, mas a expressão um tanto carregada do rosto era sempre um aviso de que estava na hora de cuidar do estômago. Munida da nobre missão de continuar a receber o tratamento de *Celita*, a jovem dona de casa abasileirada pôs mãos à obra na cozinha com redobrado empenho.

Hoje seria um bom dia para dar a notícia a Afonso. Não tinha mais dúvidas, estava mesmo grávida. Era uma certeza interior, independente até do atraso das regras. Podia imaginar a alegria dele quando soubesse. O que diria? O que faria?...

Eram quase 18 horas quando Afonso chegou. Já na porta percebeu o aroma de erva-da-lua misturado ao dos temperos do peixe grande cozido.

– Olá, minha Celita! Passaste bem o dia?

– Ah, sim, as aulas de bordado parecem ser um sucesso entre as mulheres daqui. Precisavas ver o interesse delas. Mais um pouco e teremos uma leva de bordadeiras de gabarito no Novo Mundo. Poderão até ganhar muitos réis com isso. Trabalho não lhes faltará. As damas da corte cuidaram de esvaziar os guarda-roupas para a viagem. Roupas e tecidos são artigos de primeira necessidade para elas.

– Uma necessidade não compartilhada pelo Príncipe Regente, se queres saber. Está sempre vestido com aquela casaca velha e puída. Parece que seus auxiliares não têm coragem de alertá-lo sobre isso. Um soberano tem de cuidar da indumentária, não achas?

– Sim, acho. Mas também, com a esposa a morar longe... É verdade que ele traz frangos assados na algibeira, e os come entre as refeições?

– É o que andam a dizer. Três franguinhos à tarde e outros três à noite. Quanto a mim, prefiro muito mais um bom cozido de peixe grande...

– Já vou servir, meu querido, disse Celita com seu sorriso onipresente. Tenho algo importante para te contar.

Importante deveria ser, mas não tanto quanto aquele portentoso peixe no centro da mesa, nadando sobranceiro em leguminosas. Uma garrafa de azeite e dois cálices de vinho completavam o quadro do jantar, iluminado por candeeiros e o luar que entrava pela janela, estrategicamente aberta por Célia.

– Maravilhoso este peixe, Celita, maravilhoso. Deve ter um nome mais apropriado do que “peixe grande”. Muito bom de facto. Não vais comer?

– Ultimamente não me tem apetecido mais. Vou perguntar a Apuã como ele o chama.

– O que tinhas para me contar?

Silêncio. Afonso olha para a esposa, que o fita seriamente. Acomoda os talheres no prato e insiste:

– Diz, Célia, o que querias contar-me?

– Afonso querido, tu vais ser pai.

Silêncio prolongado. Os olhos acinzentados de Afonso foram ganhando um brilho crescente, impetuoso, muito maior que o do luar prateado que banhava seu rosto. Estava sorvendo aquelas palavras como quem toma um néctar, esforçando-se por assimilá-las por inteiro. Um ligeiro tremor percorreu suas mãos. A garganta secou em

seguida, impedindo a emissão de qualquer som. Demorou mais uns bons segundos até conseguir se recompor, e aí veio a torrente:

– Célia Maria! O que dizes? Vou ser pai?... Tu vais ser mãe! Tens a certeza desta vez? Um filho, um filho! Vamos ter um filho! Minha Nossa Senhora do Carmo! Estás de quantos meses? Diz, é para quando? Temos de contactar o médico da corte, sim, isto é bem de urgência. Onde estará ele a esta hora? Tu estás a alimentar-te bem? Não podes fazer esforços demasiados, bem sabes. E cuidado com o Sol, pois soube que...

– Afonso, está tudo bem. Fica calmo. Devo estar no final do segundo mês ou um pouco mais. Estou muito bem. Sinto-me muito feliz.

Afonso degustava aquele momento com muito mais prazer e sofreguidão do que qualquer peixe grande. A fome tinha passado. Nem quis saber da sobremesa tão a seu gosto: banana assada com mel.

– Deixaste agora de gostar de bananas?

– Segundo mês... Mais sete... Vou ser pai! Amanhã vou ver se encontro roupas adequadas para o bebê. As damas da corte haverão de ter muitas disponíveis, tantos são os filhos que tiveram.

– Há tempo para isso, meu amado. Acalma-te. Toma um cálice de vinho.

Afonso olhou para sua esposa querida. O sorriso dela estava ainda mais radiante, se é que isso era possível. Aliás, seria possível haver na Terra alguém mais feliz do que ele? Vivia num país novo, sem vícios, sem tropas napoleônicas, com peixes enormes ao jantar, fazendo um trabalho que gostava, útil, ao som de pássaros e não de arcabuzes. E agora... iria ser pai. Pai! Um brasileirinho a caminho... no seu caminho!

Em 15 segundos Afonso anteviu os próximos 15 anos. Viu-se de mãos dadas com o filhote a embrenhar-se na mata cerrada, alguns metros apenas, o suficiente para ser alçado à patente de herói. Pescava peixes grandes com o miúdo, nadavam juntos, contava-lhe fábulas ao lado de uma fogueira. Ensinava-lhe os segredos da natureza, mostrava-lhe a necessidade de se respeitar e amar suas criaturas. Falava-lhe da cultura indígena, das riquezas imensas do Brasil. Os olhos do menino faiscavam de admiração e contentamento a cada nova descoberta ao lado do papai que sabia de tudo, que tinha vindo de tão longe, do outro lado do mar, só para lhe ensinar os segredos da vida.

Bem, mas... e se viesse uma menina? Sua bola de cristal não estava preparada para essa contingência. Não conseguia antever nada neste caso. Olhava algo perdido para o teto, quando Célia interrompeu seus pensamentos:

– Se vier uma menina tu a amarás da mesma forma. Tua alegria será a mesma, só que num outro envoltório.

– Sim, eu sei. É que sempre sonhei ser pai de um menino. Tu sabes. Mas uma menina também será bem-vinda, naturalmente. São muitos os encantos de uma mulher, já no berço. Só não sei como falar a ela sobre as coisas do mundo...

– Afonso, estou no segundo mês. Não achas cedo demais para tais preocupações? Tudo a seu tempo, meu querido. Vem, vamos dormir. Esfriou um pouco e já estou com sono. Amanhã cedo vamos ao mercado, esqueceste?

– Mercado? Que tenho eu de fazer no mercado?

– Disseste que querias falar com Apuã e sua irmã sobre as coisas da tribo, sobre Tupan-an.

– Ah, sim, é verdade. Iremos então ao mercado. Mas tu, tu trata de desembrulhar aquele chapéu que ganhaste dos Villares. Sempre soube que Sol é um perigo para gravidez, porque...

– Vou usar o chapéu, Afonso. Vem dormir.

– Vou já, vou já.

Célia fechou a janela de treliça e apagou os candeeiros, cujas chamas lutavam bravamente até então contra a brisa marinha fria. Deixou aceso apenas o do quarto. Afonso olhou mais uma vez para o teto, pensativo. Havia um ingrediente novo a acrescentar no seu trabalho de Sociologia sobre o Novo Mundo. A felicidade se fazia presente no país de Tupan-an.

### Capítulo 3 – Sismos e Cismas

O recital de Célia na corte foi um deslumbramento. A jovem Viscondessa tocou divinamente quatro sonatas de Haydn. Em seguida, para surpresa dos assistentes, passou para o cravo e de lá saíram magníficas melodias de Bach e vibrantes acordes de Vivaldi. Encantamento geral.

Todas as suas amigas das aulas de bordado estavam no salão, misturadas a Condessas, Marquesas e Duquesas, algumas destas já suas alunas de bordado, por sinal. Exigência prévia dela para tocar. Melhor seria dizer “pedido especial”, pois a ninguém era dado fazer qualquer exigência ao Príncipe Regente. Mas Afonso havia apresentado ao soberano o pedido da presença das amigas de Célia com tamanho tato e diplomacia, que fora deferido incontinenti por este. A Viscondessa havia conseguido, junto a suas inúmeras amigas portuguesas, trajes adequados para as suas numerosas amigas brasileiras.

A finíssima flor da nobreza lusitana transitava com desenvoltura pelo salão tupiniquim, pouco antes do recital, como se na Europa ainda estivesse. Sentiam-se em casa ali. E era um cruzar contínuo de colares de pérolas, brincos de safiras, pulseiras de diamantes, tiaras ofuscantes, brocados faustosos, rendas delicadas, cetins inebriantes, luvas de 12 botões, cartolas de palmo e meio, fardões impecáveis, dragonas insolentes, comendas faiscantes em peitos arfados. Lá vem Dona Mariana Xavier Botelho, Duquesa de São Miguel, a confabular ao pé do ouvido com a Sra. Marquesa de Luminaires. Passa por elas, cumprimentando-as respeitosamente, D. José Noronha Camões de Albuquerque, Marquês de Anjeja, a ter logo mais à frente com o Marquês de Açabassa e o Barão de Morro Alto, seguido dos olhares curiosos, meio escondidos por leques cravejados de pedrarias, das distintas Duquesa de Cadaval, Marquesa de Alentejo, Baronesa da Beira e Condessa de Caparica. Numa roda próxima vê-se ali, em animada conversa, o circunspecto Visconde de Anadia, o alegre Marquês de Alegrete, o empertigado Conde de Cavaleiros e o nosso esbelto Visconde do Minho. E por entre damas e cavalheiros, desliza sorridente, com suas esvoaçantes sedas escarlates, o cardeal Capelli, sempre dando explicações aqui e ali sobre sua presença nos trópicos, sem autorização expressa da Santa Sé segundo se comentava à boca pequena.

A um sinal do ajudante de ordens de D. João VI, a Sra. Viscondessa do Minho deixou a roda de suas alunas e se dirigiu ao piano. Automaticamente se formou em volta dela a roda dos ouvintes atentos.

D. João VI ouviu a performance da Viscondessa do Minho com nítida satisfação. Alguns conselheiros chegaram a se preocupar quando ele fechou os olhos, mas o sorriso estampado no rosto assegurava não ser sono, e sim deleite, o aparente alheamento real.

A apresentação terminou sob uma ovação de três minutos. D. João VI fez sinal para que Célia se aproximasse e lhe disse com aquele seu ar bonachão e sua real mania de referir-se a si próprio na terceira pessoa:

– Sua Majestade muito se alegrou com tão belos dotes musicais, senhora Viscondessa.

Célia fez uma reverência discreta em agradecimento e beijou a real mão a ela estendida, sinal de que o soberano estava realmente deliciado. A fama de Célia, não procurada e muito menos por ela desejada, cresceu sobremaneira naquela noite.

Seu brilho só encontrou paralelo no desencadeado pelo compositor mulato padre José Maurício, que tocou em seguida. Afonso ouvira falar dele numa conversa de nobres e foi ouvi-lo tocar no cravo da Igreja. Maravilhado, recomendou-o a D. João VI para a apresentação daquela noite na corte, o qual acatou de pronto a indicação. E não se arrependeu. Verdade que, durante o recital, alguns olhares escravocratas de certos fidalgos mostravam indisfarçável surpresa e certo desconforto em ver um mulato tocar tão bem. Mas o olhar de Sua Majestade era de encantamento, assim como o de Célia, que ouviu o padre realmente embevecida. No dia seguinte, apressou-se em escrever ao seu amigo Sigismund Neukomm, compositor e pianista austríaco, convidando-o a conhecer o Brasil e, de quebra, travar contato com um fenômeno musical na figura de um virtuose padre mulato. Sigismund não pôde aceitar o convite de imediato, mas veio de fato em 1816, permanecendo em terras brasileiras até o ano de 1821. Foi um grande amigo e admirador do padre José Maurício.



Há dez dias Afonso havia dado início à construção da nova residência dos Monteiro de Mello, não muito longe da atual, como Célia já garantira ao seu séquito sempre crescente de admiradoras brasileiras. Logo cedo foi verificar o andamento da obra, e em seguida retornou para casa. Hoje era o dia de ir ao mercado, conhecer Apuã, sua irmã, e as histórias da tribo.

Seguiram a pé até o mercado, distante cerca de meia légua do conjunto de casas onde moravam. Afonso ainda insistiu para irem de coche ou mesmo de charrete, pois não seria difícil conseguir uma, mas Célia recusou. Estava grávida, não entrevada. Já tinha enjoado por uma vida inteira durante a viagem ao Brasil; o que estava sentindo nas

últimas semanas não era nada perto daquilo. Além disso, gostava de caminhar, ainda mais hoje que não ventava e o pó permanecia aderido ao chão, colado pela umidade matutina.

Iam ambos cumprimentando os conhecidos pelo caminho, e não poucas eram as paradas sempre que uma ou outra amiga mais entusiasmada da Viscondessa queria conferir de perto aquele chapéu largo com fitas e véu, e saber detalhes adiantados de bordados e outros assuntos. “Paciência é uma virtude”, proferia seguidamente Afonso em pensamentos para si mesmo durante esses intervalos compulsórios. No último deles ficou admirando um casal de pássaros desconhecidos, que passeava tranquilamente pela orla, sem se deter ao cruzar com outros da mesma espécie.

Chegaram, por fim, ao mercado, já bastante movimentado àquela hora do dia. Célia procurava adquirir alguns produtos de que sentia falta, ia sem pressa de barraca em barraca. Afonso impacientou-se:

– Célia, os índios...

– Calma, já vamos ter com eles. Há tempo de sobra. Eles sempre ficam no final do mercado.

Afonso olhou em volta. Só via a ele, homem, acompanhando a mulher nas compras. “Talvez, no futuro, daqui bem a uns duzentos anos, quem sabe os maridos sintam prazer em acompanhar suas mulheres às compras...” Assim pensava o Visconde, enquanto Célia escolhia com muita, muitíssima, extrema calma, um pote de mel. Concluída, por fim, essa última operação, segurou com força o braço do marido e caminhou algo mais apressada para o final da fileira de barracas, onde normalmente ficavam Apuã e Coacira. Os irmãos índios estavam sentados numa esteira, diante de várias ervas, raízes e belos adereços de contas e penas. Não tinham barraca, mas pareciam não se incomodar com o Sol e o calor crescente.

– Salve, Apuã! Como tens passado?

– Grande alegria ver senhora Célia! Apuã estar bem.

– E tu, Coacira? Conseguieste-me a erva para mal de mulher preña?

– Coacira feliz. Erva mulher preña pouca. Calor grande. Pouco chá. Senhora Célia voltar.

– Obrigada, minha querida. Na semana que vem voltarei e então tu me darás mais da erva, está bem?

– Está bem, disse a moça com um sorriso tímido.

Afonso observava com vivo interesse os dois silvícolas. A vida na mata certamente contribuíra para torneá-los com tamanha perfeição, e a pele rubro-bronzeada tanto poderia ser efeito direto do Sol como uma proteção natural contra a irradiação aumentada nos trópicos. Eram muito belos, sem dúvida. Rostos expressivos, olhos escuros vívidos, algo oblíquos, cabelos igualmente escuros, muito lisos e brilhantes. O cabelo de Coacira chegava até o meio das costas, cortado reto. Uma faixa de pano colorido cingia sua fronte. Sentavam-se absolutamente eretos, sem precisar de encosto. Um fio de prumo encostado em suas cabeças encontraria o solo sem tocar em parte alguma de seus corpos. Vestiam-se com peças de couro cru amarronzado, certamente de algum animal que caçavam. Apuã tinha o dorso nu, enquanto Coacira trazia uma faixa grossa do mesmo tecido cobrindo o busto.

– Apuã, este é meu marido, Sr. Afonso. Ele gostaria de te fazer algumas perguntas.

Os dois índios fitaram Afonso por alguns instantes. Coacira logo baixou a cabeça; parecia algo envergonhada. Apuã se levantou.

– Senhor Afonso perguntar. Apuã responder.

Altivos. Esta era outra impressão que emanava de ambos.

– Apuã, antes de vir ao Brasil eu estudei detidamente os costumes e a cultura dos povos indígenas da terra, conforme relatado pelos que vieram antes de nós. Ninguém nunca falou de Tupan-an, nem deixou nada registrado a respeito. Quem é ele?

– Tupan-an grande espírito protetor, regente do país chamado Brasil. Homens vindos do mar chamar Brasil país de Tupan-an.

– Sim, Célia me contou. Mas diga, onde mora Tupan-an? Onde ele reina? O que faz?

– Tupan-an vive no reino que não se vê. Sabemos da sua presença. Ele guiar nosso povo há muitas chuvas. Guiar agora também.

– Como se chama sua tribo?

– Somos Tipuras.

– Tipuras, Tipuras... Não me lembro dessa tribo.

– Viemos do povo Tupinambás, nação Tupi, há muitas luas e muitas chuvas.

– Ah, sim, Tupinambás, naturalmente. O povo mais numeroso na região do Rio de Janeiro na época do descobrimento. As demais tribos também conhecem Tupan-an?

– Não conhecem mais. Nossa tribo preservar antiga sabedoria.

– E sabes a razão disso?

– Um Tamoio de olhos ruins plantar mentiras dentro da nação Tupi e dentro da nação Guarani, há muitas chuvas. Dizer que Tupan-an abandonar índios dele, que ele agora cuidar de outro país. Outro espírito cuidar de todos nós, um espírito mais sabido e mais forte. Homens sábios nada poder fazer.

– Homens sábios... Queres dizer, os pajés?

– Não, homens sábios. Não existir pajés naquele tempo, nem feitiçarias, nada. Existir caciques e homens sábios. Só.

– Por que os outros povos acreditaram no Tamoio mau?

– Porque falava com grandes palavras. Ninguém conhecer mentira época passada. Nem existir som para dizer isso mentira no país de Tupan-an. Todos acreditar, até os caciques. Só os homens sábios não acreditar nele.

– E o que os homens sábios diziam?

Célia interveio.

– Afonso, penso que estás a cansar um pouco Apuã. Vê, ele precisa vender seus produtos.

– Sim, tens razão. Para que servem essas pedras, Apuã?

– Senhor Afonso homem bom, não cansar Apuã. Pedras servir para atrair pequenos espíritos da floresta. Olhar para elas com coração alegre, coração agradecido por beleza. Gratidão soar no mundo deles como chamado, e eles aproximar casa nossa. Muito bom ter proteção dos pequenos espíritos. Vida sorri.

As palavras de Apuã pareciam ter despertado alguma lembrança boa em Coacira, porque ela prontamente levantou o rosto e sorriu para os dois estrangeiros, tal como a vida parecia sempre sorrir para ela. Os Monteiro de Mello retribuíram prontamente o sorriso, cativados e algo surpresos.

– Vamos, Afonso. Deixemos nossos amigos brasileiros natos. Outro dia poderás conversar mais com eles.

– Senhor Afonso poder ir tribo se quiser. Poder ver costumes, poder aprender. Homem sábio Tipura poder contar mais coisas. E Afonso poder contar coisas para ele. Tipuras também gostar aprender coisas boas do branco.

– Ah, sim, seria ótimo! Claro! Na aldeia, evidente. Poderia ser hoje, não?

- Afonso!
- Ele está a convidar-nos, Célia. Não podemos recusar. Onde já se viu? Que pensará ele dos costumes do homem branco? Dirá que somos arrogantes ou coisa pior.
- Tenho afazeres também, esqueceste? E este Sol...
- Sim, sim, é facto. Vamos então. Meu caro Apuã, foi grande a satisfação em conhecerte e também tua irmã. Gostaria também de convidar-vos a estar em nossa casa algum dia. Célia sabe preparar muito bem um peixe grande...
- Caboroaçu.
- Esse mesmo. Fica muito bom com um tempero cor de terra...
- Anitenga.
- Isso.
- Apuã ir feliz com Coacira casa Afonso. Senhora Célia grande amiga, muito grande amiga. Senhor Afonso também amigo. Senhor Afonso dever ir na tribo antes. No dia chamado domingo não ter mercado e poder ver tribo inteira e costumes.
- Daqui a três dias então. Sim, está muito bem. Sua tribo fica longe? Como alcançá-la?
- Apuã esperar senhor Afonso aqui, domingo de manhã, hora do Sol vermelho<sup>1</sup>. Ir juntos para tribo. Caminhada difícil para senhora Célia, melhor não vir. Senhor Afonso trazer água. Final do dia Apuã levar senhor Afonso de volta.
- Entendido. Ótimo! Até mais ver então!

Os índios fizeram um leve aceno de cabeça. Célia entregou algumas moedas a Coacira em troca de um maço de ervas para fadiga (já que ela ainda não tinha para enjôo) e o casal Monteiro se retirou. Na volta, Célia ainda encontrou uma amiga brasileira no mercado e trocaram algumas poucas palavras. Era visível que agora estava de fato cansada.

Afonso vinha calado no caminho de volta. Tipuras, homens sábios, Tupan-an... Nada disso estava nos tratados de Etnologia sobre os povos do Brasil, que havia estudado com tanto afinco antes da viagem ao país. “Como é que ninguém ouviu falar dessas coisas? Terá sido invenção de Apuã? Mas ele pareceu tão convincente... Teria mais a dizer, parece... Vou ter muito que contar a meu filho.”

---

<sup>1</sup> Crepúsculo matutino.

– Afonso, estava a pensar... ainda não vi a construção de nossa casa. Muito me aprazaria...

– Estão a posicionar os alicerces. O terreno aqui é muito argiloso. Vai demorar um pouco mais ainda. Quando as paredes estiverem a ser levantadas, levo-te lá.

– Está bem. Queria ver o tamanho do quarto de nosso filho, que incluístes no desenho, se está corretamente localizado em relação ao Sol. É importante que a janela não dê para o sul.

– Passo lá amanhã pela manhã e verifico isso. Não te preocupes. Tenho hoje de entregar um trabalho de tradução de francês para o Conde do Douro. Ele está a aprofundar-se nos relatos das conquistas de Napoleão. Quer entender os movimentos de estratégia. Pretende com isso auxiliar o Príncipe Regente a tomar decisões nesta atual situação, com as tropas francesas estacionadas em Portugal.

– Nem aqui nos livramos da política.

Célia parecia um pouco irritada, situação rara de fato. Mas também compreensível: era o Sol já virando um forno, os enjões que começavam a incomodá-la com frequência cada vez maior, as pernas inchando, o cansaço sempre presente...

– Célia querida, tira a tarde para descansar. Posso comer algo nalguma taberna na volta, e o Conde também sempre gosta de me ver apreciar sua coleção de queijos. Não precisas preocupar-te com o jantar.

– Boas falas. Não posso mais nem olhar para o peixe grande, ou para um de qualquer tamanho, ou mesmo para qualquer coisa que venha do mar sem sentir o estômago a revirar como um rodamoinho. Vou fazer como dizes. Amanhã é aula de bordado. Tenho de estar bem disposta.

– Imagino quanto. Amanhã trago-te novos gêneros de alimentos, que têm chegado em abundância. Algo não há de te fazer mal.

Desde que D. João VI decretara a abertura dos portos do Brasil às nações amigas, ainda durante sua estada em Salvador, o movimento no Rio de Janeiro havia aumentado exponencialmente. Semana após semana crescia o número de navios, quase todos ingleses, trazendo toda sorte de mercadorias importadas, que faziam grande sucesso entre os nobres da cidade e, aos poucos, também entre a população mais humilde. Navios de guerra ingleses também estavam sempre presentes no horizonte, desde que o Rio de Janeiro tinha se tornado o quartel-general da Marinha Real Britânica na América do Sul.

O movimento nas ruas, naturalmente, também aumentava visivelmente, o que desgostava um pouco os Monteiro de Mello, que apreciavam muito o ar ainda bucólico da cidade em que moravam. Naquele tempo o Rio de Janeiro tinha só 46 ruas, seis becos e quatro travessas. No que dependesse deles tudo poderia ter permanecido assim, como no início. Sem as grandes variedades de queijos e carnes de que agora dispunham com facilidade, sem tecidos de linho, águas de cheiro, porcelanas, relógios e tudo mais que a classe dos comerciantes, cada vez mais numerosa, se apressava em trazer da Europa e Ásia e a alardear aos potenciais compradores. “Não há como deter a roda do progresso, esta é que é a verdade”, dizia Afonso à mulher, como que consolando-a.

Na sexta-feira, a aula de bordado transcorreu como de costume, com a diferença de que mais duas alunas vieram juntar-se ao grupo da professora Célia. No sábado, Afonso passou o dia traduzindo parte de um documento, desta feita em inglês, também para o Conde do Douro. Depois do jantar, constituído de uma sopa de legumes, completamente sem sal, para não causar nenhum engulho a Célia, esta se pôs a bordar uma das peças de roupa de bebê que a senhora Condessa de Vilaça lhe havia dado, enquanto Afonso continuava trabalhando à luz de um candeeiro.

– Não é hora de parar, querido? Vais estar cansado amanhã.

– Sim, é melhor parar. Não conheço os percalços de uma caminhada pela selva, mas fácil não há de ser.

– Tu vais mesmo com Apuã até a tribo?

– Ora essa, naturalmente que vou. Pois se já ficou tudo combinado. Vou encontrar-me com ele no mercado, esqueceste?

– Poderias dizer a ele que estás um pouco fatigado por conta do trabalho, que seria melhor um outro dia ou que...

– Célia, que há contigo? Não queres que eu vá conhecer a tribo de Apuã e seus costumes? Não percebes o quanto isto é importante para o meu trabalho? Estarei de posse de conhecimentos que ainda ninguém teve deste povo. Tudo leva a crer que será assim. O material colhido será base de um belo tratado, inédito, um livro talvez. Não pensas nisso?

Silêncio por alguns instantes.

– Irás perder a missa.

– Diz ao padre Alcides que falo com ele na semana que vem. Há de entender. Não vou perder a alma por faltar a uma missa, podes ter certeza.

- Faz como quiseres então. Vou dormir.
- Só vou organizar os papéis aqui e logo vou também.

A conversa não chegou a ser uma discussão, muito menos uma briga. No máximo uma pequena altercação, poder-se-ia dizer, e sem muita gravidade. Mas mesmo assim era algo pouco comum entre aquele casal que se entendia tão bem. Momentos de irritação eram normais numa vida em conjunto, mas a causa, quase sempre, era um ou outro atraso no preparo das refeições, quando o estômago impaciente de Afonso destronava sua habitual fleuma e vincava um pouco a testa. Desentendimentos por outros motivos eram mesmo muito raros entre os dois.

O novo relógio helvécio do Sr. Visconde tilintou bem cedo, como ajustado. Afonso não resistira ao ver a peça à venda no mercado, junto a outras maravilhas tecnológicas. Uma novidade total: um relógio com ponteiros de segundos! Demais! Onde é que esse mundo vai parar?...

Célia se mexeu um pouco na cama e voltou a dormir. Afonso tomou uma refeição frugal, encheu o cantil de água, vestiu-se com uma roupa de montaria e saiu. O dia amanhecera um pouco nublado, mas não suficiente para encobrir o Sol vermelho. Alguns minutos depois chegou ao local combinado. Apuã já estava lá, de pé, com ar sério.

Trocaram algumas poucas palavras e puseram-se em marcha. Era visível o esforço de Apuã para andar mais devagar, com cuidado, para que seu convidado pudesse acompanhá-lo. O percurso foi feito em quase uma hora e meia, o dobro do tempo que Apuã levaria se viesse sozinho. Finalmente chegaram a uma clareira, onde ocas altas, bem construídas, estavam posicionadas em círculos concêntricos, de frente umas para as outras.

A tribo dos Tipuras era pequena, a bem dizer quase minúscula se comparada com as outras nas imediações. Umhas duas centenas de indivíduos no total, se tanto, calculou Afonso. Mas eram felizes, isso era fácil de ver.

Crianças corriam alegres de um lado para outro. Para sua surpresa, todas estavam vestidas. Com paninhos bem curtos, sim, mas todas vestidas. Jovens índios conversavam entre si e riam. Um grupo se balançava em cipós, como se fosse um tipo de competição. Quatro deles participavam do que parecia ser um treino de luta. Algumas mulheres mais velhas teciam uma espécie de peneiras de fibras. Várias moças estavam reunidas em grupos, socando uma massa esbranquiçada no que pareciam ser pilões primitivos. Afonso reconheceu Coacira num desses grupos. Apuã gritou algo na língua dele e ela veio em seguida. E chegou com um sorriso.

- Coacira feliz homem branco bom tribo. Levar mais ervas senhora Célia.
- Obrigado, Coacira. Levo sim. Ela vai ficar muito agradecida e feliz.
- Senhor Afonso querer conhecer homem sábio? perguntou Apuã. Ele saber sua vinda.
- Sim, claro, vamos.

A oca do homem sábio ficava um pouco mais afastada do último círculo de ocas, e era mais alta que as demais. Havia uma outra, de igual tamanho, ao seu lado.

– Essa outra oca ser do cacique Abapurema e mulher, explicou Apuã. Não estar na tribo hoje. Sair com caçadores. Vamos entrar oca de Aparauã, o homem sábio.

Afonso esperava se deparar com um velho alquebrado, de cócoras, desenhando símbolos misteriosos no chão e pronunciando coisas incompreensíveis com uma voz rouca. Surpresa! Assim que entrou, surgiu à sua frente um homem de meia idade, vigoroso, de riso aberto, que o cumprimentou com um aperto de mãos.

– Conhecemos alguns costumes do homem branco, disse Aparauã alegremente, num português perfeito. Sejas bem-vindo à nossa tribo, ou aldeia como costumais chamar, não é assim? Aprendi teu idioma com os missionários. Também o ensino aqui. Alguns até leem um pouco. Apuã disse-me que desejas saber mais da nossa cultura. Pois pergunta, Afonso. Posso chamar-te Afonso?

– Sim, claro, senhor homem sábio, quer dizer, senhor Aparauã...

– Só Aparauã.

– Perfeito. Meu amigo Aparauã, que seja.

Sorrisos abertos entre os dois. Apuã disse alguma coisa para Aparauã e se retirou em seguida.

– Apuã precisa ajudar no preparo da carne de caça. Vai te esperar depois, junto ao tronco oco, na entrada da tribo. Tu podes andar pela tribo como bem quiseres. Todos já sabem de tua presença aqui hoje e que és amigo de Apuã.

– Obrigado! Pois então, Apuã falou-me algo de Tupan-an, de como o saber da existência desse grande espírito se perdeu junto aos outros povos indígenas, falou do Tamoio de olhos maus...

– Isto foi há longos tempos. Todos os povos da nação Tupi acreditaram nas mentiras dele. Os Guaranis também, mais tarde. A partir daí, os pajés de todas as tribos passaram a ter grande importância na vida dos meus irmãos. Eles tinham medo do

novo regente, que supostamente seria mais poderoso que Tupan-an. E os pajés, que antes eram grandes mestres da cura, passaram a ser somente mestres da mentira, a inventar feitiços e rituais para agradar o novo regente do país.

– E os homens sábios? Nada fizeram?

– Sim, eles avisaram e avisaram, sem descanso. Previram imensas tristezas para os índios que virassem as costas para Tupan-an. Mas de nada adiantou. A superstição, como diz o homem branco, entrou na vida dos índios e nunca mais saiu. O que nenhum homem branco sabe é que no começo não era assim.

– Todos os povos daquele tempo acreditavam em Tupan-an?

– Não só acreditavam como procuravam seguir seus ensinamentos. Hoje, há índios que até levam excursões de homens brancos para encontrar e derrubar as grandes árvores vermelhas e as árvores de leite. Nada mais é sagrado para eles.

– Por que os Tipuras não agiram como as outras tribos?

– Naquele tempo meu povo não tinha um homem sábio, mas sim uma mulher sábia. Muito sábia e muito severa. Ela fora escolhida pelo homem sábio anterior. Ele havia dito que ela era a Tipura mais sábia, e que fora escolhida pelos deuses para manter o povo no caminho certo.

– E porque o povo acreditou nela quando as mentiras do Tamoio começaram a se espalhar?

– Afonso tem muitas perguntas...

Afonso riu meio sem graça. Aparauã deu um sorriso e continuou:

– Porque ela percebia coisas que aconteciam no reino que não se vê. Disse que teias estavam a descer sobre os povos Tupis, teias ruins, escuras, que sufocavam as aspirações boas e os pensamentos bons dos índios. Se algum Tipura quisesse se prender nessas teias, então devia deixar a tribo, pois esta teria de permanecer livre disso. Livre para sempre, para poder continuar a acolher as verdadeiras leis da Criação.

– E houve quem sáisse?

– Sim, no começo. Alguns que tinham visto os novos rituais das tribos vizinhas. Estes saíram para nunca mais voltar. Mas foram poucos, depois não houve mais saídas. Meu povo tem permanecido fiel aos ensinamentos de Tupan-an até hoje.

– O que prescrevem os ensinamentos de Tupan-an?

– Isto não te posso dizer. Não sem antes falar com o cacique Abapurema. São ensinamentos sagrados...

– Entendo.

Afonso tentou disfarçar a decepção. Os tais ensinamentos eram, sem dúvida, o cerne da crença daquele povo. Se não conseguisse obtê-los, seu trabalho perderia muito em substância.

– Achas que Abapurema permitirá que eu conheça os ensinamentos?

– Primeiro ele vai olhar dentro de teus olhos, e vai perguntar o que pretendes fazer com eles.

Afonso pigarreou e continuou:

– Todos os Tipuras creem na existência dos pequenos espíritos da floresta?

– Sim, todos. São seres da natureza. Nossos antepassados os viam. Hoje ninguém mais os vê. Não sabemos a razão. Mas continuamos a acreditar neles. Os outros povos riem de nossa crença, mas não nos importamos. Eles acreditam em todos os tipos de demônios, mas não creem mais nos seres da natureza.

Afonso estava vivamente impressionado com o que tinha ouvido até ali. Era tudo novo, diferente. Uma antiga crença, praticamente extinta, perdurava numa pequena tribo quase esquecida, logo ali, nas imediações do Rio de Janeiro. Fascinante...

– Mal sabem eles que os demônios que tanto os apavoram são formados por eles mesmos, por seus maus pensamentos e maus sentimentos, no mundo que não se vê...

Aparauã falara com o olhar meio perdido para cima, como que para si mesmo. Ficou alguns instantes assim e em seguida virou-se para o novo amigo, que parecia não estar entendendo bem essa última revelação.

– Está quase na hora da refeição em conjunto. Não queres passear pela tribo? Em breve Apuã estará à tua espera junto ao tronco oco.

– Sim, vou explorar, no bom sentido, as coisas por aqui em sua bela aldeia. Obrigado, Aparauã!

– Podes voltar à tribo quando desejares. Serás sempre bem-vindo. Tens olhos bons, embora de uma cor que nunca vi.

Sorrisos e num novo aperto de mão selaram a conversa. Afonso saiu da oca e se pôs a passear pela tribo. De longe avistou o tronco oco. Apuã ainda não estava lá.

O Sol já estava bem mais quente e o movimento havia se reduzido visivelmente. Só as crianças continuavam na mesma algazarra. “Criança é igual em qualquer parte do mundo”, pensou sorrindo. “Não se cansam nunca.” Afonso imaginou seu filho correndo por ali, nadando nos rios com seus amiguinhos Tipuras. Dois grupos de moças ainda socavam a massa esbranquiçada, naturalmente uma nova porção. Deviam fazer algum tipo de pão com aquilo. Iria perguntar a Apuã.

Aproximou-se lentamente de um dos grupos de moças e ficou observando à meia distância. Se perceberam sua presença não fizeram caso, pois continuaram o trabalho como antes. Uma das moças lhe chamou a atenção. Pela estatura. Quando ficava ereta para dar um novo golpe na massa ela suplantava em pelo menos um palmo as demais em altura. Estava de costas para ele, de modo que podia observar demoradamente essa sua característica sem constrangê-la. Seu cabelo também era mais comprido, e sua vestimenta também parecia um pouco mais longa que as das outras índias. Curioso, aproximou-se um pouco mais e notou que, ao contrário das demais, a moça Tipura alta também não ria com estardalhaço. Falava pouco também, é o que podia deduzir, pois nada conseguia ouvir. Aproximou-se mais. Uma das outras moças percebeu a presença do estranho, parou de bater na massa e sorriu para ele. A moça alta também parou ao ver a amiga sorrindo, virou-se e viu Afonso.

Os olhos dos dois se fixaram por um momento. Afonso ficou como que petrificado. Que olhos eram aqueles? Verdes, muito verdes, da cor das folhas mais altas das árvores. A moça também parecia de certo modo estática, com o olhar fixo nos olhos acinzentados de Afonso, uma cor que nunca vira na vida. Os olhos de ambos pareciam ligados entre si por uma ponte nivelada. Nenhum dos dois piscava. Nenhum som. Foram alguns segundos apenas, que a ambos pareceu uma eternidade.

Afonso sentiu algo dentro de si. Parecia uma dor aguda, como que de punhal, mas não exatamente. Alguma coisa o abalava por dentro. Abalava muito. Sentiu as pernas bambearem. Abaixou a cabeça e sentou-se, quase caindo, numa pedra ao lado. A vista turvou-se um pouco, mas não o suficiente para impedir que voltasse a olhar para a moça alta. Percebeu que ela ainda o fitava, e que suas mãos tremiam ligeiramente. A moça ao lado dela, antes risonha, estava agora com uma expressão muito séria no rosto. Puxou-a rudemente pelo braço e ambas deixaram o grupo que socava a massa branca.

O suor abundava na testa de Afonso. Apuã, que já estava ao lado do tronco esperando por ele, viu o amigo de longe com a cabeça apoiada nas mãos e correu ao seu encontro.

– Senhor Afonso muito tempo debaixo Sol! Pouca água beber no caminho para tribo. Precisar descansar. Beber mais água. Vir até oca de Apuã.

No mesmo instante em que se desencadeava aquele sismo duplo na aldeia, um abalo semelhante atingia a senhora Monteiro de Mello. Célia estava sozinha em casa, limpando o fogão, quando de repente sentiu uma tontura, seguida de uma dor aguda no peito, indefinida. Inicialmente pensou tratar-se de mais um mal estar da gravidez, mas descartou de pronto. Não era nada físico, antes uma dor íntima, de alma. Dor aguda, profunda. Dor envolta num intenso tremer interior. Um abalo anímico, que se refletia no corpo como ondas de um terremoto. “Afonso!” Afonso estava em perigo, era o que pressentia. Um acidente? Uma cobra o teria picado? Um escorpião? Célia sentou-se em prantos, com o ar lhe faltando. Tinha que pedir socorro, assim que recuperasse as forças.

Nesse meio tempo Afonso se levantava apoiado em Apuã, e ambos se dirigiram até sua oca. Bebeu água do cantil e deitou-se na esteira do amigo. Aos poucos as forças lhe foram retornando, e com ela também um alento de certa calma. Tentava colocar as ideias em ordem. “O que me aconteceu? Por que senti tamanho abalo ao ver aquela moça? Aqueles olhos... De quem são? O que eles querem de mim?...”

– Senhor Afonso melhor? Sentir fome? Comida quase pronta.

– Estou melhor, Apuã, obrigado. Não tenho fome.

– Senhor Afonso descansar mais. Apuã chamar quando refeição principal pronta.

– Sim, está bem. Diga-me uma coisa, Apuã. Quem é aquela moça alta que estava a bater na massa?

– É Capotira, filha de Ubiratanga e Saíra. Ubiratanga e os outros estar fora, com cacique. Saíra voltar para mundo dos espíritos quando Capotira ainda criança. Capotira muito boa moça, não falar tanto como as outras, rir sem barulho. Conhecer muitas ervas. Trazer dom da cura. Boa moça.

– Notei a cor dos olhos dela...

– Verdes, sim, muito verdes. Única Tipura de olhos desta cor. Tipuras sempre ter olhos pretos, sempre. Mas os de Capotira ser verdes. Capotira querer dizer “flor do mato que floresce sozinha”. Os pais escolheram nome por causa da cor dos olhos dela, mas ela mesma ser assim, florescer sozinha. Ficar longo tempo sozinha, a ouvir as estrelas.

– Entendo. Imagino que esteja comprometida com algum nobre irmão.

– Araruê ter grande amor por ela, mas nada conseguir. Capotira disse seu coração não ser dele. Araruê ficar muito triste.

– Ela disse de quem é o coração dela?

- Disse não ser de ninguém. Afonso vai colocar isso história nossa tribo?
- Talvez ponha algo desse tipo ou outras coisas, assim, pitorescas.
- Pi-to-res-cas...
- Sim, algo interessante, divertido, gracioso.
- Capotira ser graciosa.
- Sim, é. Todas as índias daqui são.
- Senhor Afonso comer agora refeição principal. Todos na tribo comer juntos. Afonso sentar ao lado Aparauã.

Nesse ínterim, Célia também havia se acalmado. Já não temia pela vida do marido. Ele estava bem, isso sabia. Mas a saudade que sentia dele não era deste mundo. Gostaria de poder jogar-se em seus braços agora, e ficar assim até o amanhecer. Quanto tempo ainda demoraria para chegar?

Quando saiu da oca, Afonso deparou-se com toda a tribo sentada em duas rodas concêntricas. Apuã lhe indicou um lugar na roda interna, ao lado do homem sábio. Discretamente percorreu com os olhos os lugares nas duas rodas. Capotira não estava ali. Os índios conversavam animadamente. Afonso sentou-se no lugar indicado, e Apuã a seu lado.

- Estás a gostar da aldeia, Afonso? perguntou Aparauã.

Uma pergunta amável de seu novo amigo, porém sem aquele sorriso de antes. Pelo contrário, o tom era de quem perscrutava alguma coisa.

- Ah, estou a gostar muito, muito mesmo. É tudo muito interessante. Gostaria de voltar para fazer algumas anotações...
- Pois podes vir quando desejares, já te disse. Da próxima vez, o cacique deverá estar presente e poderás conversar com ele também. Ele tem muita curiosidade sobre os costumes do homem branco.
- Sim, com muito gosto falarei com o cacique.

A refeição consistia daquela massa esbranquiçada assada, que Afonso veio a saber tratar-se de uma raiz nutritiva, e de carne de caça assada com ervas. Tudo muito saboroso. Havia também uma bebida, algo picante, igualmente feita de ervas. Frutas exóticas e mel faziam as vezes de sobremesa. Eleutéria iria gostar de saber dessa aventura gastronômica.

- A tribo sempre come assim, unida, Apuã?
- Não, só quando cacique mandar ou quando Aparauã querer dar orientação. Ou também quando tribo ter visita amiga.

Apuã sorriu, e Afonso retribuiu. Os Tipuras comiam com uma espécie de concha de madeira. Não usavam as mãos. Os pratos também eram de madeiras, retangulares.

- Todos estão aqui hoje? perguntou Afonso.
- Sim, menos os que partiram com cacique. Capotira também não estar, não se sentir bem. Deve ter comido raiz brava sem cozinhar tempo certo. Amanhã já estar boa.

Terminada a refeição, Afonso agradeceu profusamente Aparauã e Apuã pela acolhida. Tinha de voltar para a cidade. Apuã falou alguma coisa com Aparauã e este assentiu com a cabeça. Em seguida, Apuã convidou-o a retornar dali a dez dias para ver a dança da Festa das Três Nascentes. Afonso quis saber mais:

- Que festa é essa?
- É festa agradecimento pelas águas que Tipuras ter, explicou Apuã.
- Farei o possível para vir. Agora, nós é que precisamos ir.
- Sim, ir juntos.
- E tu, quando irás nos visitar?
- Depois da festa, Apuã e Coacira ir casa senhor Afonso. Ela pedir para entregar isto senhora Célia.

Afonso pegou o maço de ervas que Coacira juntara, fez um sinal com a mão para todos e retornou à cidade com Apuã.

Eram quase 19 horas quando Afonso finalmente chegou em casa. Célia estava de pé, em frente à porta, quando ele entrou.

- Celita!

Num ímpeto, Célia se atirou nos braços dele e apertou-o junto de si como nunca havia feito. Mais de um minuto ficou assim.

- Celita querida, o que tens? Estás a passar mal?
- Não, estou bem. E tu? Diz, como estás? Como?...

– Estou bem, naturalmente. Não vês? Foi tudo muito interessante. Depois conto-te em detalhes.

– Tens certeza que estás bem?

– Claro que sim! disse ele com um sorriso generoso.

– Queres comer?

– Não, nem posso. Venho de um banquete, se queres saber. Mas estou muito cansado. Só quero dormir.

– Afonso.

– Sim?

– Sentes-te bem mesmo?

– Claro! Só um tantinho exausto...

– Estás diferente.

– O quê?

– Diferente. Algo em ti. Não sei... Alguma coisa, algo mudou, não sei o que é. Não és o mesmo. Não terás pegado uma doença tropical?

– Acho que tu precisas mais de descanso do que eu. Deixa dessas coisas, Celita querida. Vamos pensar no nosso filhote que está prestes a chegar.

– Ainda não.

– Quase lá. Vamos nos preocupar com o que realmente importa, está bem?

– Importo-me contigo.

Afonso lhe deu um beijo rápido e foi se banhar. Logo estavam deitados, sem trocar palavra. Afonso apagou em segundos, e Célia alguns minutos depois, enquanto contemplava com uma expressão de dúvida o semblante adormecido do marido.

Naquela noite, Afonso teve um sonho vívido. Estava em pé no meio de uma clareira na mata cerrada, envolta pela névoa da manhã. Por entre as árvores apareceu uma figura esguia que se encaminhava para ele. Depois de dar alguns passos em sua direção, Afonso reconheceu Capotira. Ela vinha com um semblante sério, porém suave. Aproximou-se dele e o fitou por alguns instantes. O verde dos olhos dela parecia misturar-se ao da mata circunjacente. Então ela levantou a mão esquerda e tocou a

fronfe dele de leve com as pontas dos dedos. A mão direita ela levou ao coração dela e em seguida encostou no coração dele. Afonso sentiu uma paz estranha. Lentamente a figura começou a se desvanecer em meio a uma espécie de neblina esverdeada.

Afonso despertou de um salto. Célia dormia. Havia mais coisas no país de Tupan-an do que suspeitara a princípio. Terremotos por exemplo, e dos tipos mais inusitados. Haveria de escrever algo a respeito quando estivesse elaborando seu trabalho.

## Capítulo 4 – Sonhos e pesadelos

Os Tipuras falavam uma variante anterior ao tupi, que eles denominavam tupano. Era uma língua mais rica, com mais vocábulos e construções mais elaboradas. O tupi, mesmo em sua forma mais antiga, era a bem dizer uma simplificação do tupano. Por isso, os Tipuras não tinham dificuldades em aprender o tupi para se comunicar com as outras tribos, mas na aldeia só falavam tupano. Os índios que faziam viagens mais longas, para o sul do país, aprendiam ainda noções de guarani com Aparauã. E como muitos também aprendiam português, também por recomendação de Aparauã, pode-se dizer que os Tipuras constituíram o primeiro grupo de políglotas natos das Américas.

Enquanto Afonso, quase desfalecido na pedra, era socorrido por Apuã, um diálogo em tupano se desenrolava na oca de Abatira:

- Que te aconteceu, Capotira? O olhar cinzento do homem branco te enfeitiçou?
- Não era cinzento. Era brilhante como o relâmpago na noite.
- Por que ficaste paralisada como um japuru? Sentiste medo?
- Não senti medo, Abatira. Senti tremor dentro de mim. Minha alma sacudiu como folha de bananeira na tempestade. Parece que já o conheço. Não sei explicar. Sabes seu nome?
- Chama-se Alfonso, ou Afonso. Creio que Afonso. O coração dele é de uma dama branca. Apuã é amigo dos dois.
- Como podes dizer isso com tanta certeza? Quero falar com Apuã.
- Falarás, mas não agora. Espera Afonso ir. Vão comer agora. Tu vens?
- Não.
- Tens medo então.
- Já te disse que não. Quero pensar. Quero entender o que aconteceu comigo.
- Está bem. Depois peço a Apuã que venha te ver. Ianakuré!
- Ianakuré.

Capotira pensou no grande espírito regente do país. Ele saberia a resposta. Quem sabe poderia mostrar a ela em sonho...

Não, não podia pretender obter uma resposta assim. Era por demais insignificante para isso. Perguntaria a Aparauã. Mas não hoje. Hoje só queria falar com Apuã, saber mais do homem branco de olhos de relâmpago – olhos de amamberebe...

Capotira sentia-se muito cansada, mas não conseguia dormir. Acomodou-se melhor na esteira para descansar. Sabia que Abatira não ia comentar com ninguém o sucedido. Era sua companheira e confidente desde os tempos de criança. Ainda bem que ninguém mais notara nada. Tinha vontade de ver novamente Afonso, mas a sós, conversar um pouco com ele sem ninguém por perto. Já sabia bastante coisa da língua dos brancos. Quase tanto como Aparauã, aplicada que era nos estudos. Talvez pudesse lhe contar algo do que estava sentindo... “Perdeste a razão, Capotira? Falar de coisas que nem entendes a um estranho? Ou terás perdido o coração?...” Pensamentos confusos, atormentados, brotavam e se desvaneciam dentro da bela cabeça negra da índia Tipura.

Desconsolada, Capotira pegou um jarro cheio de contas e penas coloridas de aves. Em seguida, escolheu uma fibra bem fina de cipó amarelo de um amontoado ao lado do jarro e começou a tecer um adorno de pendurar no pescoço. “Será que Afonso gostaria de me ver com isso?”

Algum tempo depois, Apuã entrou na oca e houve mais um diálogo em tupano sobre o mesmo assunto.

– Que tens, Capotira? Abatira disse que não te sentes bem.

– Apuã, esse homem branco, Afonso, que veio contigo hoje, quem é ele? O que faz? Diga, Apuã!

– O senhor Afonso é um grande nobre português. Veio num dos navios da viagem do rei deles. Conhece muitas línguas, e escreve também coisas de muita importância.

– Ele é só?

– Vive com a senhora Célia. Mulher de grande coração. São “casados”, como eles dizem, há muitos anos. Foi isso que ela me contou. Ela espera um filho dele. Por que queres saber tanto do senhor Afonso?

Capotira baixou a cabeça.

– Capotira, escuta: o coração dele é da senhora Célia. E o dela também é dele. Tu não deves te aproximar. Vais perturbar o senhor Afonso, e deixar a senhora Célia infeliz.

– Não quero aproximar-me como pensas. Só quero falar com ele. Que mal pode haver nisso?

– Se o perturbares e fizeres a senhora Célia sofrer, atrairás o mal para tua vida. Serás mais infeliz que os dois. Tu sabes.

Capotira olhou para o lado. Depois abaixou a cabeça e ficou a contemplar o adereço de pescoço montado com tanto esmero.

– Deixa desses pensamentos, Capotira. Melhor para ti. Melhor para todos.

– Apuã...

O tom de voz da índia era quase de desespero. Apuã viu as pupilas de Capotira submergirem sob dois filetes de água de brilho esverdeado, que só faziam crescer. Logo em seguida, duas grossas lágrimas rolaram pelas suas faces bronzeadas, que no entanto estavam pálidas como cera naquele instante, sem o viço de costume. Momentos depois, mais duas gotas seguiram o mesmo curso das anteriores. Um sofrimento inusitado, despropositado, rápido, intenso.

– Apuã, meu desejo de encontrá-lo é tão grande como o céu.

Apuã olhou demoradamente para ela. Depois ergueu o olhar por uns instantes, baixou a cabeça e disse como que para si mesmo, num tom baixo, quase inaudível:

– Então tu o encontrarás, tu o encontrarás. Ianakuré.

Em seguida, saiu da oca rapidamente, sem olhar para trás.



A antiga modorra letárgica da cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro ficara definitivamente para trás. Em poucos meses o movimento crescera vertiginosamente. O tráfico de escravos também, para desgosto dos Monteiro de Mello. Pelo menos, na nova casa, Célia não precisaria mais contemplar as cenas de horror de negros esqueléticos sendo conduzidos do cais para o Mercado do Valongo, onde ficavam numa espécie de quarentena, para curar suas feridas, engordar um pouco, e assim atingir maior preço nas negociações. A nova casa ficava fora dessa rota lúgubre, indecente.

Célia sentia asco toda vez que ia à missa e se deparava com o séquito dos senhores com seus escravos. Cada qual queria mostrar quantos possuía, porque um grande número deles era sinal de prestígio incontestável. Os senhores ricos e suas famílias chegavam para a missa com suas melhores carruagens, suas roupas mais vistosas e suas voláteis

águas de cheiro. O ar dentro da igreja ficava empestado de fragrâncias de todos os tipos, nem sempre de boa qualidade. Parecia mais o interior de um templo hindu, repleto de incensos humanos. Os escravos faziam a escolta a pé e aguardavam seus senhores num local reservado a eles, não muito distante da igreja. Esse curral humano era vigiado pelos escravos dos monges beneditinos, sempre zelando para que nenhum ruído chegasse até o templo. Lá dentro, os fiéis se concentravam em acompanhar o ritual romano, procurando sinceramente cumprir os ditames de Cristo.

Afonso continuava acompanhando a construção da casa, sempre que podia. Em breve as paredes seriam levantadas e poderia chamar Célia. Tivera de renegociar os rendimentos dos construtores, porque a procura por esse tipo de trabalho tinha aumentado muito nos últimos tempos, e eles haviam recebido várias ofertas melhores. A casa ia acabar custando bem mais do que imaginara a princípio.

Mas isso não importava tanto. Era uma casa bem mais ampla. Havia até uma sala para Célia poder ministrar suas aulas de bordado. A continuar assim, ela precisaria fundar uma escola, pois até as mais arredias senhoras da corte já perguntavam pelas famosas aulas da Viscondessa. Algumas, inclusive, também queriam aprender cravo e piano com ela.

Afonso acompanhava a obra com desvelo, mas sem entusiasmo. Dava instruções, estipulava o modo de executar o serviço, fiscalizava cada etapa. Diligentemente. Contudo, seus pensamentos mais profundos seguiam numa única direção: Capotira.

“Fui gentil como sempre com Célia no retorno da tribo. Por que ela disse que eu estava diferente? Terei deixado transparecer algo? Não quero incomodá-la, não quero aborrecê-la, não quero magoá-la de nenhuma maneira. Eu a amo como sempre amei, e ela vai ser a mãe de meu filho. Por que essa vontade imensa de rever Capotira? O que está a acontecer comigo?...”. Estes eram os pensamentos do senhor Visconde enquanto acompanhava a obra.

Afonso tentava usar a razão para chegar a alguma resposta, para encontrar alguma solução. Até hoje, esse método sempre havia funcionado à perfeição com ele. O Iluminismo ainda mantinha grande influência entre os cultos europeus daquela época e ele não era nenhuma exceção. “Amo Célia. Este sentimento não mudou, tenho certeza absoluta disso, absoluta. O que é então isto que estou a sentir por Capotira? Amor? Não é possível. É uma atração irresistível, sem causa. Sim, ela é bonita, mas muitas raparigas em Portugal também o eram, e nunca senti nada parecido por nenhuma delas... Não, não é uma mera atração física, é algo maior, que não consigo conceituar nem justificar. Eu a vi uma vez, há poucos dias apenas, uma única vez, e no entanto a imagem dela

está como que cinzelada na minha memória. Não há uma explicação lógica para isso. Não há. Aquele sonho... tão nítido, tão real... O que é isso? Que fazer, que fazer?..."

O Sr. Visconde do Minho sofria. Queria rever Capotira, se possível a sós. Gostaria de falar com ela, contar-lhe de seu estranho sentimento. Só isso. Tinha certeza de que ela não iria rir. Sim, ela compreenderia. A Festa das Três Nascentes das águas... Quando Apuã disse que seria mesmo? Queria ir. Amanhã falaria com ele e saberia o dia certo. Pediria a ele que o levasse lá, como da primeira vez.

Ao chegar em casa, Afonso encontrou Célia absorta num trabalho manual, tão absorta que nem reparou na sua entrada. Ficou observando calado a esposa. Bonita como sempre, mesmo na lida diária. Os cabelos louros cresciam a olhos vistos e, de vontade própria, já começavam a enrolar-se automaticamente em torno de si mesmos. Em breve os cachos dourados estariam de volta. Doce, meiga, gentil, sorriso fácil e encantador, sempre fora assim. Com todos que cruzavam seu caminho. Esta era Célia, sua amada Célia Maria. Afonso sorriu. Ela estava fazendo uma espécie de bordado, mas de um tipo diferente. Tinha algo como uma varinha metálica na mão. Nunca a tinha visto com aquilo.

– Estás tão entretida nisto que não me podes dar um beijo de boas-vindas?

Olhos claros, áureos, fitaram-no sorrindo. Sim, Célia sorria com os olhos também. Todo seu ser era só sorrisos para o seu Afonso. Levantou-se e abriu os braços sorridentes para ele.

– Quero saber da nossa casa! disse ela num abraço apertado seguido de um beijo estalado no pescoço dele.

– Vou te levar em breve lá. Vais gostar muito de ver as paredes a subir. Gostaria de te perguntar uma coisa.

– Vê isto, Afonso! É crochet.

– Kroxi?

– Não, crochet, última moda na França, pronuncia-se "crochê". A Marquesa de Alentejo esteve aqui hoje para saber das aulas de bordado e me presenteou com uma agulha e este livro de Madame Branchardière, a inventora do método. Vê que desenhos! Esses pontos... já consigo fazer este aqui, olha só. Não está a ficar uma beleza? Adivinha para quem quero fazer roupas de crochê... Para o nosso filho, oras! Não fica bem a um homem deste tamanho andar por aí com essas figuras no peito, não achas?

– Acho, acho, disse Afonso sorrindo. É muito bonito mesmo. Também vais dar aulas deste tipo de esgrima feminino?

– Quem sabe? Se aprender o suficiente, bem que o poderia. Não acreditas que possa fazê-lo?

– Claro que acredito, minha querida. Irás fundar a primeira Universidade de Corte e Costura no Novo Mundo, é isso que antevejo. E antevejo também um entalhe dourado em madeira de lei acima do portão de entrada do prédio: “Real Universidade Dona Célia Maria Candelária Simões Monteiro de Mello”.

– Qual nada! Universidade Celita!... E gravado em bambu trançado. Diz-me, o que querias perguntar?

– Apuã vai ao mercado todos os dias?

– Creio que de segunda a quinta. Por que?

– Ele me convidou para assistir uma cerimônia deles, chama-se “Festa das Três Nascentes”.

Um véu desceu sobre o semblante há pouco esfuziante de Célia. Abaixou a cabeça, sentou-se calada e pôs-se a fazer novamente o crochê, bem devagar. Ficou assim por alguns momentos e disse, sem levantar os olhos:

– Uma festa pagã.

– Que dizes?

– Uma festa pagã, Afonso! repetiu ela, agora olhando muito séria para ele. Eles são pagãos. Ou achas que alguém lá é batizado? Tu queres ir numa cerimônia lá da crença deles. Achas correto isso?

– Estou a estranhar-te. Nunca tiveste nenhum tipo de preconceito. Sempre disseste que todas as pessoas do mundo foram criadas pelo mesmo Ser supremo.

– E foram, claro que foram, mas são pagãos esses Tipuras. Cada qual deve viver e cuidar de suas próprias crenças e convicções, nada de misturas. Isto é o que penso.

– Célia, esta é uma tradição exclusiva deles. Muitas outras coisas antigas dos índios brasileiros só se mantêm preservadas neste pequeno agrupamento humano. Meu interesse é científico, antes de tudo. Um interesse muito grande. Trata-se de meu trabalho, esqueceste? Estranho tua objeção.

– Podem lançar-te um feitiço, sem que o percebas.

– Como? Que estás a dizer?... Tu és uma mulher culta, esclarecida. Pondera se há lógica no que falas.

Silêncio demorado.

– Temos que ver o berço, quebrou-o Célia.

– Ver o quê?

– O berço, é preciso encomendar um. Acácia disse-me conhecer um bom marceneiro na Rua do Ouvidor. Por que não vais falar com ele?

– Irei, com certeza. Mesmo porque desconheço o tempo necessário para se construir um leito de criança. Vários meses certamente serão precisos.

Célia fingiu não perceber a ironia. Levantou-se e foi para a cozinha preparar um chá com as ervas de Coacira. Sua cabeça começava a doer de novo do lado direito. Coisa de mulher prenha.

Enquanto a água esquentava, Célia pôs-se a pensar na sua vida presente. Como eram mesmo seus sonhos ao vir para o Brasil? Morar com Afonso numa casa à beira da praia, onde pudesse dormir com o barulho das ondas, voltar a estudar, viajar com ele pelo interior do novo país, enfim, fazer muitas e muitas coisas junto do marido. Sempre a seu lado. A notícia do novo filho só poderia incrementar ainda mais sua felicidade, se é que isso era possível. Será que ele tinha mesmo ideia de quanto o amava?... Ultimamente, às vezes, parecia-lhe que não. Este seu envolvimento com os Tipuras... Ele é um português, um Visconde, sua vida é aqui na cidade. Poderia simplesmente conversar com Apuã se quisesse saber mais sobre os costumes da tribo, não precisava ir toda hora lá. O próprio Apuã não viria em breve visitá-los? Para que então embrenhar-se de novo na mata, com todos aqueles perigos espreitando os não nativos?...

Assim pensava Célia, quando de súbito o vento bateu com violência a janela da cozinha. “Parece que vem aí uma tempestade daquelas”, pensou. Apressou-se a fechar as janelas dos quartos, atividade de que Afonso já estava se desincumbindo na sala.

E a tempestade veio, fortíssima. Rajadas de vento chacoalhavam a porta e as treliças da janela, provocando um silvo assustador por entre as frestas naturais. As telhas balançavam. A chuva caía copiosa, farta. Raios riscavam o céu escuro, trovões se sucediam ininterruptamente. Um temporal como nunca haviam visto.

– O Príncipe Regente deve estar debaixo da cama numa hora dessas, bem protegido, observou Afonso, divertido.

Célia sorriu.

– Vou dormir, Afonso. Tu vens?

– Vou já, vou já.

Afonso pensava na vida, em seus sonhos. Não haviam se transformado agora numa tempestade também? A vida vinha a segui-lo quase perfeita até há pouco. Tinha um bom trabalho, seus rendimentos aumentavam, teria um filho... um filho! Tinha a oportunidade de desenvolver seus estudos de Etnologia num laboratório virgem, intocado, quase infinito, de milhões de quilômetros quadrados... Tudo corria muito bem em sua vida...

Um trovão particularmente forte interrompeu suas ponderações. “Melhor ir dormir. Amanhã falo com Apuã.”

Afonso foi se deitar sob o ruído ensurdecedor dos trovões. Imaginava que ia encontrar Célia lendo seu livro de crochê, ela, que tinha o sono tão leve. Mas não. Surpreendentemente, ela já estava dormindo, e bem profundamente lhe pareceu. Logo depois estava ele dormindo também.



A algumas léguas dali, uma índia solitária, de olhos de natureza, contemplava pensativa o violento espetáculo na noite, através de uma fresta em sua oca. Os relâmpagos desenhavam raízes fulgurantes no céu, uma atrás da outra – amamberebes... Índios não temiam tempestades, por mais impetuosas que fossem. Desde crianças aprendiam que temporais nada mais eram do que o trabalho agitado dos espíritos da natureza. Tempestades eram necessárias, revigoravam a natureza, os raios nutriam o solo.

Capotira era uma jovem sonhadora como tantas outras de sua idade, de qualquer raça ou crença. Imaginava um dia encontrar um índio nobre de olhos bons, ao qual pudesse dar seu coração. Não seria um Tipura, isso já sabia. Na tribo somente Araruê queria trocar consigo os corações, mas ela não o amava. Nem ele nem nenhum outro moço dali. Talvez devesse viajar mais, para possibilitar um encontro com alguém dos seus sonhos. E então teria filhos com ele. E se um dos filhos tivesse o dom da cura como ela, poderia então falar com ele sobre essa arte. E ele iria poder ajudar outros doentes, trazer alento onde necessário, como ela própria já fizera tantas vezes... Sim, precisava viajar. Já estivera algumas vezes na cidade, mas lá não era o lugar certo para isso. Deveria, isso sim, travar contato com outras tribos. Talvez numa das viagens de seu pai com o cacique. Não gostava da cidade. Muito barulho e muita sujeira. Gostava apenas das

casas feitas pelo homem branco. Bem melhor que as ocas. Poderia ter uma casa dessas na floresta, por que não? Sonhava um dia morar com um jovem índio numa casa de homem branco, mas nunca em sua vida imaginara morar com um jovem homem branco numa casa de índio.

Afonso estava cansado e dormiu rápido, como a esposa. Logo depois viu-se caminhando num cenário idílico. A beleza da região não combinava com o troar dos trovões da vida real, que chegavam como batidas surdas naquela paisagem calma. Para Afonso, que caminhava lentamente por um campo florido, o som parecia provir das profundezas da terra. Enquanto caminhava, algo lhe chamou a atenção no chão. Viu uma pedra, semelhante a um topázio, brilhando intensamente logo à sua frente. Tomou a gema nas mãos e ficou admirando seu fulgor áureo, sua constituição bem proporcionada, de grandes dimensões. Feliz com a descoberta, continuou a caminhar e logo em seguida se deparou com uma outra pedra luzindo à sua frente. Parecia uma esmeralda gigante. Apanhou a segunda gema e se surpreendeu com a magnitude do brilho. Ficou comparando as pedras, uma em cada mão. Na da direita, o topázio; na da esquerda, a esmeralda. Ambas eram enormes, aproximadamente com o mesmo tamanho. As formas eram diferentes, mas reluziam com igual intensidade.

Que descoberta maravilhosa! Que presentes! Afonso estava ainda enlevado com o achado quando um estrondar mais alto vindo do solo o assustou. Depois veio outro, e outro e mais outro. A terra principiou a tremer. Terremoto! O chão começou a abrir-se sob seus pés, e ele foi sendo lentamente engolido por uma fenda que se tornava cada vez maior, enquanto tudo o mais estremecia à sua volta. Precisava sair dali! A superfície já estava quase na altura do peito. Se não saísse agora... Mas para sair tinha de usar as mãos, pelo menos uma delas. E, para tanto, teria de se desfazer de uma das jóias brutas que carregava. Afonso olhou rapidamente para elas, a fim de escolher qual teria de lançar fora, enquanto afundava mais um pouco. Não conseguia se decidir. O chão a seus pés cedia mais. Ele não se resolvia. Olhava angustiado para as duas pedras. Quando já estava prestes a sucumbir, um estrondo maior o fez acordar de súbito. O rosto banhado de suor, o coração disparado como um tropel, a respiração arquejante.

Os trovões da tempestade ainda retumbavam ao longe, embora mais espaçados. Afonso ainda tentava se recompor quando Célia começou ficar cada vez mais agitada a seu lado. Mexia-se, movia as pernas e os braços até que, por fim, despertou também com um sobressalto, quase sem fôlego. Ao ver Afonso sentado a seu lado na cama, disse com a respiração ofegante:

- Afonso, tive um pesadelo horrível, horrível!
- Calma Célia, vem cá. Está tudo bem.

– Estou assustada. Abraça-me!

– Estou aqui, Célia. Já passou, já passou.

– Foi terrível, e muito real! Estava a caminhar por uma campina maravilhosa, florida, com Sol, brisa fresca e passarinhos alegres à volta. Muito lindo. Abaixei-me para apanhar uma pedra muito bonita no solo, parecia um grande quartzo reluzente, de brilho prateado. Contemplei feliz, por longo tempo, o meu achado precioso nas mãos. Quando olhei para frente para continuar minha caminhada, tudo havia mudado. O céu estava coberto de nuvens escuras, trovões ensurdecedores enchiam o ar pesado, um atrás do outro. Não havia mais passarinhos. À minha frente só se apresentavam dois caminhos: de um lado, uma montanha íngreme, pedregosa, com arbustos secos e espinhentos; de outro lado, uma via desértica, árida, sem nenhuma sombra de vida. Eu tinha de escolher um dos dois caminhos. Tremia de medo. Tremi tanto que a pedra escorregou de minha mão e voltou ao chão. Queria apanhá-la novamente, mas estava petrificada pelo medo. Olhei para trás, e a vereda florida ainda estava lá, como antes, mas eu não podia retornar, tinha de seguir em frente. Não sabia o que fazer, não sabia! Oh, Afonso, foi apavorante!

Afonso estreitou a esposa mais fortemente para junto de si, enquanto acariciava seus cabelos e enxugava suas lágrimas. Ambos os corações batiam aceleradamente.



Na aldeia Tipura, Morfeu também cuidava de derramar seus mistérios oníricos. Capotira viu-se caminhando por uma trilha estreita à beira da floresta, numa noite de céu límpido, coalhado de estrelas. Os trovões da tempestade transmutaram-se naquele ambiente no percutir dos tambores dos Aicarás, a tribo mais próxima dos Tipuras.

Estava ela andando tranquilamente por ali, quando de repente sua cabeça foi atingida por uma luz forte, vinda de cima. Era um tipo de cor branca perolada, mais puxada para o argênteo. Com a mão protegendo os olhos, Capotira viu que o fecho de luz vinha de uma estrela grande, tão brilhante como nunca tinha visto. A luz desceu, deslizou lentamente pelo seu corpo e avançou alguns metros à sua frente. No ponto em que a luz estava focada, ela teve a impressão de ver a figura de um índio se formar, mas logo depois a imagem mudou para a de um pássaro grande, ao mesmo tempo em que a luz começava a diminuir até desaparecer. À sua frente estava agora um pássaro magnífico, da mesma cor argêntea da luz forte, de plumagem rica e densa. Encantada com a visão, ela se aproximou feliz e acariciou a cabeça do pássaro. O pássaro então ergueu as asas,

como que num cumprimento. Capotira entendeu que o pássaro era um presente dos deuses para ela, algo muito precioso e raro, do qual teria de cuidar com carinho.

Em seguida, ela se viu numa nova cena. Também era noite, com o céu igualmente coalhado e estrelas. Ela andava calmamente por uma campina, entremeada de árvores altas, ao lado do seu valioso pássaro prateado. De súbito, o pássaro foi atingido por uma intensa luz, vinda de cima. Uma luz dourada, que percorreu o corpo do pássaro e avançou alguns metros à frente dele. Ela viu que a luz vinha de uma grande estrela de brilho áureo, bem forte. No lugar onde a luz estacionou surgiu aos poucos a figura de um outro pássaro, da mesma espécie do seu, mas de cor áurea, igual à da segunda luz. Este segundo pássaro emitiu um canto maravilhoso e o seu pássaro foi para perto dele, com um salto. Capotira percebeu que o outro pássaro era uma fêmea, e de pronto entendeu que ela chamava o seu protegido. Estava, pois, prestes a perder seu lindo animal! Uma onda de desespero tomou conta do seu ser. Seu corpo inteiro tremia. A fêmea voou para o galho de uma árvore alta mais à frente e passou a cantar mais fortemente ainda. Capotira, por sua vez, estendeu para ele os braços, como numa súplica, e gritou, gritou com todas as forças, implorando que ficasse com ela. A fêmea intensificou o canto. O pássaro macho permanecia no mesmo lugar. Olhava para a fêmea, depois para Capotira, em seguida novamente para a fêmea e voltava o olhar para Capotira, que chorava copiosamente. Quando o coração de Capotira começou a bater mais alto que os tambores dos Aicarás, ela acordou com um sobressalto. A esteira de dormir estava toda enrugada. Sobre ela jazia, no canto superior, com a fibra amarela rompida, o adorno de pendurar no pescoço que havia tecido dias antes, em meio a penas coloridas molhadas de lágrimas.

## Capítulo 5 – A Festa das Três Nascentes

O dia amanheceu calmo. Nada fazia lembrar as batalhas celestes e terrestres da noite anterior. Uma leve brisa marinha era o sinal da chegada iminente de mais um dia escaldante nos trópicos, o primeiro e último alento antes de a natureza ligar a cotidiana fornalha do verão brasileiro.

Afonso acordou cedo. Célia dormia profundamente, em paz. Contemplou demoradamente sua mulher. Parecia a figura de uma princesa, com aquelas faces rosadas e o nariz arrebitado. Uma Cinderela. Lembrou-se do conto de fadas do francês Perrault, que sua mãe lia para ele quando criança, para fazê-lo dormir, e que durante o dia era obrigado a ler no original: *La petite pantoufle de verre*. Este era o título. Como depois se transmutara em *Cinderela* na sua língua sempre lhe pareceu um mistério insondável, coisa própria de contos de fada, aliás. Afonso deu um beijo leve de príncipe no rosto plácido de sua cinderélica Célia, vestiu-se rapidamente, comeu dois pedaços e meio de pão com queijo helvécio e mel e saiu rumo ao mercado.

Em poucos minutos alcançava a esteira de Apuã. Coacira não estava lá.

– Salve, meu amigo Tipura! Onde está tua irmã?

– Como estar senhor Afonso? Coacira ficar na tribo, ajudar nos preparativos.

Um cumprimento educado, mas sem muita alegria, foi o que Afonso sentiu.

– Preparativos?

– Sim, a Festa das Três Nascentes, depois de amanhã.

– Podes levar-me?

Silêncio por uns momentos.

– Apuã levar senhor Afonso. É preciso estar aqui bem cedo, ainda antes do Sol vermelho.

– Apuã, não me trates mais por “senhor”, do contrário sou forçado a chamar-te de “grande e nobre irmão Apuã”. Que te parece?

Apuã deu um sorriso contido.

– Senhor Afo..., Afonso ser homem bom, ter olhos bons, coração verdadeiro.

- Tu também, Apuã, tu também és um ser humano admirável. Agradeço-te de antemão. Estarei aqui cedo para me lewares à tribo.
- Afonso não dever machucar pessoas de quem gosta.
- Claro que não, Apuã. Por que dizes isso?
- Afonso descansar bastante antes de vir. Grande caminhada antes da dança das três nascentes.
- Entendido, estarei descansado.
- Coacira “mandar lembranças”, como dizem os brancos, para senhora Célia.
- Ah, sim, vou transmiti-las, obrigado.
- Apuã gostar muito senhora Célia. Todos cidade grande gostar muito senhora Célia.
- É verdade, Apuã, eu sei. Estarei bem cedo aqui então.

Apuã fez um aceno com a cabeça em sinal de despedida. Afonso retribuiu e foi direto ver a obra de construção da casa. As paredes já estavam quase todas erguidas. Já podia trazer Célia. Amanhã seria um bom dia. Deu algumas orientações aos trabalhadores, depois foi até a corte e passou o resto do dia lá.

À noite, durante o jantar, falou da casa nova com a mulher:

- As paredes já estão quase todas de pé. Gostarias de ir lá comigo amanhã?
- Só se for no final da tarde, amanhã será um dia cheio. Não queres mais galinha? Não é sempre que o Príncipe Regente deixa algumas delas para seus súditos.

Fazia tempo já que não tinham mais Caboroaçu à mesa. Os enjões de Célia haviam escolhido como alvo principal os frutos do mar, e pareciam ser tanto mais intensos quanto maior era o prato à mesa. Caboroaçu, o peixe grande, nem pensar... Apuã teria de se contentar com galinha ou vitela quando viesse vê-los.

- À tarde não posso levar-te, tenho de terminar uma tradução do alemão. Parece que a Coroa está a ensejar tratativas junto à Casa dos Habsburgo, na Áustria. Pelo andar da carruagem, algum tipo de casamento arranjado anda a caminho.
- Mas não podemos ir até lá no finalzinho da tarde?
- Não é aconselhável, escurece de repente aqui, por causa dos morros. Além disso, preciso estar descansado. Vamos deixar para outro dia.

– Depois de amanhã então.

– Vou até a tribo nesse dia. A Festa das Três Nascentes, como te disse.

Célia dirigiu a ele um olhar inexpressivo. Posicionou cuidadosamente os talheres sobre o prato, levantou-se e foi para a cozinha. Afonso seguiu-a com os olhos.

– Não vais criar caso com isso novamente, vais?

Da cozinha veio a resposta áspera:

– Não estou a criar nenhum caso. Fineza não chegares tarde. Tens esposa.

A razão iluminista de Afonso também não conseguia penetrar nessa implicância de Célia com suas idas a tribo. Raciocínio não era tudo afinal de contas, às vezes parecia um instrumento bem limitado para se vasculhar os recônditos da alma feminina.

Chegado o dia da festa, Afonso acordou bem cedo com a ajuda de seu fiel relógio helvécio. Alimentou-se e foi rapidamente para o mercado. Apuã já esperava por ele.

– Vamos Afonso, precisar estar cedo na tribo.

– Sim, vamos, vamos.

Desta vez, Apuã não se preocupou muito em avançar devagar. Foi no seu ritmo próprio e Afonso teve de se desdobrar para poder acompanhá-lo. Por mais de uma vez o perdeu de vista, e teve quase de correr em meio à mata cerrada e escura para alcançar o índio. Começava bem agitada a aventura do dia.

Ao chegar lá, ainda com o dia clareando, Afonso notou que todos já estavam fora de suas ocas, reunidos em grandes grupos. Não foi difícil achar Capotira. Era a mais alta. Seu coração só não acelerou mais quando a viu porque já vinha disparado pelo esforço da caminhada rápida. Capotira o viu chegar de longe e abaixou a cabeça. Só assim ela ficava na mesma altura das demais moças de seu grupo. Apuã disse alguma coisa a um menino que passava por ali e ele saiu correndo em direção a um determinado grupo. Logo em seguida, veio de lá Aparauã ao encontro dos dois.

– Alegria em vê-lo, meu nobre amigo de além-mar! disse Aparauã com um sorriso, estendendo-lhe a mão.

– Logo estarás com um vocabulário melhor do que o meu! respondeu Afonso alegre e ofegante. Preciso conhecer teus professores. Quem sabe não posso aprender um pouco de tupano com eles?...

– Primeiro terás de aprender a treinar melhor este teu físico nobre e cansado.

Risadas francas entre os dois, que pareciam mais amigos de infância do que membros de mundos tão diferentes. Uma amizade sincera brotara ali. A diferença entre colonizador e colonizado quase que se restringia aos trajes de cada um apenas.

– Cacique Abapurema chegou há dois dias. Já sabe de tua visita. Quer te ver. Vamos.

Apuã foi se juntar a um determinado grupo, enquanto os outros dois tomaram a direção das duas ocas mais afastadas dos círculos formados pelas demais. Logo estavam na entrada da oca do cacique. As ocas Tipuras eram grandes, espaçosas. Davam lugar para uma família de quatro pessoas acomodar-se sem aperto. Os ambientes eram divididos por meio de cortinas de fibras. Aparauã entrou e logo depois chamou pelo amigo, que entrou rápido. À frente de Afonso estava um homem de olhar calmo, vestido magnificamente, certamente com os paramentos da festa.

– Abapurema, este é o nosso amigo português, começou Aparauã. Nós o convidamos para ver a dança da Festa das Três Nascentes.

O cacique fixou o olhar por uns momentos diretamente nos olhos de Afonso, e em seguida disse:

– Tu és bem-vindo. Podes ir com a minha gente na caminhada até as três nascentes, se quiseres.

Aparauã olhou algo surpreso para o cacique. Era a primeira vez que um estrangeiro recebia permissão de participar também da caminhada.

– Será uma grande honra para mim, cacique, respondeu Afonso.

Iria seguramente colocar as tripas de fora nessa caminhada, já sabia, mas o esforço valeria a pena. Participar de uma festa típica de uma tribo indígena!... Afonso já antevia vários capítulos do seu livro só com as impressões obtidas com isso. Ainda pensou em falar com o cacique sobre a mensagem de Tupan-an, de que tanto queria saber, mas Aparauã parecia com pressa.

– Vou colocá-lo no grupo de Apuã, disse Aparauã.

O cacique assentiu com a cabeça e Aparauã fez um gesto para Afonso, indicando a saída. Ambos deixaram a oca e Aparauã o conduziu para junto do grupo de Apuã, o quinto numa espécie de fila já formada em frente a uma trilha larga que seguia pela floresta adentro.

Logo depois, o cacique Abapurema passou por todos e se colocou na dianteira da fila. A ordem era a seguinte: no começo da fila vinha o cacique circundado de uma tropa de quinze homens fortes, que faziam as vezes de uma escolta. Na sequência vinha

Aparauã, também com alguns homens robustos dando-lhe proteção. Depois vinha o grupo das moças, vestidas com trajes especiais, muito coloridos. Em seguida, mais um grupo de homens jovens e fortes. Depois vinha o grupo de Apuã, com Afonso em seu meio, e vários homens que mais tarde ele soube serem os responsáveis pela caça e pela pesca. Em seguida, um grupo de adolescentes de ambos os sexos e, por fim, mais um grupo de homens fortes, como proteção na retaguarda. Capotira e Abatira seguiam no terceiro grupo, o das moças com tiaras de contas e trajes longos e coloridos. As crianças e velhos permaneciam na tribo, em companhia também de um grupo de homens fortes para qualquer eventualidade. Felizmente já há tempos não havia rixas entre as tribos vizinhas, e muito menos guerras. Mas nunca se podia abrir mão da vigilância, conforme ensinara Aparauã.

O cortejo indígena começou a caminhada rumo à primeira fonte em total silêncio. Não havia conversas em nenhum grupo. Só as inúmeras espécies de animais é que se manifestavam ruidosamente à passagem dos Tipuras. E a marcha também era lenta, sem pressa, para alívio de Afonso. Quase um passeio pela mata. De vez em quando, quando a trilha ficava mais ou menos reta, Afonso conseguia divisar Capotira. Esperava de alguma maneira que ela olhasse para trás, pelo menos uma vez, mas era uma expectativa vã. Todos só olhavam para frente. Contudo, havia um jovem robusto, no grupo de homens que vinham atrás das moças, que também acompanhava com atenção o andar altivo de Capotira, o tempo todo. Afonso viu nitidamente quando um outro índio, ao seu lado, lhe deu uma cotovelada não muito discreta. A partir daí, o moço forte só olhava de vez em quando para a silhueta longilínea de Capotira, avançando serenamente à frente de seus admiradores, como uma impassível aparição de outro mundo.

Em dado momento, Afonso notou um rochedo alto às margens da trilha, repleto de inscrições. Apontou o achado para Apuã, em busca de mais informações. Apuã apenas cochichou em seu ouvido: “pedra de marcação”. Afonso queria saber mais, mas pelas maneiras de Apuã percebeu que não era o momento adequado.

Cerca de uma hora depois do início da jornada – pelo menos assim pareceu a Afonso – o grupo chegou a um paredão liso, de onde jorravam fios de água cristalina. O cacique ficou de frente para o paredão, enquanto o restante da tribo fazia uma semi-circunferência atrás dele, mantendo a disposição de formação original dos grupos. A um sinal seu, quatro homens do seu grupo avançaram trazendo um cesto largo, dentro do qual estavam três vasilhas compridas, ricamente ornadas. O cacique tomou uma das vasilhas, aproximou-se do paredão e recolheu a água que caía do alto, até enchê-la. Depois voltou-se para o povo atrás de si, ergueu a vasilha e disse com um tom de voz forte, em tupano:

– Agradecemos à mãe natureza pela dádiva da vida no país de Tupan-an. Água é vida. Água é pureza. Água é bênção. Água é presente do Grande Ser para suas criaturas. Agradecemos com nossos pensamentos, com nossos atos e com nossos sentimentos.

Apuã traduzia baixinho para Afonso as palavras do cacique.

– O Grande Ser é Tupan-an? quis saber Afonso.

– Não, o Grande Ser criou Tupan-an, assim como criou tudo o mais que existe, explicou Apuã, meio que cochichando.

Depois das palavras de agradecimento, o cacique colocou a vasilha cheia de volta no cesto, ao lado das outras duas. Rapidamente todos entraram na mesma formação anterior e o séquito prosseguiu rumo à segunda fonte. Mais uns quarenta minutos de caminhada, segundo a estimativa de Afonso, e o grupo chegou às margens de um pequeno riacho. Alguns metros a montante via-se um filete de água límpida brotar do solo argiloso. A segunda fonte estava situada numa região que não permitia a formação em semi-círculo, e por isso todos permaneceram em fila. O cacique tomou uma segunda vasilha, ajoelhou-se ao lado da fonte e recolheu a água. Depois subiu num outeiro, de modo a ficar à vista de todos e repetiu as mesmas palavras ditas junto à primeira fonte. Em seguida, todos se puseram em marcha novamente.

Transcorrida mais meia hora no cálculo mental de Afonso, a região da terceira e última fonte era alcançada pelos andarilhos. O acesso era ainda mais difícil que o da segunda. A água aqui brotava de um rochedo envolto em musgo denso e alto, de maneira que dava a impressão de uma rega ao contrário: da planta para as mãos humanas. Também aqui os índios permaneceram na mesma formação da caminhada, enquanto o cacique recolhia a água na última vasilha. Depois ele subiu com os pés descalços na própria pedra de musgo e repetiu as palavras ditas nas outras duas nascentes. Terminado o rito, o ajuntamento indígena enveredou por uma trilha mais estreita e retornou à tribo.

Ao chegar à aldeia os índios aparentemente se dispersaram, com todos se dirigindo às suas ocas para beber água. Apuã disse a Afonso que isso também era parte da festa, e o levou até a sua oca. “Uma parte bem reconfortante da festa, sem dúvida”, pensou Afonso, enquanto sorvia meio afoitamente a água fresca a ele oferecida por Apuã numa cumbuca, que nada mais era do que um estranho invólucro gigante de semente vazio. “Seria interessante conhecer a espécie dessa árvore”, pensou. Apuã fez um gesto para Afonso se sentar. Hora de descanso.

Passada cerca de meia hora, ouviu-se um apito estridente e todos se dirigiram para o centro da tribo. Lá havia uma espécie de altar primitivo, com as três vasilhas de água das fontes depositadas sobre uma formação muito bem feita de grandes pedras

calcárias, recobertas com um tecido colorido. Ao lado das vasilhas estava um tecido branco dobrado. Todos se posicionaram em volta do altar. Num canto, Afonso viu homens com tambores e com instrumentos de sopro, que logo reconheceu serem uma espécie de flauta de bambus, muito semelhantes às samponhas dos povos andinos. Seria isto uma reminiscência de um contato com os Incas em tempos remotos?... Mais uma linha aberta de pesquisa. Essa tribo era mesmo uma fonte permanente de surpresas e mistérios a decifrar.

As flautas tocaram e três jovens aproximaram-se do altar. Uma delas era Capotira. O coração de Afonso voltou a bater em compasso acelerado. A Afonso pareceu que Capotira não andava, mas sim deslizava pelo chão até ficar lado a lado com as outras. As três se posicionaram em frente do altar, de mãos dadas. Em seguida, começou uma música diferente, uma melodia suave de tambores leves e flautas, e as jovens começaram a se movimentar. Agora, já sem se dar as mãos, elas dançavam ao ritmo da música e se moviam em torno das vasilhas, sempre no mesmo sentido. Os corpos ondulavam delicadamente, como águas de um riacho, e os braços acompanhavam. De súbito, o apito soou, a música parou e no mesmo instante pararam também as dançarinas.

Uma delas encaminhou-se para o altar, tomou o pano branco, desdobrou-o e mergulhou a ponta numa das vasilhas. Em seguida, dirigiu-se para a moça do seu lado esquerdo, tocou a ponta do pano molhado em sua testa e disse:

– Que nossos pensamentos sejam sempre puros e límpidos, como a água, fonte de vida.

A segunda moça tomou o pano da primeira e mergulhou a ponta na segunda vasilha. Em seguida, aproximou-se de Capotira, encostou a ponta molhada no lado esquerdo do peito dela e disse:

– Que nossos sentimentos só tragam bênçãos a todas as criaturas, como a água, fonte de vida.

Capotira então repetiu o gesto das outras duas moças com a terceira vasilha. Aproximou-se da primeira moça, tocou as mãos dela (já previamente unidas como numa oração cristã) com a ponta do tecido molhado e disse:

– Que os nossos atos sejam sempre reconfortantes e benfazejos, como a água, fonte de vida.

Em seguida, dobrou o pano branco molhado, depositou-o sobre o altar ao lado das vasilhas, e retornou para a posição inicial, de mãos dadas com as outras duas moças.

Afonso não entendeu propriamente as palavras tupanas, mas logrou assimilar o sentido básico. Depois pediria a Apuã que lhe repetisse as frases em português, para poder anotá-las. Estava encantado com a apresentação e mais ainda com a voz de Capotira. Era suave, melodiosa, e no entanto irradiava uma força e uma segurança inesperadas. Assim lhe pareceu. Era contralto, não havia dúvida. O desejo de falar com ela cresceu ainda mais.

O apito soou novamente, a música recomeçou e a dança prosseguiu como antes. A única diferença era que as jovens giravam agora no sentido inverso. Um último som de apito pôs fim ao ritual e, aí sim, todos se dispersaram. O próximo passo era a preparação da refeição principal que, por si mesma, já constituía uma outra festa à parte.

A refeição transcorreu da mesma maneira que da vez anterior. Só o cardápio havia mudado. Mais rico, com carnes de vários tipos e múltiplas bebidas de ervas. Desta vez Capotira estava presente, ao lado da amiga Abatira, uma das três moças da dança das águas. Estava posicionada à direita de Afonso, algo afastada dele, também no primeiro círculo. De vez em quando, ela olhava rapidamente para ele. Abatira, a seu lado, parecia querer desviar a atenção dela sempre que isso ocorria. De longe, Afonso via como ela puxava um assunto qualquer cada vez que a cabeça de Capotira se detinha alguns segundos em sua direção. Apontava para algo, falava alguma coisa em seus ouvidos e ambas riam, Capotira bem mais discretamente. Poucas vezes, por poucos segundos apenas, e de longe, o olhar de Capotira encontrou o dele. Mas foi o bastante para Afonso desejar estar ao lado daqueles olhos de relva, bem de perto, e finalmente saber deles o que deveria fazer com este sentimento estranho que lhe tomava conta do seu ser e tirava a paz de sua alma.

Terminada a refeição, a rotina retornou à aldeia. Afonso conversava com Apuã, pedindo-lhe detalhes das frases ditas pelas moças durante a dança das águas, quando viu, do outro lado da clareira, Capotira entrar no que parecia ser uma trilha, mas que de onde estava não conseguia vislumbrar bem. Logo ela tinha desaparecido de sua vista. Afonso conversou mais um pouco com Apuã, fez ainda algumas perguntas, agradeceu e, discretamente, se deslocou até o ponto em que Capotira se embrenhara na mata.

Não precisou andar muito. Ali, na sua frente, estava ela, a miragem dos seus sonhos, sentada num grosso tronco de árvores, com a cabeça abaixada. Afonso se aproximou até ficar ao seu lado, de pé.

— Senta-te, Afonso.

Afonso obedeceu. Capotira era ainda mais linda quando vista de perto. Uma beleza selvagem, indomada, desafiadora. Os longos e lisos cabelos negros, emoldurando seu rosto exótico, cintilavam quando atingidos por um ou outro raio de Sol que lograva perfurar as copas densas das árvores em redor, com a ajuda de uma brisa leve. Com a cabeça abaixada, alguns feixes de fios cobriam de leve sua face bronzeada, balançando lentamente, como que acariciando-a, ao ritmo da brisa que ia e vinha. Com esforço, Afonso suprimiu o enlevo e principiou a falar:

- Capotira, preciso falar contigo sobre algo...
- Eu sei.
- Sabes?
- Estamos ligados.
- Ligados? Como? Explica o que queres dizer. Não entendo.

Capotira ergueu os olhos para ele e ficou em silêncio por alguns instantes. A sensação dela, naquele momento, era a de um reencontro. Afonso sentia a mesma coisa. E cada qual sabia que o outro estava sentindo igual.

- Fios nos unem, Afonso. Fios de amor. Tecidos há muito tempo, numa outra época.
- Capotira, imagino que deves ter pensado muito a respeito, como eu, mas devo dizer-te que não se trata de amor. Amor é o que sinto por minha esposa, Célia. Assim foi e assim sempre será. O que sinto por você é outra coisa.
- E podes dizer o que é?
- Não, não posso. Não sei conceituar.
- Também não sabia o que pensar logo depois que te vi. Mas hoje sei. Aparauã falou sobre isso um dia, há muitas chuvas.
- Desculpe-me, mas não compartilho de tua crença.
- Acreditar ou não acreditar... nada muda. Nada.

Um ruído de galho seco quebrado interrompeu a conversa. Logo depois surgiu ali um moço forte, que se postou à frente deles com os braços cruzados. Afonso reconheceu o jovem que acompanhava Capotira de longe com o olhar, durante a caminhada. Os olhos dele passaram como fogo por Afonso e se fixaram em Capotira, que prontamente se levantou.

- Que queres, Araruê? Estou a falar com o homem branco, não vês?
- Onatulé! Ionorabatelé! Portugueraliê anatalô! Anaratuba ori unualé orimaturabitô!
- Falo na língua que bem quiser e não, não tenho nada a te dizer. Tu não tens nada que fazer aqui!

O rosto do índio transfigurou-se. Tornou-se mais vermelho que as pinturas que trazia no dorso e nos braços. Começou a gesticular, apontou para Afonso e descarregou uma torrente de palavras tupanas em Capotira, de sonoridade não muito aprazível. Esta então elevou o tom de voz e descarregou torrente ainda maior de impropérios tupanos sobre o jovem índio. Ele então se calou, lançou novamente um olhar de zarabatana para Afonso, deu meia volta e saiu dali.

Capotira sentou-se novamente.

- Não faças caso de Araruê.
- Não queria criar nenhum problema para ti, Capotira. Sinto muito.
- Não devias ter nascido então.
- Só queria entender este meu sentimento e procurar uma cura para ele. Estou angustiado. Pensei que numa conversa a sós tu poderias...
- Não é uma doença, apesar de parecer assim. Não há cura, Afonso.
- Penso então que é melhor não nos encontrarmos mais.
- Sim, melhor, se fosse possível.
- Pretendo visitar a aldeia outras vezes. Estou a coletar material para um trabalho. É inevitável que nos vejamos, mas podemos perfeitamente ficar distantes, sem nos encontrar.

Capotira nada respondeu, limitou-se a olhar para ele com uma expressão de súplica. Afonso sentiu um nó apertando-lhe a garganta. Sua vontade era tomá-la nos braços e protegê-la. Mas... do que exatamente? Só se fosse dele mesmo, da sua alma dividida, do seu coração insano.

Capotira se levantou e Afonso fez o mesmo. Ambos tinham quase a mesma altura. Capotira era só um pouco mais baixa, uns dois centímetros se tanto. Ficaram os dois ali, olhando-se demoradamente. Anseios verde-acinzentados começavam a tomar forma na imaginação dos dois... Capotira deu um suspiro leve, presenteou-lhe com um sorriso

triste e um olhar de ternura, virou-se e retornou para a aldeia. Afonso acompanhou-a com o olhar e tomou o mesmo caminho algum tempo depois.

A aldeia já começava a esvaziar. Apuã veio a seu encontro:

- Afonso, onde tu estar? Apuã não encontrar amigo branco.
- Estava a tentar decifrar um mistério verde da natureza.
- Cacique Abapurema deseja falar com Afonso. Vem.

No caminho até a oca do cacique os dois cruzaram com Araruê, que nem os olhou. A expressão carregada deste chamou a atenção de Apuã, que pediu a Afonso para esperar um pouco ali. Apuã alcançou Araruê, falou com ele alguma coisa e, em seguida, retornou para onde estava Afonso.

- O que conversaste com o jovem índio zangado?
- Perguntei Araruê se entender bem palavras dança das águas. Ele disse “sim, Araruê entender tudo, como sempre”. Eu disse para ele deixar então palavras brotarem vivas dentro da alma, senão sem valor, não crescer, não florescer. Ele concordar.

“Tomara que tenha mesmo concordado”, pensou Afonso.

Ambos entraram ao mesmo tempo na oca do cacique, que já os esperava. Aparauã estava lá também. Apuã fez um sinal com a cabeça, retirou-se e aguardou do lado de fora.

- Aparauã me falou de teu desejo em conhecer a mensagem de Tupan-an.
- Sim, cacique, gostaria muito.
- Então deves ter paciência. Quando chegar a hora, tu poderás saber.
- Afonso, não toma isso como uma ofensa, interrompeu Aparauã. Nunca demos a conhecer as coisas sagradas de nossa tribo a estrangeiros.
- Compreendo perfeitamente. Não te preocupes. Cacique Abapurema, espero o tempo que for necessário para conseguir o merecimento de conhecer a mensagem de Tupan-an.
- Assim está bem, respondeu o cacique, sério. Para tudo há um tempo certo.

Aparauã fez para Afonso o gesto já seu conhecido de mostrar a saída. Afonso agradeceu ao cacique pela oportunidade de participar da Festa das Três Nascentes, e com um sinal de cabeça deixou a oca junto com Aparauã.

– Obrigado mais uma vez, Aparauã. Gostaria de retornar...

– Não precisas mais pedir, Afonso. Fala com Apuã sempre que quiseres vir. Aliás, penses na possibilidade de passar uns dias aqui. Há muitas coisas ainda que desejo aprender da cultura do homem branco.

Sorrisos e um forte aperto de mão, desta vez seguido ainda de um insólito abraço, encerraram o segundo encontro dos dois.

– Vamos, Apuã? Em breve vai escurecer.

– Logo, amigo Afonso ir e vir da aldeia sozinho.

– Quem sabe, quem sabe...

Já estavam saindo quando uma índia veio correndo ao encontro deles. Era Coacira.

– Senhor Afonso entregar mais ervas senhora Célia! Coacira saudade senhora coração grande.

– Ela também está com saudade tuas, Coacira. Em breve tu irás, com teu irmão, à nossa casa, e poderás conversar bastante com ela.

Coacira sorriu e se afastou como veio, correndo.

Afonso e Apuã principiaram a viagem de volta, com o índio à frente. No limite da aldeia, Afonso virou-se e deu um último olhar abrangente para aquele local que já fazia parte de sua vida. Numa oca ao longe, percebeu que a cortina que fechava a entrada se movimentou um pouco. Por uma fresta o espiava um mistério verde da natureza, uns olhos de relva, de folhas de abacateiro, que nunca mais o deixariam, disso tinha certeza. O “porquê”, porém, lhe permanecia um enigma imenso. Um enigma sem solução.

## Capítulo 6 – Desvendamentos

Afonso chegara em casa um pouco mais tarde que da outra vez, mas não muito. Foi com surpresa que viu Célia dormindo já a sono solto. Comeu um pouco de feijão frio e carne seca e foi se deitar. Quando acordou, Célia já havia se levantado.

Afonso fez sua toailete e encontrou a mulher na sala, em sua chaise longue rococó, presente dos Villares, que amavam tudo o que vinha da terra de Napoleão, menos o próprio, naturalmente. Tal como a Marquesa de Alentejo, que pelo visto havia presenteado Célia com mais livros de Madame Branchardière. Havia vários abertos em torno dela e também uma caixinha de veludo vermelho com tampa de vidro desenhado, onde estavam ordeiramente enfileiradas várias daquelas varinhas de fazer crochê. Das menores e mais finas às maiores e mais grossas. Parecia uma coleção de anzóis esticados.

– Bom dia, Celita! Já a cerzir?

– Bom dia, Afonso querido. Não é cerzimento, é crochê como vês. É uma arte isto aqui, vê só que figuras! Já estou a ensinar algumas amigas.

– Era de se esperar. Muito bonito mesmo. Um tecido cravejado de buracos artísticos.

– Buracos... Só tu mesmo. Vem. Experimenta o café com leite que te preparei. À moda brasileira, disse-me a Eleutéria. Café bem forte e leite do dia, pães com bastante manteiga e o queijo branco deles.

Eleutéria já há muito fazia parte do círculo mais estreito de Célia. Era sua companheira de todas as horas, principalmente quando lhe sobrevinham os inusitados sentimentos de solidão, os quais lhe assaltavam ultimamente com frequência cada vez maior, assim lhe parecia.

– Vou já, Celita, vou já. Diz-me: queres conhecer nossa casa hoje?

– Que pergunta! Claro que quero. A que horas chegaste ontem?

– Não muito tarde, mas já estavas em sono profundo.

– Não me senti bem à tarde. Uma tontura, uma fraqueza, não sei dizer. Deitei um pouco para descansar e não vi mais nada.

– Agora é bem a hora de consultar o médico da corte, Dr. Bernardino Pereira. Não podemos esperar mais.

– Está bem, se isso te deixa mais tranquilo. Mas creio que é normal numa gravidez. Estou a sentir-me mais pesada, as pernas incharam, apareceram umas pequenas manchas no rosto. Vê aqui. Estou muito feia?

– Levanta-te para o veredicto. Isso. Agora dá alguns passos. Hummm... Estás com um andar de marreco manco, de facto. Não diria exatamente horrível, mas passa longe de qualquer elegância.

– Afonso!

– Vem cá minha Celita linda! disse Afonso rindo. Tu não vais ficar feia nunca, ouviste? Nunca!

Afonso tomou Célia por debaixo dos braços, ergueu-a acima da cabeça, como se fazem com os bebês, e começou a girá-la em torno de si.

– Para com isto, que fico tonta!

– Só estou a treinar! Muito vento aí em cima?

Afonso fez pousar sua ave loira rara e ambos riram abraçados.

– Disse a Apuã que ele pode vir em casa amanhã com a irmã. Posso adiar o compromisso, se preferires. Coacira te mandou mais ervas.

– Amanhã está bem para mim. Vou pedir ajuda da Eleutéria para preparar algo especial, desde que não seja peixe ou aqueles caranguejos. Preciso de um novo estoque de fofocas da corte...

– Pois sabe que já tenho o prontuário atualizado de Carlota Joaquina, disse Afonso rindo. Não que o tivesse pedido, mas ela é sempre o assunto principal na corte, como sabes. Não sai nunca do degrau mais alto do pódio. E o faz por merecer, é bom que se diga.

– Mas também..., complementou Célia, desde que aportou aqui mora naquela chácara em Botafogo, a receber visitas de ilustres desconhecidos, enquanto o Príncipe Regente fica encastelado lá no palácio da Quinta da Boa Vista. Mas deve ter ele, de facto, uma boa vista por lá, sem Carlota por perto...

– Sem dúvida. Vamos ver nossa casa?

Célia lembrou-se da fiel tradução, no português da época, do trecho dedicado a D. Carlota Joaquina, pela Duquesa de Abrantes, nos seus *“Souvenirs d’une ambassade et d’un séjour en Espagne et em Portugal”*:

*“Os olhos eram pequenos, desiguaes, duma expressão má e zombeteira. O nariz quasi sempre inchado e vermelho. A bocca, guarnecida de maus dentes, uns ennegrecidos, outros amarellos, dispostos obliquamente. A pelle, aspera e curtida. Para cumullo da feiura, tinha sempre espinhas em supuração. Os braços, que usava nus, eram chatos, ossudos e, acima de tudo, muito cabelludos.”*

– Célia, acorda! Não queres ver nossa casa?

– Vamos, vamos já! Como é mesmo aquela moda trocista que se canta em Portugal sobre a Carlota?

– Aquela do Miguel?

– Esta.

– É assim:

Miguel não é filho  
D’El Rei D. João!  
É filho do João Santos,  
Da Quinta do Ramalhão.

– E quem é o João Santos?

– O cocheiro dela, esqueceste? Parece que ficou por lá. Há também o caso nebuloso a envolver o Marquês de Marialva... e aquele rumoroso com o Manuel Rodrigues, oficial da guarda da sogra... D. Carlota não dorme no ponto. Aliás, nem no ponto nem em lugar algum, como se sabe. Semanas atrás era este almirante inglês, Sidney Smith, o alvo dos disse-me-disse; um “Sir” já bem aclimatado nos trópicos, é o que parece. E agora essa história crespa com o Comendador Fernando Carneiro Leão. Dizem na corte que anda irritado a não mais poder com os comentários, a ponto de ter abandonado de vez o Carneiro e tratar a todos só como Leão. Mas queres ver nossa casa ou não?

– Vamos já, vamos já! Chega de carlotices. Não sei como ela pode se considerar católica com esse comportamento inqualificável. Vamos. Já temos sortimento de um ano inteiro para a Eleutéria.

– Vamos então. Se ela só olhasse para um ou outro galante, ainda vá lá, não é mesmo?...

– Que parvoíce é esta, Afonso? Uma olhadela que seja para fora do casamento já é pecado, oras. Não pensas assim?

Afonso não respondeu.

– Não pensas assim? insistiu Célia.

– Bem, às vezes o olhar para fora, como dizes, pode não ser de maldade ou de cobiça. Mas vamos! Deixemos este assunto! Quero ver tua cara diante de nossa casa nova, minha Celita!

– Vamos enfim!

A nova residência dos Monteiro de Mello já estava recebendo o madeiramento do telhado quando Célia a viu pela primeira vez. E Afonso constatou, com satisfação, que o brilho dourado nos olhos dela havia retornado.

– É linda, Afonso! É magnífica! Maravilhosa! Onde fica o quarto de nosso filho?

– Aqui, voltado para a face norte, como pediste. E deste lado fica a sala de aulas da senhora professora D. Célia Maria. Ali está a cozinha e a copa. A sala é bem ampla também, como vês.

– A casa é simplesmente maravilhosa, maravilhosa... Quando nos mudamos?

– Em breve. Já mandei fazer o berço...

Célia sorriu e continuou a explorar seu futuro lar. A depender dela, o futuro seria promissor, uma continuação da felicidade que sempre a acompanhara ao lado do seu Afonso. As rugas dos últimos tempos não eram nada na verdade. Coisas de casais maduros, só isso. Célia abraçou Afonso de leve e deu-lhe um beijo apaixonado.

No dia seguinte, Apuã e Coacira chegaram no horário combinado. Um lorde britânico não teria sido mais pontual. Que a posição da Lua pudesse ser mais precisa que um relógio helvécio era de fato algo bem intrigante, conjecturou Afonso. A conversa se desenrolou solta, com histórias contadas de lado a lado. Coacira havia trazido uma grande pedra azul de presente para Célia. Disse que atraía coisas boas. Célia insistiu para Coacira aprender crochê. Imagina só o que daria para fazer com essa técnica no artesanato indígena. Apuã era de opinião de que seriam precisos alguns ajustes, principalmente no tamanho das agulhas.

O prato principal da noite era cuscuz. Célia havia comentado com Eleutéria sobre este prato originário de Cabo Verde, e ela, entusiasmada, prontamente o transformou numa iguaria brasileira legítima, ao custo de algumas poucas historietas sobre a imprevisível

mulher do Príncipe Regente. Todos comeram com satisfação. A sobremesa consistiu de frutas diversas com calda quente de rapadura. Afonso tinha uma curiosidade científica sobre como se portariam os dois silvícolas à mesa, mas não aconteceu nada de diferente. Aparauã certamente já lhes tinha ensinado a manejar garfos e facas e falado dos outros costumes do homem branco durante as refeições.

Terminado o jantar, Célia trocava ideias com Coacira na cozinha, e Apuã conversava com Afonso na sala.

– Afonso, eu trazer recado para ti. De Capotira.

– Capotira? Falaste com ela? O que ela te contou?

– O bastante para Apuã saber que senhora Célia infeliz logo.

– Não, Apuã, estás enganado. Não deixarei Célia infeliz, nunca! Amo minha mulher. Diga, qual o recado de Capotira?

– Ela diz esperar teu coração estar em paz. Sente saudade. Saudade dela ser como trepadeira em tronco de copaíba. Quer falar outra vez, última vez, com Afonso. Apuã ter recado de Aparauã também.

– Qual o recado de Aparauã?

– Pede para Afonso ficar três dias na tribo, na oca dele. Quer saber mais de costumes de povos brancos. Também ter coisa importante a dizer.

– Ele disse do que se tratava?

– Não disse.

– Falou quando posso ir para lá e ficar os três dias?

– Sexta, sábado, domingo, de semana que Afonso escolher. Nesses dias homens brancos da cidade mais preguiça. Índios não ter com quem fazer trocas mercadorias. Índios todos ficar na tribo. Fogueira acesa na noite. Cacique contar histórias para nosso povo. Conversa de fogueira. Afonso gostar histórias de índios.

– Afonso *gostar* muitíssimo. Irei na próxima semana, está bem? Estarás no mercado à minha espera?

– Na hora do Sol vermelho Apuã estar no mercado, no dia sexta.

“Então ela espera que meu coração esteja em paz?... Não sei mais o que é isto desde o dia em que a vi pela primeira vez. Também sinto saudade, ela deve saber”. Afonso ruminava esses pensamentos quando Célia o interrompeu:

– Coacira vai aprender crochê comigo. Crochê e bordado. Não é ótimo? Depois ela poderá ensinar na tribo.

– Será muito bom. Estamos a fazer com isso uma espécie de intercâmbio cultural. Coacira, tu poderias também ensinar Célia a preparar aquelas carnes de caça...

– Coacira ensina o que sabe para senhora Célia, disse a índia sorrindo. Agora é hora de ir. Coacira agradece senhor Afonso e senhora Célia.

Dito isso, Coacira se adiantou em deu um abraço afetuoso em Célia. Um gesto que ela nunca fizera antes com ninguém, fosse mulher índia ou branca.

– Sim, hora de ir, disse Apuã. Apuã também agradece amigos. Lua vai alta no céu. Não precisar fogo de iluminar hoje.

Afonso olhou para a Lua através da janela. Lua cheia, de brilho intenso. Não haveria necessidade de archote, realmente. Não muito longe dali, numa aldeia da mata, uma moça de porte brioso e coração abalado também observava a luz forte da Lua. “Luz de prata, como a que sai dos olhos dele”, pensava ela.

Despedidas rápidas, palavras gentis e os Monteiro de Mello estavam novamente a sós.

– Celita, tenho algo a te contar.

– Vais voltar para a tribo.

– Como sabes?

– Se tens “algo a me contar” então só pode ter a ver com essa bendita tribo Tipura. Não podes levar um vida normal de homem branco? Apuã e Coacira são nossos amigos. Podes saber deles tudo quanto necessitares.

– Não é a mesma coisa. Vê o caso da Festa das Três Nascentes, por exemplo. Mesmo que Apuã me tivesse contado tudo em detalhes eu não teria tido o conhecimento que adquiri dela ao participar ali, junto deles. O contar não substitui a vivência.

– E precisas dessas vivências para quê?

– Para saber de sua cultura, que é única entre as tribos brasileiras. O interesse que isso irá despertar na Europa será enorme, verás. Não podes nem imaginar.

– Não contava a vaidade entre os teus defeitos.

Afonso ficou em silêncio, observando a esposa com ar inquiridor. Às vezes parecia-lhe que não mais a reconhecia. Sempre fora tão doce, tão gentil, e agora por qualquer motivo lançava-lhe tijolos à cara.

– Ficarei três dias lá desta vez, na oca de Aparauã, o homem sábio da tribo. Parece que ele quer saber mais de nossos costumes e contar-me outras coisas.

– E se eu passar mal por qualquer motivo, a quem busco?

– Aos nossos inúmeros, *i-nú-me-ros* amigos da corte. Também as tuas amigas brasileiras não te deixarão faltar nada. Célia, são só três dias, três dias. Vou na sexta e volto domingo à tarde. Terei material para um mês de trabalho, pelo menos, para o meu livro.

– Poderia ir contigo então.

– Ah, claro. Uma Viscondessa grávida na mata tropical, a desviar de cobras e a correr de onças... Só podes estar de pilhéria.

– Quero saber o que tanto te atrai lá.

– Saberás quando leres meu livro.

Célia resolveu encerrar a conversa, cujo tom já prenunciava nova rusga. Que ele fosse então para lá junto dos seus amigos rubros adoradores de água. Ela tinha coisas mais interessantes a fazer, coisas mais importantes com que se ocupar do que ficar aí a controlar o senhor Visconde do Minho. O caráter dele, pelo menos, ainda era o mesmo, pelo menos assim o sentia. Não faria nada de errado longe dela, certamente que não.

Na sexta-feira combinada, Afonso se dirigiu ao mercado e de lá partiu com Apuã para a tribo, como das outras vezes. A diferença agora é que o homem branco já conhecia quase todo o caminho, de modo que puderam avançar com maior rapidez, apesar de algumas paradas para descanso, necessárias desta vez em virtude da trouxa de material e roupas que Afonso trazia presa às costas.

Afonso sentiu alegria ao adentrar na clareira da aldeia, alegria pela expectativa de rever Capotira. A oca dela estava cerrada. Tão discretamente quanto pôde, começou a olhar em redor, enquanto se dirigia à oca de Aparauã junto com Apuã.

– Capotira não estar aqui, ir ontem tribo Aicarás.

Afonso olhou surpreso para Apuã.

– Capotira não estar aqui, continuou o índio. Afonso tirar pensamentos da cabeça.

Afonso continuou a caminhar em silêncio ao lado do índio. Ao chegar à entrada da oca do homem sábio, Apuã deixou o companheiro:

– Apuã e Coacira feliz com Afonso tribo. Depois Afonso vir oca nossa, trocar visitas.

– Irei, Apuã, claro que irei, disse Afonso já fazendo o sinal de cabeça típico dos Tipuras.

Aparauã esperava por Afonso sentado numa esteira, de frente para um portentoso pão de raiz forte e duas cumbucas de chá quente. Quando este entrou na oca, Aparauã levantou-se e, em silêncio, cumprimentou o amigo à moda do homem branco, com um leve sorriso nos lábios. Sem dizer nada, Aparauã sentou-se novamente e fez sinal para Afonso fazer o mesmo à sua frente.

– Capotira não está na tribo, Afonso.

– Já sei. Vim aqui para trocarmos conhecimentos, lembra?

– Também para isso, sim, também para isso. Capotira me contou tudo o que houve entre vocês. Queria algum conselho. Ela foi chamada ontem às pressas para a tribo dos Aicarás por um mensageiro deles. Um grande guerreiro está muito doente, picada de cobra vermelha. Ela foi com dois irmãos fortes.

– Vai ficar muito tempo fora?

– Deve voltar amanhã. Este é o tempo para ela anular o veneno da cobra.

– Anular o veneno?

– Capotira tem o dom da cura. A mãe dela, Saíra, também tinha, mas isso não é passado pelo sangue. Os deuses decidem quem eles presenteiam com este dom, assim como com qualquer outro dom.

– Dizias que ela te contou tudo.

– Sim, do que aconteceu na primeira vez em que vocês se viram e da conversa junto ao tronco de uobatá.

– Foi só uma conversa rápida. Alguém mais sabe disso?

– Além de mim, sabem Apuã, Coacira, Abatira e, naturalmente, Araruê, que te viu entrar na mata atrás de Capotira. Ele nunca tira os olhos dela.

– Não aconteceu nada, Aparauã, nem vai acontecer, garanto-te.

– Araruê também falou com o pai de Capotira sobre vocês.

Uma imagem passou de relance pelo cérebro de Afonso. A dos índios norte-americanos brandindo seus escalpos.

– Não te preocupes com Ubiratanga. Não vai fazer nada contra ti. Capotira já atingiu a idade de dirigir seu destino há vários anos. Como pai, o desejo de Ubiratanga era de que a filha se unisse a um Tipura, ou, então, a algum nobre índio das tribos amigas dos Aicarás ou dos Canaetés. Certamente não estava nas suas previsões que ela se enamorasse de um homem branco. Mas mesmo isto não teria sua oposição, se este homem branco ainda não tivesse dado seu coração a alguém.

– Está a haver algum mal entendido aqui. Não pretendo “me unir” a ninguém. Sou casado, Aparauã, muitíssimo bem casado. Amo minha esposa. Sou apaixonado por ela se queres saber, mesmo depois de tantos anos. E ela também o é por mim. Vai dar-me um filho em breve. Compreendes?

– Compreendo. Sentiste saudade de Capotira?

– Saudade?

– Sim, saudade. Sentiste?

Afonso olhou para seu amigo índio. O que ele pretendia com isso? Empurrá-lo contra a parede da oca?... Testá-lo de alguma maneira? Ora, não tinha nada a esconder de ninguém.

– Não sei bem se senti saudade. Talvez tenha sentido um pouco a sua falta... Talvez... O que queres dizer com isso, Aparauã?

– Tu sentiste saudade dela, e muita. Nem poderia ser diferente.

– Ah, não? Não poderia? E por quê não? Posso saber?

– Vocês dois estão ligados por laços de amor, tecidos em várias épocas, no mundo dos espíritos e também em outras vidas aqui na Terra.

– Aparauã, desculpe-me, mas isso é um delírio. Francamente ridículo. Não há lógica nenhuma no que dizes. Não creio em nenhum laço tecido por espíritos e muito menos em “outras vidas” e “outras épocas”.

– Certamente que não crês. Conheço algo da religião cristã. Os missionários disseram muitas coisas quando aqui estiveram, no tempo dos nossos antepassados. Vocês creem que vivemos uma única vez e que depois vamos para um lugar de prazer ou de sofrimento, dependendo do merecimento, não é assim?

– É mais ou menos isso.

– Dessa maneira, o amor entre um homem e uma mulher nasce e floresce durante uma única vida, e termina com a morte. Estou certo?

– Não sei se termina com a morte, não sou teólogo. Penso que não. Às vezes acho que vou rever Célia depois que nos formos desta vida, de alguma maneira. Ela, aliás, tem certeza disso. Só não sabe como e nem onde. Mas este é um assunto que não me atrai, ao contrário de ti. Posso levá-lo até o padre Alcides se desejas te aprofundar nisso.

– Não há necessidade. E também de nada adianta se tu crês ou não no que digo. Falo isso hoje apenas para que reflitas no futuro. Para que então, no saber, encontres um mínimo de paz, que te permita respirar. Teu coração já está mergulhado num dilema, embora teu cérebro não o admita. Teus laços com Célia também são vigorosos, e igualmente não foram tecidos apenas nesta vida. Por isso estás como que enlaçado por dois cipós fortes, cada qual a te puxar para um lado.

Afonso olhou para o homem sábio à sua frente. Num impulso, sem pedir licença, alcançou a cumbuca ainda fumegante à sua frente e sorveu o conteúdo de uma única vez. Talvez tivesse o mesmo efeito daquela cachaça que havia experimentado na casa do Conde do Douro, vinda de uma grande casa de cozer méis, abastecida por um engenho de açúcar próximo da cidade. O efeito da água ardente de cheiro forte lhe parecera bem agradável naquele dia: anestesiava as dores da alma e dissolvia as preocupações da cabeça. Era disso que precisava agora.

Mas o esperado efeito entorpecedor não veio. O chá indígena devia ter outras funções que não a de afastar os dilemas do coração. Afonso pôs-se a mordiscar um pedaço de pão de raiz forte. Parecia querer ganhar tempo. Aparauã só observava. Depois de fiscalizar pela terceira vez a costura da cortina da entrada da oca, Afonso finalmente falou:

– Vim para cá com três objetivos.

– O primeiro era rever Capotira; o segundo aprender mais da nossa cultura. Qual é o terceiro?

– Saber se sentiria saudade de Célia.

Aparauã deu um sorriso.

– Tu me contarás depois o resultado deste teu experimento científico, embora já saiba de antemão qual será.

– Verdade? Homens sábios também são videntes?

– De certa forma, sim. Se sabemos o que vai no coração das pessoas, se conhecemos suas atitudes, podemos também prever as consequências de seu proceder.

– O que disseste a Capotira quando ela veio falar contigo?

– Basicamente o mesmo que eu te disse. A bem dizer, ela só queria ver confirmado o que já sabia.

– A história dos laços tecidos em outros mundos...

– Sim, e neste também, em outras épocas. Sabes, Afonso, casos como o teu são um tanto raros, mas não desconhecidos. Conhecemos uma história semelhante, contada entre nós de geração em geração, de um índio e uma índia de tribos diferentes, que sentiram suas almas tremer como bambus-otiraié no vendaval quando se viram pela primeira vez. Numa das nossas conversas de fogueira, contei novamente essa história para os jovens que ainda não a conheciam.

– O que aconteceu com os dois índios?

– Uniram-se imediatamente. Não havia nenhum impedimento. Nenhum dos dois havia dado seu coração a alguém.

– Por que o meu caso é raro?

– Por que as almas tecem muitos fios de amor ao longo de uma existência, com outras almas complementares. Uma existência que não se resume a uma única vida. Os fios são tecidos e se dissolvem naturalmente ao longo dos séculos, porque os amores vem e vão, surgem e desaparecem. Se não fosse assim, viveríamos sempre enredados em fios antigos, não só de amor, mas de outros sentimentos também. A vida seria insuportável.

– E o que deu errado com a minha pessoa? Qual destas regras transcendentais foi falhar justamente comigo?

– Não houve nenhuma falha. O que aconteceu é que os fios que você e Capotira teceram entre si, no mundo dos espíritos e nos encontros que tiveram aqui na Terra há longos tempos, foram tão fortes que não se dissolveram, nem mesmo quando encontrei Célia pela primeira vez, outro grande amor teu. Continuaram lá, a unir-vos, sem que nenhum dos dois soubesse de sua existência. Quando se deu o primeiro encontro entre vocês, os antigos fios se retesaram, e daí para frente já sabes.

– Tudo isto é fantástico demais. Capotira acredita mesmo nisso?

– Não só acredita como já sabia que era assim. Só queria ouvir da minha boca a confirmação.

- Algum dos teus chás tem serventia para dor de cabeça?
- Sim, mas penso que o que precisas mesmo é de um pouco de água e um passeio pelas redondezas. Te fará bem.
- Certamente, se não topar com Ubiratanga ou Araruê.
- Nenhum dos dois te fará mal. Ubiratanga não tem nada contra ti pessoalmente. Só não quer que sua filha se una a alguém que já deu seu coração. Araruê, claro, não simpatiza contigo, mas tampouco fará qualquer coisa contra ti. Ele sabe que o que fazemos para ou contra os outros acaba por retornar a nós mesmos. Estúpido ele não é.
- Parece que há uma regra a proteger-me então. Ótimo! A oca de Capotira está fechada. Ubiratanga também não está na aldeia?
- Capotira mora sozinha na oca dela já há vários anos. Foi vontade dela quando atingiu a idade de dirigir seu destino, e o pai não se opôs.
- Dá-me da tua água, que tantos benefícios traz a teu povo. Estou bem a precisar.

Afonso tomou a água oferecida por Aparauã e encarou o amigo.

- Tuas crenças são bem insólitas, mas também interessantes, devo confessar. Interessantes do ponto de vista científico, naturalmente. Darão matéria para muitos estudos.

Aparauã nada respondeu, e Afonso continuou.

- Com o tempo vocês acabarão por encontrar a verdade em nossa santa religião. Certamente virão outros missionários aqui. Serão por fim batizados e com isso terão direito à vida eterna. Compreendes?
- Teremos direito à vida eterna se formos batizados. Sim, compreendo o que dizes.
- Não é bom? Pensa bem. Poder ascender aos céus e compartilhar a vida eterna junto de Jesus, e todos os anjos e todos os santos.
- Se não formos batizados não alcançaremos os céus...
- Lamento, mas é assim mesmo.
- Penso de modo diferente. O céu é alcançado pela pureza interior de cada um, quando a alma se iguala em pureza com o céu. Só assim ele poderá ser alcançado por uma criatura humana.

- Meu caro amigo silvícola, ainda tens muito que aprender. Se não fores batizado na Igreja edificada por Jesus Cristo não poderás entrar no reino celeste. Essa é a realidade.
- Como te disse, conheço algo da religião que professas. Jesus é Filho do Grande Ser. Nasceu do Seu Amor e andou pela Terra há muitas luas, a ensinar as leis de seu Pai.
- Agora disseste algo certo. Excelente! Não imaginava que tinhas conhecimento disso.
- Conhecemos a história dele, contada por nossos antepassados. Chamamo-lo de Tyvyry. Ele e seu irmão, Nyanderykey, são Filhos do Grande Ser.
- Estás enganado, Jesus não tem nenhum irmão. Ele é o único Filho de Deus. O Filho unigênito. Veio à Terra e morreu por nossos pecados. Com isso, ele nos abriu o caminho para o céu. Não sei se consegues compreender o conceito. É alta teologia.
- Quem está enganado é tu. Tyvyry tem, sim, um irmão. É a personalidade que chamais “Espírito Santo”.
- Esta é a terceira pessoa da Santíssima Trindade.
- Justamente. É como a doutrina de tua Igreja o denomina. Mas também é conhecido como “Filho do Homem” nos evangelhos.
- Leste os evangelhos?
- Li a Bíblia inteira. Presente de um antigo missionário. Está ali, naquele baú.
- Aparauã, meu amigo, estás a fazer uma enorme confusão com o que andas a ler a respeito de nossa religião. Acho que seria mesmo importante que encetasses uma conversa com padre Alcides.
- Não creio que seria proveitoso. Tyvyry não desceu à Terra absolutamente com a intenção de se deixar crucificar. Ele veio, sim, ensinar as leis do Grande Ser, seu Pai, para que os espíritos humanos não tivessem de se perder nas ciladas de Anyay. Mas as criaturas humanas não deram atenção à sua Palavra Sagrada e preferiram seguir as falsas promessas de Anyay. O bom Tyvyry, na verdade, foi assassinado!
- E quem é Anyay?...
- É como vocês chamam “Lúcifer”, o servo caído das alturas. Nyanderykey o prendeu nas profundezas. Tendes uma imagem disso com vosso São Jorge vencendo o dragão. Nyanderykey é o Espírito Santo da Bíblia, ou o Filho do Homem dos evangelhos.

– Admiro teu interesse em conhecer em profundidade nossa milenar religião cristã, mas realmente creio que necessitas de um preceptor neste assunto, e com urgência. O Filho do Homem, por exemplo, é apenas uma outra denominação para Jesus.

– Não. Jesus era o Filho de Deus. Ele mesmo se denominava assim.

– E também se denominava Filho do Homem.

– Não. Ele nunca chamou a si mesmo de Filho do Homem, e tampouco alguém o chamou assim em toda sua vida. Ele só falava do Filho do Homem na terceira pessoa. Com isso, ele indicava para uma outra personalidade, que viria depois dele.

– Parece que não leste a Bíblia com a profundidade que este livro requer. É claro que Jesus chamava a si mesmo de Filho do Homem.

– Não chamava. Queres que te mostre as passagens nos evangelhos?

– Não me faltava mais nada. Receber aulas de catecismo numa tribo de índios brasileiros. Já estou cá a ficar tonto com tamanho despropósito de ideias. Melhor pararmos por aqui. Tu és meu amigo, apesar de ainda pagão. Quero o melhor para ti. Não precisamos nos indispor um com o outro.

– Certamente que não. Por que não vais dar outra volta pela tribo? Te fará bem. Estás com o cérebro envolto em nuvens de confusão. Confusão de pensamentos.

– Pois é justamente o que vou fazer, embora a confusão toda tenha vindo de ti.

Dito isso Afonso saiu, com ar aborrecido. Realmente, o trabalho de evangelização não era para qualquer um. Só mesmo um servidor da Igreja teria a necessária paciência para levar essa gente para o caminho certo. Melhor seria apenas se inteirar das ideias e crenças deles, com o fim de estudos. Seu interesse pela filosofia dos Tipuras era apenas antropológico, nada mais.

Ali, na tribo, fazia menos calor do que na cidade, certamente por causa da vegetação cerrada. Tanto melhor, precisava mesmo esfriar a cabeça. Laços de amor... mundo dos espíritos... outras vidas e outras épocas... Que coisas mais haveria de ouvir como explicação para o que sentia? Fios de amor, dissera Aparauã. Teria então tecido fios fortes de amor com duas almas femininas?... De fato, sua vida andava bem emaranhada ultimamente.

A única certeza que tinha era de que desejava rever Capotira. E rápido. Parecia uma necessidade física, como a de comer e beber, mais até, como a de respirar. Bom de todo seria se não estivesse ficando simplesmente louco. Dr. Bernardino já tinha bastante com o que se ocupar com as moléstias da terra: escabiose, erisipela, morféia, bouba,

malária... e até alguns casos de varíola. Como será que os índios tratavam seus doentes? A pessoa indicada a falar sobre isso era certamente Capotira. Precisaria, pois, encetar uma conversa com ela a respeito, um colóquio científico, naturalmente. Amanhã ela estaria de volta... A índia curandeira alta, de olhos de chamas verdes... a incendiar o coração titubeante de um pobre Visconde aparvalhado.

De longe Afonso avistou Araruê montando algo junto a um grupo de rapazes. Araruê também o viu, mas fingiu que não. Afonso se pôs a percorrer a tribo, analisando e admirando os utensílios dos Tipuras, suas ferramentas, suas armas e seus objetos de arte. Cada produto feito por eles ficava depositado num local específico, atrás dos círculos das ocas, em construções simples e robustas, protegidas por lonas. Havia também depósitos fechados, em menor número. Afonso notou que a clareira da aldeia já avançava pela mata em alguns pontos, indicando que a tribo vinha crescendo.

Em dois dos depósitos fechados estavam armazenados arcos e flechas, cuidadosamente dispostos em suportes verticais. Isto foi o que Afonso constatou, ao observar por uma fresta na lona grossa. Ao lado havia um depósito aberto, com a lona presa apenas por cima. Afonso parou diante deste e apanhou uma espécie de borduna lisa e curta. Estava examinando atentamente as inscrições gravadas em sua parte inferior quando ouviu uma voz poderosa atrás de si.

– É um takape. Utilizamos contra nossos inimigos, contra os que nos querem fazer mal. Servem para defesa. É justo fazer uso da força nesses casos. Estão aí há muitas chuvas. Nunca se sabe quando precisarão ser utilizados.

Um índio corpulento, coberto com uma espécie de capa de couro cru que ia até as canelas, já com várias décadas de vida, e um pouco mais alto do que ele, o observava com interesse.

– Desculpe-me, só estava a apreciar estas inscrições...

– Sou Ubiratanga. Tu deves ser o nobre português.

Afonso recolocou cuidadosamente o takape no lugar, junto aos outros, e se voltou para Ubiratanga.

– Vim a convite de Aparauã. Estou a estudar os costumes de teu povo.

– Aparauã me disse. Apuã também me falou de ti, ele gosta de ti.

– Sim, bem sei, é recíproco.

– Capotira também gosta.

Uma coisa Afonso tinha de reconhecer nos Tipuras. Eram sempre diretos, objetivos e claros ao expor suas ideias. Todos eram assim.

– Ubiratanga, tenho imenso respeito por tua filha, assim como por todas as jovens daqui. Fui educado na Europa, e lá aprendemos a nunca...

– Quero te dizer uma coisa, Afonso, só uma única coisa. Afonso é teu nome, não?

– Sim, é Afonso. Estou a escutar.

– Capotira não deve sofrer. Entendeste? Não deve sofrer.

Afonso entendeu. Ubiratanga deu uma olhada de relance para o takape recém-abrigado e aguardou a resposta.

– No que depender de mim, ela nunca sofrerá.

Ubiratanga assentiu de leve com a cabeça e se afastou.

“Ubiratanga não tem nada contra mim, não é Aparauã? Que bom. Posso bem imaginar se tivesse...” Afonso acompanhou por alguns momentos a figura imponente de Ubiratanga se afastar, com a capa balançando a cada passada larga. Em seguida foi ver um depósito de vasos coloridos.

Na sequência chegou um menino correndo.

– Aparauã chamar! Comida! Olhos Cinzentos vir logo!

Com o que então já tinham lhe dado um apelido! Alguns minutos depois e Olhos Cinzentos já se encontrava na oca de Aparauã, sentado diante do próprio e de duas tigelas com carne assada, verduras e raízes cozidas.

– Descobriste mais coisas interessantes, Afonso?

– Sem dúvida, Olhos Cinzentos ganhou de presente até uma receita para se conservar a saúde. Impressionantes os entalhes nas ferramentas e as inscrições nos takapes. O que querem dizer?

– As inscrições? São instruções de uso. Explicam que armas só podem ser usadas na defesa, nunca para atacar.

– Posso anotá-las?

– Naturalmente. Mais alguma descoberta?

– Não, por enquanto não. Pensei um pouco no que disseste sobre mim e Capotira. Outras vidas... são coisas por demais estranhas e inusitadas. Bem, já falamos sobre isso.

– Achas que nosso encontro também foi obra do acaso?

– Acaso? Como assim?

– Achas natural uma amizade dessas, quase instantânea, entre um indígena e um português?

– De facto, não é coisa que ocorre todos os dias.

– Já nos conhecemos Afonso, de outras épocas. Por isso essa empatia imediata entre nós.

Índio falar em empatia também não era algo de se ver com frequência. Afonso sorriu, mas nada disse. De certo modo, o amigo tinha razão. Poderia estar com ele agora tranquilamente na taberna da Rua dos Ourives, tomando cachaça da boa e contando piadas de colonos brasileiros, das muitas que circulavam na corte. O nobre português e o homem sábio Tipura pareciam amigos de infância, realmente.

Afonso estava com fome, conforme atestava o vinco na testa. Sempre pensava em Eleutéria quando via pratos indígenas diante de si. Seria bom organizar um intercâmbio culinário... Olhou para a comida e em seguida para Aparauã. O anfitrião sorriu e fez sinal para que se servisse. Não precisou insistir.

Afonso passou a tarde manuseando outros objetos nos vários depósitos e anotando as inscrições. Depois foi conhecer a oca de Apuã e Coacira. Ao escurecer estava bastante cansado. Comeu um pedaço de pão oferecido por Aparauã, tomou o chá relaxante indicado, mascou as folhas de purificar dentes e foi dormir na esteira a ele destinada, no ambiente ao lado de onde ficava o amigo.

Acordou com o dia claro, com o barulho de crianças correndo. “Algazarra infantil no lugar do galo madrugador do João verdureiro... Muito melhor!” Aparauã não estava mais na oca, mas deixara o desjejum indígena preparado. Afonso comeu o que viu, trocou-se e começou a folhear as anotações do dia anterior. De súbito, a cortina da oca se abriu e entrou uma índia muito bonita, de rosto sério. Aliás, até agora ainda não havia visto nenhuma índia Tipura feia. Havia as mais jovens e as mais velhas, mas feia, feia mesmo, nenhuma. Presente da natureza para o povo, sem dúvida, como uma espécie de retribuição pela atividade ininterrupta de todos, sempre de acordo com as leis da Criação, conforme falava Aparauã. Os índios mais idosos continuavam a trabalhar, naturalmente em afazeres mais leves, mas não se via nenhum “descansando da vida”. Ninguém ficava sem fazer nada. E não se viam doentes por ali. Talvez

também efeito das tais leis da Criação. Afonso reconheceu nela a moça que estava sempre junto de Capotira. Levantou-se de pronto. A jovem falou com voz firme:

– Sou Abatira. Capotira está oca minha. Capotira quer falar Afonso.

A objetividade Tipura de sempre.

– Como tens passado, Abatira? Sabes, cheguei ontem na tua tribo, estou a aprender muitas coisas...

A moça aproximou-se de Afonso, olhou bem dentro dos olhos dele e disse:

– Capotira grande amiga, grande coração. Afonso não fazer maldade Capotira. Afonso virar sapo amarelo se Capotira sofrer. Abatira conhecer feitiço pajé Canaeté.

Afonso esforçou-se em manter um semblante sério, condigno com a hora grave. Por dentro, porém, sorria, encantado com a linha de defesa tomada pela amiga de Capotira.

– Não te preocupes, Abatira. Só quero o bem de Capotira, podes estar certa disso.

A moça virou-se sem dizer palavra e fez um sinal a Afonso para segui-la. Ao chegar à oca, fez outro sinal, desta vez para que entrasse. Afonso entrou e aguardou de pé no recinto principal, que fazia as vezes de uma sala de visitas. Logo depois ouviu o ruído da cortina de fibras se mexendo. Na sua frente surgiu a mulher que virara sua vida do avesso com um olhar, e em cuja proximidade ansiava estar.

– Capotira... pensei tanto em ti...

Capotira nada disse. Ficou olhando para Afonso, sem piscar. Depois se aproximou, fechou os olhos e o abraçou de leve. Afonso sentiu um choque de dois mundos dentro de si. Por um lado, parecia ter alcançado o céu; por outro, sentia o chão abrir-se a seus pés. Longo tempo permaneceram enlaçados, ombro contra ombro, dorso contra dorso, face contra face. Ambos ouviam o retumbar dos dois corações descompassados, como tambores de guerra de tribos rivais. O abraço se adensou. Quando as lágrimas começaram a seguir caminhos sinuosos pelas nuças de cada um, lentamente se separaram.

Capotira acomodou-se na esteira e fez um gesto para Afonso sentar-se à sua frente. Ficaram mais alguns minutos assim, um de frente para outro, de pernas cruzadas, sem dizer palavra. Por fim, Capotira quebrou o silêncio:

– Aparauã disse que falou contigo sobre nós.

– Sim, falou. Falou dos fios tecidos em outras épocas, tal como tu mesma havias dito.

- Agora já sabes que nome dar para isso que sentes?
- É muito importante para ti que eu rotule este sentimento?
- Não é isso. Apenas penso que devemos enfrentar a situação de frente, sem meias-palavras.
- Os Tipuras não são dados a meias-palavras, já aprendi.
- Se tivermos as coisas colocadas claramente à nossa frente será mais fácil tomar as atitudes corretas.
- Sim, tens razão, mas, honestamente, ainda não sei que nome dar a isto. Preciso refletir, ponderar. Se eu fosse um homem sozinho...
- O que farias?
- Não sei, mas tudo me seria mais compreensível, disso estou certo.

Silêncio. Afonso contemplou por uns instantes aqueles olhos vírides, penetrantes, esquadrinhando sem tréguas sua alma, e continuou:

- Soube que foste chamada para curar um homem picado de cobra.
- Sim, ele está bom agora.
- Como produzistes a cura? Algum tipo de erva?
- Ervas, sim, e com a força das mãos. O corpo consegue reagir à agressão e fica forte de novo.
- Força das mãos... Algum tipo de massagem indígena, imagino.
- Não, disse Capotira com um sorriso. Força que sai das mãos. Raios de cura. Raios que não se vê.
- Queres dizer... um tipo de irradiação?
- Sim, é isso. Na tua língua chamarias de irradiação curadora ou algo assim.
- Tu me surpreendes a toda hora. Quanto recebes por curas assim?
- Recebes? Como “recebes”? Não entendo o que dizes.
- Fizeste um trabalho de médica. Curaste um enfermo. Naturalmente pagaram-te por isso. Gostaria de saber quanto e de que forma. Moedas europeias? Utensílios talvez? Objetos de prata?

– Pagar por curar um doente?... É isto mesmo que estás a dizer?

Ficaram uns segundos a se olharem inquiridoramente um para o outro, aparentemente sem entender direito as intenções recíprocas. Por fim, Capotira falou:

– Não me pagaram nada, naturalmente que não. Pelo menos não assim como tu pensas. Mas fui ricamente recompensada com o sorriso de saúde restabelecida do guerreiro. Que mais podia eu querer? Já recebi tantos desses sorrisos de agradecimento. Sou devedora de todos eles. Um agradecimento sincero, oriundo de verdadeira alegria, embeleza toda a existência, aplaina nossos caminhos, faz florir a trilha de nossas vidas. Compreendes? Recebo muito com isso, muito mais do que me poderiam proporcionar alguns de teus dobrões de prata.

Afonso estava atônito. “Coração grande” havia dito dela Abatira. Grande? Gigantesco, isso sim. Uma alma abnegada, interessada unicamente em ajudar seus semelhantes, sem nada desejar em troca. Tal como padre Alcides sempre diz, no púlpito, que os cristãos devem ser.

Capotira percebeu a expressão de espanto de Afonso e imaginou ter dito algo ofensivo para os costumes do homem branco. E procurou remediar:

– É bem verdade que muitos doentes insistem em me dar presentes, e eu os aceito se vejo que isso os torna felizes também. Esse guerreiro Canaeté, por exemplo. A mulher dele me ofereceu uma pulseira de penas de jatuá que ela mesma havia feito. Vê que bonita. Antes mesmo de eu chegar, a pulseira já estava pronta. Assim é que se dão as coisas. Apenas não estipulo nenhum preço, nem antes nem depois da prática. Recebo as retribuições com alegria, mas sem pedir por elas. Compreendes?

– Compreendo, disse Afonso com um sorriso à la Célia.

De repente, Abatira entrou, falou rapidamente alguma coisa em tupano para Capotira e saiu novamente. Esta virou-se para Afonso:

– Meu pai me chama. Preciso ir.

– Apuã disse-me que querias falar só mais uma vez comigo. Será este nosso último encontro?

– De minha parte será. Não vou mais te procurar. Tu mesmo deves decidir que rumo dar à trilha de tua vida. Meu coração já é teu. Podes aceitá-lo ou não. Acredita, não quero que tua esposa sofra, não quero que tu sofras. Se decidires ficar com Célia, vou entender, vou acatar. Vou continuar a viver.

– Mas tu sofrerás com isso... ou não?

– Já sofro só de pensar, mas não há saída. É impossível que nenhum dos três corações sangre.

– Eu tampouco quero magoar alguém, Capotira. Tem de haver uma solução. Sabes que continuarei a vir à tribo. Há muito ainda por aprender.

– Virás e aprenderás, sem falar mais comigo.

– Uma ou outra conversa rápida não nos fará nenhum mal, não achas?

Silêncio por alguns momentos.

– Preciso ir, Afonso.

Capotira lançou a Afonso o olhar de doçura que ele almejava, a que já se acostumara e do qual também se julgava, sim, plenamente merecedor. É como se com isso abastecesse o tanque de combustível de sua alma, que lhe permitiria viver mais alguns dias. Logo depois, ela se levantou num impulso, virou-se e saiu sem olhar para trás. Afonso ficou mirando o nada à sua frente durante alguns segundos, depois se levantou meio devagar e se dirigiu à oca de Aparauã.

Durante o trajeto, pensou em Célia. Estava na hora de contar a ela tudo o que estava acontecendo. Nunca tiveram segredos um para com o outro, e este não haveria de ser o primeiro. Sua querida Célia Maria era a compreensão em forma de gente, assim sempre fora, desde quando se conheceram. Afonso não se sentia culpado. Não concebia estar fazendo alguma coisa errada. Era apenas algo incompreensível ainda, errado não. Precisava de discernimento, isso sim, e como precisava! Gostaria de estar ao lado de Célia agora, deitado em seu colo, sentindo seu perfume e acariciando seu ventre. Sua amada Célia...

Ao entrar na oca de Aparauã, deparou-se com duas cumbucas de um chá amarelado.

– Toma o chá, Afonso, disse Aparauã. Bom para acalmar alma aflita.

– Não estou aflito.

– Não, não estás, apenas te equilibras sobre a ponta de uma lança. Nada aflitivo, certamente.

Afonso deu um suspiro.

– Teus professores de português já chegaram à lição de ironias, pelo visto.

– Toma o chá.

Afonso obedeceu, resignado. E, de fato, passados alguns segundos, sentia-se mais calmo. Não era um entorpecimento, apenas uma sensação de maior serenidade. Mais um campo a explorar da cultura Tipura.

– Hoje à noite haverá a conversa com o cacique em torno da fogueira.

– Apuã me falou disso. O que o cacique vai contar?

– Geralmente, costumes de nosso povo e conselhos. Às vezes me pede para falar também.

– Todos na tribo vão?

– Os jovens, sim, quase todos vão. Adultos não vão muitos, pois já ouviram as mesmas histórias do cacique anterior. Mas hoje aposto que estarão lá muitos adultos, afinal temos um visitante ilustre.

– Apostas?... Decididamente incorporaste bem os costumes europeus aqui nos trópicos!

Ambos riram. Chegada a hora, dirigiram-se para o centro da aldeia. No lugar onde dias antes fora erguido o altar para a Festa das Três Nascentes, crepitava agora uma fogueira grande. O cacique estava sentado mais próximo do fogo, num banco com encosto reto, repleto de entalhes de figuras. As crianças e jovens estavam sentados no chão, à sua volta. Atrás delas, um círculo pequeno de adultos se acomodara em esteiras de fibras. Afonso viu ali Apuã e Coacira, Ubiratanga e Abatira, e também outros que não conhecia. Ao longe viu a figura de Araruê de pé, de braços cruzados, observando a cena com cara de pouquíssimos amigos. Capotira não estava presente.

Afonso sentou-se ao lado de Aparauã, de frente para os Tipuras que conhecia. Por que Capotira não tinha vindo? Medo?... A fogueira nem parecia mais tão fulgurante agora. O cacique já começava a falar:

– Há muitas chuvas, quando o povo de quem descendemos tinha outro nome, um homem sábio transmitiu uma mensagem dos altos mundos invisíveis.

Aparauã traduzia baixinho as palavras para Afonso, que, interessado, logo quis saber se essa mensagem era aquela de Tupan-an. Aparauã fez um gesto negativo. O cacique prosseguiu:

– Essa mensagem trazia uma lei, a lei de ouro, a qual todos os índios deviam obedecer. Se obedecessem a essa lei, estariam levando uma vida de agrado aos olhos do Grande Ser, e ricas bênçãos se derramariam em suas vidas.

Afonso ouvia a tradução com a máxima atenção.

– Esta é a lei de ouro: *“Vivei de maneira a vos tornardes fonte de alegria e de aprendizado para as criaturas que cruzarem a trilha de tua vida.”* A lei vale para todos, índios e brancos.

Um menino de uns seis ou sete anos interrompeu a preleção:

– Cacique Abapurema, essa lei também vale para os nossos amigos animais?

– É Itirarê quem fala, murmurou Aparauã nos ouvidos de Afonso. Já fez essa mesma pergunta antes, pelo menos umas três vezes, nas outras conversas de fogueira. Já sabe a resposta. Mas como temos um estrangeiro aqui hoje, quer mostrar como é esperto.

Afonso sorriu. O cacique também sorria. Parecia um avô paciente, cercado por algumas dezenas de netos, com os pais orgulhosos por detrás.

– A lei também vale para o homem em relação aos animais, Itirarê. Entre os animais não precisam ser estabelecidas leis específicas como as conhecemos, pois eles sempre cumprem normalmente as leis da natureza, sem precisar refletir antes.

Abapurema falou com calma, como se fosse a primeira vez, e ficou aguardando a réplica de costume, que não tardou:

– Mas se é assim, cacique, porque nossos bravos matam animais e peixes e os trazem pendurados em paus para a tribo?

– Temos permissão de matar alguns animais e peixes para nossa alimentação, exclusivamente. Nunca matamos mais do que necessitamos, e jamais, jamais tiramos a vida de uma criatura por prazer, como fazem alguns homens brancos maus. Matar por prazer é algo que está além da nossa compreensão, e assim deve continuar.

– Mas é preciso cuidado..., prosseguiu a voz infantil.

– Isso mesmo, é preciso tomar cuidado para que a morte do animal que servirá de alimento seja rápida, sem sofrimento. Por isso é necessário treinar muito antes de pertencer aos bravos do grupo de caça. Eles não podem errar, não podem falhar. A morte tem de ser rápida e indolor. Se, por descuido, eles apenas ferirem o animal, não o matando de imediato, então descem teias cinzas sobre a trilha da vida deles, e encontrarão a dor no futuro.

– Entendi cacique, disse Itirarê. Essas teias também descem sobre as pessoas em outras ocasiões?

– Sempre que causamos algum sofrimento a um outro ser humano, essas teias descem sobre a trilha de nossas vidas. Não importa se por descuido ou com intenção. Não devemos nunca causar sofrimento a uma outra pessoa. Nunca.

Os olhos de Apuã, Ubiratanga e Abatira se voltaram imediatamente para Afonso. Ao ouvir a tradução de Aparauã, ao pé do ouvido, Afonso sentiu as faces enrubescerem mais do que a brasa da fogueira à sua frente.

Não, não queria e não ia fazer ninguém sofrer. Era, sim, um homem branco de coração verdadeiro e olhos bons. Não haviam dito justamente isto dele, os Tipuras? Pois então. Provaria que estavam certos.

– Aparauã, acho que preciso me deitar, disse Afonso no mesmo tom de voz baixo do tradutor. Sinto-me cansado.

– Vá, meu amigo, vá. Vou ficar mais. Há uma tigela de raiz forte sobre a esteira da entrada. Tome mais um pouco do chá amarelo.

– Farei como dizes.

Afonso levantou-se ainda sentindo desconfortavelmente os olhares inquiridores sobre si, e lentamente se dirigiu à oca de Aparauã. Ainda deu uma última olhada na entrada cerrada da oca de Capotira e entrou. Comeu um pouco de raiz forte cozida, tomou dois goles de chá amarelo frio e foi dormir. Amanhã era o dia da partida.

O domingo amanheceu nublado, com uma chuva leve intermitente. Afonso acordou com a mesma algazarra matutina de crianças do dia anterior. Chuva ou Sol eram indiferentes para elas. Aparauã não estava na oca, mas a comida já estava posta. Ele havia disposto uma espécie de mesa baixa, certamente para deixar o hóspede mais confortável. Sobre a mesa estava estendido um tecido fino, semelhante a linho, com pinturas coloridas de flores, como se fora uma toalha de mesa. Sobre esta, uma travessa com várias frutas, outra com alguns pães e uma vasilha alta com chá quente. “Comida indígena sobre uma toalha europeia, cobrindo uma mesa oriental”, pensou Afonso, divertido.

De qualquer modo, ficou um tanto intrigado com a toalha de mesa. Sempre vira as mulheres da aldeia tecendo panos grossos, de fibras, e não tecidos tão finos como este. Que outras surpresas esta tribo ainda reservava para ele?... Um ruído da cortina da entrada se abrindo interrompeu suas ponderações.

– Bom dia, nobre amigo dorminhoco de grandes sonhos! exclamou Aparauã.

– Bom dia, homem sábio de grandes saberes culinários!

– Gostaste da apresentação? Encomendei a mesa na sexta, quando chegaste, e Atanauê ma entregou hoje cedo. Ele aprendeu a arte de esculpir móveis com um marceneiro da cidade grande.

– Soubesse eu disso teria encomendado a ele um berço com entalhes indígenas.

– Poderás fazer outras encomendas a Atanauê; ele ficará muito lisonjeado de recebê-las de um nobre branco. Adivinha quem teceu o pano de mesa, ou toalha, como se diz em tua língua.

– Como poderia saber? Nunca imaginava que tecidos assim pudessem sair de uma tribo. Para tanto seria preciso um...

– Tear, exatamente. Temos dois aqui. Não viste o depósito fechado? Estão lá. Uma boa troca com mercadores da cidade. Capotira aprendeu a arte com uma dama branca e ensina as jovens índias sempre que pode. Foi ela que teceu a toalha de mesa. Presente para ti.

– Capotira teceu essa toalha e quer me dar de presente?

– Sim. Aceitas?

– Aceito, claro, mas por que uma toalha? Ela poderia ter me dado um... um... besouro verde, por exemplo.

– Não adivinhas?

– Não, a primeira coisa que Célia fará ao ver essa toalha será perguntar-me de onde veio e quem ma deu.

– Pronto, adivinhaste.

– O quê?

– Capotira quer ter certeza de que falarás com Célia sobre o que aconteceu entre vocês. Ela não acha certo manter isso em segredo. Entendeu agora?

– Entendi, Aparauã, entendi. Onde está Capotira?

– Está a montar adornos de pescoço com outras jovens, no depósito correspondente. Ela não quer falar contigo. Por isso me pediu para te dar o presente.

Afonso não respondeu. Sentou-se e pôs-se a comer, pensativo. Aparauã sentou-se à frente dele, esperou Afonso comer um pouco e perguntou:

– Qual foi o resultado do experimento?

- Como?
- O terceiro objetivo, lembra-te? Se sentiria ou não saudade de tua esposa.
- Ah, sim, é verdade. Pois te devolvo a pergunta: Qual achas que foi o resultado?
- Não acho nada, tenho certeza. Sentistes saudade de Célia.
- Sim, senti saudade.

Afonso depositou o pedaço de pão sobre uma espécie de rosa pintada na toalha e encarou o amigo:

- Amo Célia, Aparauã. Isso não vai mudar nunca, compreendes?
- E Capotira?

Silêncio. Afonso abaixou a cabeça, olhou para as pétalas de rosa emoldurando o pedaço de pão, e voltou a encarar o índio:

- Amo Capotira também.

Silêncio novamente. Afonso engoliu um naco de pão imaginário e continuou:

- Não me julgues mal, Aparauã. Nem eu mesmo me entendo. Só estou a dizer o que sinto.
- Tenha calma, tenha calma. Tudo há de se resolver.
- Vou precisar levar uns dez litros do chá amarelo, disse o jovem português com um sorriso da mesma cor.
- É pena que não acreditas em nada da nossa crença. Se acreditasses terias mais alguns pontos de apoio.
- Pois passo a acreditar agora mesmo. O que tenho de fazer? Diga, Aparauã! Minha alma está confusa! Tonta! Meu coração dividido ao meio! Podes entender isso?... Que devo fazer? Diga!
- Calma, não é assim. Atenta. Todos nós temos amigos no mundo invisível que nos cerca, amigos que nos ajudam e nos guiam. Procure falar com o teu amigo, peça auxílio. Pergunte a ele o que deve fazer, que atitude é a mais certa a tomar.
- Tirar dúvidas com um amigo invisível... Pois muito bem, vou fazer exatamente isto! Não estou em posição de escolher auxílio, seja do mundo visível, invisível, ou sei lá mais o quê.

– Fale com o padre Alcides também, se confias nele. Ele poderá te dizer algumas palavras de conforto, se realmente quiser o teu bem.

– Faça qualquer coisa, Aparauã, qualquer coisa...

Afonso pousou os braços cruzados sobre a mesa baixa e apoiou neles a cabeça. Aparauã colocou a mão sobre o ombro dele, fechou os olhos e pediu a seu amigo invisível que ajudasse de alguma maneira este seu amigo visível, que tanto sofria.

Afonso não saiu mais da oca de Aparauã. A chuva tinha apertado durante o dia, impossibilitando dessa maneira as suas pesquisas pela tribo. Durante algum tempo respondeu às perguntas de Aparauã sobre a situação na Europa, sobre as guerras de sempre no continente dos homens brancos. Aparauã também tinha interesse em se aprofundar mais na doutrina cristã. Afonso respondeu o que sabia e prometeu lhe trazer livros sobre o assunto.

Quanto a Afonso, interessava-o sobretudo as inscrições que vira gravada nos takapes e que, segundo soube de Aparauã, apareciam também nos arcos dos depósitos de arcos e flechas. Aparauã estava justamente trabalhando numa espécie de compêndio das inscrições Tipuras, registrando-as num livro de papel adquirido de mercadores.

– Poderia acompanhar esse teu trabalho, Aparauã?

– Naturalmente que podes. Talvez seja de valia para teu livro.

– Por falar nisso, ainda não tomei conhecimento da mensagem de Tupan-an. Poderias me dizê-la?

– Tudo a seu tempo, tudo a seu tempo. Paciência é uma virtude, como sabes.

– Sim, de facto. Perseverança também.

Ambos riram. Logo depois a cortina se abriu e entrou Apuã.

– Melhor Afonso não ir mais tarde hoje. Chuva deixar mata lisa. Perigoso escorregar. Melhor ir agora.

– É verdade, Apuã, não tenho a menor intenção de chegar em casa com algum osso quebrado, enfaixado em couro marrom. Floresta com chuva deve ser um perigo mesmo, e no escuro então... nem pensar. Vou quando determinares.

– Afonso aprontar tudo então. Apuã chamar logo.

Um sinal de cabeça e Apuã já estava fora da oca. Afonso foi arrumar suas coisas para a viagem de volta. Sacudiu a toalha de Capotira, dobrou-a tão cuidadosamente quanto

pôde e colocou-a na trouxa de roupas. Alguns minutos depois Apuã estava de volta, com um novo maço de ervas que Coacira mandava para Célia. Afonso acomodou o maço na trouxa e despediu-se de Aparauã com um longo abraço, sem palavras.

Na saída da aldeia, Afonso deu uma última olhada para trás. Apuã já seguia em frente, sem se deter. A cortina da oca mais visada por Afonso se abriu levemente e a figura de Capotira surgiu. Ela parou na entrada, imóvel, com os braços estendidos ao longo do corpo. Afonso fez menção de lhe dar um aceno, mas desistiu. Contudo, a imagem de Capotira lá, de pé, olhando para ele, ficou gravada indelevelmente em sua memória, como todas as outras, aliás, em que ela estava presente. Afonso por fim se virou e apertou o passo para alcançar Apuã.

Felizmente a chuva havia amainado e a viagem de regresso transcorreu sem incidentes. Afonso agradeceu vivamente Apuã e pouco tempo depois já estava em frente à sua casa. De fora sentia o odor da erva-da-lua, e isto lhe dava imenso conforto. Já havia quase escurecido quando abriu a porta.

– Celita, cheguei!

Ruídos de passos na cozinha, e logo depois Célia surgia à sua frente. Vinha com um sorriso discreto, sem o brilho usual nos olhos. Ao alcançar Afonso, deu-lhe um abraço apertado.

– Senti tanto tua falta!

– Eu também, minha querida, eu também!

Célia apertou mais Afonso contra si, e este retribuiu com vontade sincera. Sentia-se aconchegado nos braços da esposa, como que protegido por assim dizer. De repente, aconteceu algo. Célia parou de apertar as costas do marido e, aos poucos, foi afrouxando o abraço até extingui-lo. E ali estava ela, mirando Afonso fixamente nos olhos, sem mais uma sombra sequer de sorriso e muito menos de olhos brilhantes.

– Que foi, Célia? O que aconteceu?

– Estás diferente.

– De novo com isso? Já me disseste tal coisa uma vez, lembra-te?

Célia continuava olhando fixamente para o marido, sem desviar o olhar. Afonso começou a se sentir incomodado.

– Fala, Célia, o que te aborrece?

– Quem é?

– Quem é o quê? Quem é quem?

– Quem é a mulher que entrou na tua vida.

Afonso olhou com espanto para a esposa por uns instantes, a ver se tinha entendido direito. Depois sentou-se numa das cadeiras da sala.

– Mulher? Em minha vida?... De onde tiraste isso?

– De ti mesmo. Quem é ela?

Chegara a hora. A intuição aguçada de Célia vencera mais uma vez a razão iluminista de Afonso. Não havia mais como adiar nada.

– É uma índia, Afonso? Só pode ser uma índia, se é que vens mesmo da tribo.

– Claro que venho da tribo. Que ideia tens de mim? Por quem me tomas?

– Então é uma índia. Quem é ela? O que aconteceu entre vocês?

– Vou contar-te tudo, mas antes quero dizer-te uma coisa. Olha bem nos meus olhos de novo.

– Estou a olhar.

– Amo-te, Maria Candelária, muito. Acreditas em mim?

Célia continuou olhando para o marido por alguns momentos e em seguida respondeu secamente:

– Sim.

Afonso abriu a trouxa de roupas, retirou de lá uma toalha pintada de flores e a abriu sobre a mesa da sala. Sentaram-se um diante do outro, com a toalha no meio dos dois. Nunca tivera segredos para com sua amada esposa. Este não haveria de ser o primeiro.

## Capítulo 7 – Vidas Lapidadas, Corações Dilapidados

Afonso contou tudo a Célia. Tudo. Nada escondeu, nada apaziguou. Contou do que sentiu ao ver Capotira pela primeira vez, contou do abraço, das lágrimas de ambos. Falou até da história dos fios tecidos em outro mundo. Célia ouviu tudo calada, com uma expressão indefinida no rosto. Terminado o relato, ela se recostou com um ar cansado e disse:

– Tu demonstras ter uma grande confiança em mim, ao me contares tudo isso. Tenho de reconhecer.

– E como não teria confiança em ti? És minha esposa. Minha querida esposa. Sempre serás. Vamos ter um filho. Somos uma família. Fui como que atingido por um raio num dia de céu claro, sem nuvens. Não esperava, nunca. E não funciona bem como pára-raios.

– Tu nunca mais voltarás àquela tribo.

– Célia...

– Nunca mais!

– Calma. Quero mostrar-te uma coisa. Vê estas anotações. Aqui, estas. Copiei-as das inscrições gravadas numa arma de defesa deles. Inscrições, Célia! Os Tipuras têm uma forma primitiva de escrita! Percebes o que isto significa para a Etnologia? Para a Antropologia? É simplesmente fantástico. Eles conservam conhecimentos que já se perderam há muito nas outras tribos, mesmo nas mais próximas. É uma descoberta que...

– Chega, Afonso. Não pisas mais naquela aldeia. Podes mandar recados para Aparauã, se quiseres, por meio de Apuã.

Era inútil insistir. Voltaria a falar com ela numa outra ocasião. Hoje não conseguiria nada. Sua amada Célia havia compreendido o que se passara com ele, e isso não era pouca coisa. Qualquer outra já teria feito um escândalo sem tamanho, a ponto de tirar o primeiro lugar de Carlota Joaquina já no dia seguinte na corte. Mas Célia não. Célia era especial. Por isso mesmo que a amava.

– Vamos dormir, Celita. Amanhã quero ver o andamento da obra.

– Vamos. Guarda essa toalha em algum lugar onde eu não precise vê-la e vem deitar. Não te apresses no banho.

Passaram-se vários dias. A casa já ia bem adiantada. Mais uma ou duas semanas e os Monteiro de Mello poderiam mudar-se. Célia consultava o Dr. Bernardino com mais frequência. Queixava-se muito de cansaço e tonturas. Verdade é que as tonturas eram mais intensas antes, quando Afonso estava na tribo, mas mesmo assim incomodavam-na. Ultimamente vinha tendo dores de cabeça também, e vômitos. Dr. Bernardino recomendava repouso e muito líquido. Afonso pediu para Célia reduzir o número de aulas, sem sucesso.

Num dia de brisa fresca, eles finalmente se mudaram para a nova casa. Várias carroças emprestadas de seus muitos amigos levaram os pertences. No dia seguinte à mudança, Célia foi direto à casa dos proprietários da antiga morada, para lhes dar a boa notícia. Levou um bolo, biscoitos e o oferecimento de aulas gratuitas de crochê e bordado para a mãe das crianças. Formava-se ali mais uma amizade para a vida toda, das muitas que Célia colecionara em sua existência terrena, sem nenhum esforço.

Já há algum tempo a professora, senhora Viscondessa Dona Célia Maria, recebia pagamento em troca das aulas que dava de bordado e crochê. Desnecessário dizer que a ideia não partira dela, mas de suas alunas. Elas se reuniram num dia de motim e apresentaram sua decisão à querida mestra, na forma de quase um ultimato. Não achavam justo Célia despender tanto tempo com elas em troca de nada além de suas companhias. Até mesmo a compra do material de bordado, os tecidos e as linhas para crochê, corriam por conta de Célia. “Absurdo total”, haviam assinalado elas no ultimato. Dali para frente, cada uma compraria seu próprio material e faria um pagamento mensal à professora. Célia acabou por concordar, mas com a condição de não estipular um preço fixo pelas aulas. Cada uma daria o tanto que desejasse. O acordo foi fechado, e assim a “Escola de Bordado, Crochê e Alegria Monteiro de Mello”, como a apelidara a Condessa do Douro, ganhava cada vez mais prestígio e alunas na cidade do Rio de Janeiro.

Afonso ainda tentou por outras vezes demover Célia da proibição de ir à tribo. Sem êxito. Célia permanecia irredutível. Parece que o amigo invisível de Afonso também não andava muito receptivo a seus rogos, provavelmente porque nunca havia sido procurado antes. Devia ser isso. Numa de suas idas ao mercado para comprar mantimentos, agora que Célia estava proibida de fazer esforços de qualquer tipo, levou três livros sobre cristianismo para Apuã entregar a Aparauã, e também um bilhete para o amigo, com duas únicas palavras: “Ainda vivo”.

A saudade que Afonso sentia de Capotira era atroz, feroz. Algoz. Consumia-o. Quanto tempo já sem vê-la? Dois meses? Três meses?... Ou duas eternidades, três eternidades? Não sabia. A vida corria à sua frente tal como seus olhos de agora: cinzenta e sem vida. Ainda consolava-se ao ver a imagem da esposa dedicada e de sua barriga avantajada. Seu filho ia chegar... Como não poderia estar feliz ao lado de uma mulher assim? Era um homem feliz, claro que era. Mas também era um homem angustiado. As duas coisas. Feliz e angustiado.

Quando ficou claro que Célia realmente não ia mais permitir seu regresso à aldeia, Afonso chegou até a sentir uma espécie de alívio. Com uma barreira assim, tão intransponível, ele acabaria por se conformar, e a lembrança de Capotira também acabaria por se desvanecer naturalmente. Era, portanto, apenas uma questão de tempo. Se ultrapassasse o período crítico de abstinência voltaria, pois, à vida de antes, como se nada houvesse acontecido, exatamente como sucedido com o Zé Bento carroceiro, que quase morreu ao parar de uma vez com o fumo de corda que consumia desde a adolescência – exigência irrevogável de sua senhora, desgostosa do odor das roupas do marido – mas sobreviveu e recuperou a saúde de antes.

Todavia, as previsões alegórico-tabagísticas de Afonso não se confirmaram. O período crítico de abstinência não passou com o tempo, pelo contrário, só fez crescer e crescer. Afonso perdeu o apetite, começou a emagrecer a olhos vistos. Dormia mal. As olheiras se aprofundavam. As tiradas bem-humoradas de antes escassearam. Olhava para Célia como para se certificar de seus sentimentos. Sim, sentia amor por ela. Em relação a isso, nada mudara. Se amar e ser amado era condição para a felicidade, então era, sim, feliz, pelo menos o era uma das partes de sua alma dividida, uma das metades de seu coração cortado em dois. A outra metade pensava em Capotira, e era só saudade, uma saudade louca. A continuar assim, em breve Dr. Bernardino teria seu primeiro paciente psiquiátrico. Sabia que Capotira também sentia saudade dele, e que sofria...

Célia via com tristeza a transformação que se processava em seu amado marido, a devastação que grassava em sua alma. Por mais de uma vez o viu em sua mesa de trabalho, lutando contra si mesmo para concluir um simples trabalho de tradução ou compilar algumas poucas anotações para suas pesquisas. Em outros tempos nem teria parado para comer, apesar de seus protestos. Antes escrevia com sofreguidão e, quando finalmente parava, era sempre com um sorriso seguido de uma boa piada. Agora geralmente ficava ali, rabiscando lentamente alguma coisa no papel em branco, para logo estacionar a caneta no ar. Depois, retornava cuidadosamente a caneta ao suporte e soltava as costas com um baque até o encosto. Com a cabeça apoiada no espaldar alto da cadeira, contemplava então o teto, a janela, as paredes... Permanecia vários minutos assim, para em seguida tomar novamente a caneta e voltar à luta. Algumas vezes, Célia

aproximava-se por detrás, abraçava-o e lhe dava um beijo carinhoso. Afonso se virava para ela, devolvia-lhe um sorriso sincero e tímido, e acariciava sua cabeça. Depois tentava retomar o trabalho com um pouco mais de entusiasmo. Parecia um esforço hercúleo.

Não, isso não podia continuar. Célia orava e orava, pedia ajuda aos santos de sua devoção. Não sabia o que fazer. Não compreendia o que se passava no íntimo de Afonso. Se ele simplesmente tivesse se apaixonando pela índia, seria natural que deixasse de amá-la, mesmo que fosse aos poucos, mas não era isso o que sentia. Olhava dentro dos olhos dele e via lá o amor de sempre. Sua intuição nunca falhara. A diferença é que agora havia mais uma pessoa a morar no lar do coração dele. Fato incontestável, porém, é que a alegria outrora reinante na pequena família Monteiro de Mello havia desaparecido de vez.

Afonso a procurava como sempre, e agora com muito mais cuidado e carinho, por conta da gravidez. Também não havia deixado de encostar a cabeça no seu colo com os olhos cerrados, como tantas vezes fizera, abraçando-a ternamente, enquanto Célia se dedicava a seus bordados na chaise longue. Chegava por vezes a dormir nessa posição. Antes de adormecer assim, normalmente contava a ela algum caso pitoresco da corte, para abastecer o estoque da Eleutéria e garantir um menu diferenciado para o próximo mês, como ele dizia. Davam até risadas juntos, como antes. Quase tudo continuava como antes. Quase. Se os abalos anímicos de Afonso não tivessem começado a se manifestar em seu físico, talvez ninguém de fora tivesse percebido nada de anormal. Diriam apenas que Afonso se tornara mais calado, só isso.

Mas Afonso tornara-se mais do que calado. Certa vez, Célia o viu da cozinha raspando o papel em que trabalhava. Imaginou que ele havia escrito alguma coisa comprometedor, ou algo de que tivesse se arrependido. Chegou silenciosamente por trás dele, a fim de descobrir o mistério. E viu que ele não estava raspando nada. Estava era enxugando o papel. Uma ou duas lágrimas haviam molhado seu instrumento de trabalho. Naquele momento, Célia não suportou mais:

- Afonso, temos de conversar. Não é mais possível assim.
- Célia querida, o que te aflige?
- Tua aflição. Não és mais o mesmo, já há muito.
- Não sou? Fiz algo que te desagradou? Deixei de fazer algo que de mim esperavas?
- Não, nada disso.
- Então não compreendo.

- Quando tu pensas em Capotira, teu sofrimento atinge-me.
- Bem, eu penso nela, sim, mas também penso em ti, no nosso filho que está para chegar.
- Sei disso.
- Então diz o que te aborrece, minha Celita.
- Estava a pensar se não seria melhor nos separarmos. Tu poderias dar seguimento à tua vida ao lado dela.

Afonso observou Célia por um momento. Sua esposa era uma criatura extraordinária. Forte, sem deixar de ser doce; enérgica, sem deixar de ser meiga. E, mesmo neste momento tão sério, estava pensando no seu bem, antes do dela. Aliás, como fazia com todos.

– Não digas tal coisa nem de brincadeira. Não posso nem imaginar minha vida sem ti. Perdoa-me, Célia, se te faço sofrer. Juro que não queria isto. Juro!

E era verdade. Afonso não queria que ninguém sofresse. Ninguém mesmo. Havia duas mulheres admiráveis em sua vida, duas mulheres excepcionais. Via-se afogado numa cachoeira de qualidades e virtudes, provenientes de duas fontes límpidas, abundantes. Sentia-se um crápula, não merecedor de nenhuma das duas.

Será que as duas também não teriam defeitos? Talvez Célia devesse pensar mais em si mesma, ao invés de se preocupar tanto com os outros, de se doar assim tão desinteressadamente pelo bem-estar do próximo. Afinal, em tudo devia haver equilíbrio, conforme Aparauã lhe dissera e ele concordara. Quanto a Capotira... também ela se doava para mitigar o sofrimento das pessoas, com seu dom de cura. Ensinava alegremente as moças da tribo a tecer, sem também nada pedir em troca. Sorrisos eram seu pagamento. Seu defeito eram suas profecias falhas. Pois não havia dito que seria impossível que um dos três corações não sangrasse? Havia, portanto, predito que um dos corações certamente sofreria, mas não era isto o que a realidade mostrava. Todos os três corações já estavam batendo completamente dilacerados. Teias escuras certamente já haviam descido sobre a trilha de sua vida.



Na mata, o terceiro coração tentava sobreviver como podia. A lembrança de Afonso, sua voz, seu olhar, estavam sempre presentes diante de Capotira. Mas ela se esforçava em viver como se não o tivesse conhecido. Principalmente quando o pai estava por

perto. Nesses momentos procurava ao máximo não deixar transparecer sua tristeza. Ela era o que de mais precioso o pai tinha na vida, desde a morte de sua mãe. Se ele percebesse algum vestígio de tristeza nela, seriam quatro já os corações a sangrar. E isso tinha de ser evitado a todo custo. Além do mais, Ubiratanga poderia ver nesse episódio simplesmente um ataque externo a um membro dos Tipuras, um ataque diferente, é verdade, mas mesmo assim um ataque. Conhecia seu pai. E se sua filha fosse atacada ele agiria segundo as leis de defesa, isto era certo.

Capotira prometeu ao pai que iria pensar na sua proposta de viagens a dois. Ubiratanga queria que a filha conhecesse outras tribos, outras pessoas... em outras palavras, outros jovens com quem pudesse se identificar. A alguém ela haveria de considerar digno de receber seu coração. Assim imaginava Ubiratanga.



Na casa dos Monteiro de Mello a vida também seguia como era possível, aos trancos. Célia lembrou-se do sonho que tivera. Não sabia se naquele momento já estava escalando a montanha íngreme ou cambaleando pelo caminho desértico, mas a vereda florida ficara definitivamente para trás.

A proposta de separação de Célia se repetiu mais algumas vezes, com a negativa sincera e veemente de sempre por parte de Afonso. Foi então que Célia começou a pensar numa outra saída. Ainda precisava amadurecer melhor a ideia. O impulso maturador veio inesperadamente numa tarde de sábado.

Afonso estava afundado no almofadão grande de couro bege, feito no oriente, e chamado *puff*, segundo a Marquesa de Alentejo. Havia comprado por indicação dela, de um mercador persa estabelecido na Rua Direita. “A maior invenção árabe depois do zero e do quibe”, havia asseverado o tal mercador em tom muito sério, com aquele sotaque anasalado inconfundível, fazendo vibrar os pelos grossos do farto bigode mouro.

Célia pensava que o nome “puff” se devia ao som característico que o almofadão em forma de poltrona fazia ao absorver o peso do corpo, mas a Marquesa lhe explicou que não era assim. Segundo ela, o puff havia sido inventado por um califa otomano chamado Nahar al Abdullah Aziz al Puffin, desgostoso que estava com as almofadas pequenas e desconfortáveis de seu palácio. Nahar batizou sua invenção de *puffin*, em homenagem a si próprio. A novidade logo se espalhou pelo mundo árabe e chegou à Europa, conhecendo lá um estrondoso sucesso, principalmente na França. Dada a conhecida aversão dos franceses a estrangeirismos de qualquer espécie, e ainda mais

que Napoleão decretara a total proibição do uso deles em seus domínios, o almofadão recebeu na França o nome gálico de “pouffet”. Com este nome chegou ao Brasil, através dos navios mercantes, mas aqui foi logo abreviado para “puff” e assim permaneceu.

Afonso estava, pois, lendo um livro com muito interesse, confortavelmente instalado em seu *puff*. Coisa rara nos últimos tempos. Célia se aproximou e ficou algo surpresa ao divisar o título: “História Ilustrada da Vida dos Povos Árabes”. Seria coincidência estar ele acomodado no *puff* justamente enquanto lia aquilo? Precisaria talvez de um ambiente condizente para se aprofundar no tema?... Seria isso? A Viscondessa sorriu com as próprias conjecturas.

– O que tanto encanta meu letrado marido?

– Passei hoje de manhã na Real Biblioteca e puxei este livro ao acaso. O mundo dos maometanos é extraordinário, Célia. Os costumes, a culinária, a religião... tudo.

– Pois conta-me algo então.

– Não preciso falar-te da influência dos mouros em nosso país. Certamente já estudaste essa parte da nossa História.

– Com o padre Joaquim, sim, quando pequena. Mas ele não falava exatamente bem desse povo.

– Mas esta obra aqui fala. Há algumas passagens aqui do livro sagrado deles, o Alcorão. Muito interessante mesmo. Há ilustrações da vida cotidiana, os trajés, os costumes. Eles creem unicamente em Alá, que é o mesmo Ser onipotente em que nós, cristãos, acreditamos.

– Sim, eu sei.

– Dão muito importância aos rituais da religião. Oram cinco vezes por dia, sempre voltados na direção da cidade de Meca, sagrada para eles. Os homens podem ter mais de uma esposa, caso possam sustentá-las, e na época do Ramadã...

– Como é que é? Mais de uma esposa?...

– Sim, é o costume deles. Parece que até quatro, no máximo, segundo entendi.

Afonso falou sem tirar os olhos do livro. Estava explicado o súbito interesse do senhor Visconde pelo mundo árabe.

– Afonso Firmino! Acaso estás a pensar em levar uma vida conjugal de maometano, sendo tu católico?

- Não se trata disso, não é isso. Só estava a pensar como os costumes e hábitos podem variar de um povo para outro.
- Ah, sim? Para ti bastaria reinar num harém de duas mulheres, não é mesmo?
- Não torças as minhas palavras. Não és tu que sempre dizes que todos os homens foram feitos pelo mesmo Criador?
- Não torças tu as minhas. Se o Criador é o mesmo, independentemente da crença, isto não significa que possamos ou devemos copiar os hábitos dos outros povos. A interpretação do que é certo ou errado varia.
- Achas que eles estão a pecar?
- A pecar?
- Sim, os homens maometanos. Achas que eles pecam ao viver com mais de uma mulher?
- Bigamia é não condenada somente pela Igreja como também é crime aos olhos do Estado.
- Só perguntei se achas que pecam ao viverem assim.
- Pelas leis do cristianismo, sim, pecam.
- Mas pelas leis deles não pecam.
- Não, não pecam.
- Mas o Criador dos maometanos e dos cristãos é o mesmo.
- Sim.
- Achas então que Ele estabeleceu regras diferentes de vida para cada um dos dois povos?
- Estás a confundir-me.
- Quando um cristão morre é julgado no Além pelas leis do cristianismo, e quando um maometano morre responde pelas leis exclusivas de sua crença. Acreditas mesmo nisso?
- Olha aqui, Afonso. Não tenho a menor vontade de discutir teologia contigo. Tu poderias aproveitar melhor este teu dom com as palavras e entrar para a política.
- Prefiro conseguir as coisas do jeito mais complicado, com meu próprio esforço.

Célia sorriu. Seu marido era mesmo uma alma especial. Atormentada, é verdade, mas especial. Deu-lhe um beijo para encerrar de vez a erudita discussão e foi para a cozinha.

O episódio dos árabes e seus costumes fez Célia pensar mais profundamente na ideia que vinha acalentando já há algum tempo. À noite, depois do jantar e de uma sobremesa diferente – gomos de jaca cozidos com calda de açúcar queimado – Célia se pôs a bordar em sua chaise longue, ainda matutando sobre sua ideia. Logo depois, Afonso já estava acomodado em seu colo. De vez em quando, ela interrompia um pouco o bordado e desenhava figuras imaginárias nos cabelos pretos desgrenhados dele. Em dado momento, ela disse em tom baixo:

– Gostaria de saber algo.

– Estou a ouvir.

Célia afastou-o de seu colo para que pudesse olhá-la enquanto falava.

– Se tu voltasses para tribo, o que farias?

– O que eu faria?

– Sim, em relação a Capotira. O que achas que aconteceria entre tu e ela num novo encontro?

– Capotira disse-me que não mais me procuraria. Os Tipuras não têm duas palavras.

– Nem tu, tampouco. Prometeste o mesmo a ela?

– Não, não prometi nada.

– Prometerias a mim?

– Prometer o quê? Não procurá-la?

– Sim.

– O que queres dizer com isso? Explica logo.

– Estive a pensar. Não gostaria que voltasses a conversar com Capotira, muito menos que a abraçasses novamente. Mas vê-la, apenas vê-la... talvez acalmasse teu coração.

– Estás dizendo que não te importarias que eu fosse à tribo e visse Capotira?

– Importo-me sim, e muito. Mas também importo-me com tua alma sofredora. Uma conversa ou um outro abraço certamente fortaleceriam os tais fios que teceste com ela,

mas uma visão... Mesmo porque tu podes topar com ela a andar por aí no mercado. Ela já não veio à cidade?

– Sim, veio algumas vezes.

– Então. Se tu fores à tribo também poderás pôr os assuntos em dia com teu amigo Aparauã. Achas que seria bom para ti rever Capotira também? Atenta: só rever? Ou isso iria fortalecer ainda mais os tais fios invisíveis?

– Se o que Aparauã disse é verdade, séculos não foram suficientes para enfraquecer os fios. Não creio que precisariam ser reforçados de algum modo.

– Vou colocar as coisas de outro modo. Se tu fores à tribo, se conversares com Aparauã, se revires teus amigos rubros, se anotares mais das tais fantásticas inscrições lá nas lanças deles, e se também vires Capotira, isso tudo te faria sentir melhor?

– Sim, creio que sim.

– Então podes ir. Mas vais e voltas no mesmo dia, está bem?

Afonso deu um sorriso doce para a mulher.

– Está bem. E quanto à promessa que me pediste...

– Sei que vais cumpri-la. O que tu prometes, tu cumpres. Sempre foi assim. Minha confiança em ti não mudou.

Célia voltou a concentrar-se no bordado e seu semblante permaneceu sério. Afonso nada respondeu. Apenas se levantou, puxou Célia para junto de si e deu-lhe um longo abraço, com todo o carinho e ternura de que dispunha. Iria amanhã mesmo para a tribo, um domingo. Já conhecia suficientemente bem o caminho. Padre Alcides já estava quase a excomungá-lo de tantas missas que havia perdido, mas teria de cometer mais do mesmo pecado.

No dia seguinte, na hora do Sol vermelho, Afonso se embrenhou pela mata. A trilha até a tribo Tipura parecia-lhe mais espaçosa e firme dessa vez, mais clara, sem empecilhos nem véus de qualquer espécie. Lá pelo meio do trajeto ouviu o que julgou ser um rugido rouco, não muito distante. Seria o caso de se preocupar, já que estava sozinho. Talvez devesse subir numa árvore e aguardar. Mas a expectativa de rever Capotira suplantou sem maiores dificuldades esse início de receio e ele seguiu em frente, resoluto. Tinha coisa mais importante a fazer do que enfrentar onças. O bicho rugidor devia ter opinião igual em relação a ele, porque logo se afastou também. Tudo certo. Afonso chegou na clareira da aldeia ainda antes da algazarra infantil matutina. Só

algumas poucas ocas estavam com as cortinas descerradas. A de Capotira estava fechada.

Afonso dirigiu-se diretamente à oca de Aparauã. Abriu cuidadosamente a cortina e espiou. Uma voz conhecida o alcançou:

– Entra, Afonso. Já vou estar contigo.

Alguns minutos depois e um Aparauã sorridente veio até ele com os braços abertos. Abraço apertado.

– Teus dotes de vidente só fazem crescer, meu amigo Tipura.

– Sabia que vinhas hoje.

– Verdade? Como?

– Ubiratanga viajou ontem para a tribo dos Uicapós, com dois irmãos fortes. Queria tratar de algumas trocas de mercadorias e também que a filha conhecesse a cultura deles e alguns nobres índios.

– Então Capotira...

– Capotira está na tribo. Pediu ao pai para ir com ele numa outra ocasião. Queria estar na tribo hoje.

– Queria?

– Depois que o pai saiu ela me contou ter sonhado contigo na noite anterior. Sonhou que tu voltavas à tribo para vê-la. E que isso, por si só, não traria tristeza a Célia. Por isso, ela não quis viajar. Pediu para te dizer que vai dar aula de tear na parte da manhã. Tu poderás vê-la.

– Irei. Pelo visto, tudo continua meio mágico por aqui.

– Para quem não acredita nas influências do mundo invisível, deve parecer pura mágica mesmo, muita mágica.

– Gostaste dos livros que te enviei?

– Sim, algumas coisas eu já sabia, da época dos jesuítas, outras não. Sobre a Bíblia, tenho minhas próprias concepções, como sabes. Mas tenho cá uma pequena lista de perguntas.

– Tudo a seu tempo, disse Afonso a sorrir. Paciência é uma virtude...

Risos. Aparauã entrou no ambiente que seria a cozinha, e voltou de lá com chá quente e pedaços de pão com manteiga.

– Então incorporaste a manteiga dos brancos no cardápio indígena!

– As crianças adoram. Pedem para os pais buscarem no mercado. E o gosto é mesmo muito bom. Quase todos já usam aqui.

Algumas horas de conversa e os assuntos de cada um já eram do conhecimento do outro. Aparauã se mostrou preocupado com o rumo que a vida de Afonso seguia, o destino de seu casamento, o sofrimento de ambos, e também com a gravidez difícil de Célia. Afonso, por seu turno, queria saber mais das crenças Tipuras e fazer outras anotações das inscrições que Aparauã vinha coletando.

À certa altura, Aparauã avisou Afonso que as aulas de Capotira já deviam estar em andamento, e este prontamente se dirigiu ao depósito dos teares. De longe reconheceu a figura esbelta da professora, dando instruções, inclinada, sobre um tecido aberto no colo de uma aluna bem jovem. Aproximou-se da “sala de aula” e ficou ali parado, observando a dona de metade da sua vida. Contudo, seu coração inteiro é que estava batendo forte naquele momento.

Capotira vestia uma saia branca de tecido grosso que chegava até o meio da canela. Afonso já havia notado que as roupas dela eram mais longas que as das outras índias. Na cintura ela trazia um cinto de couro cru, que dava duas voltas e terminava em pequenas tiras finas. Essas tiras eram trançadas entre si do seu lado esquerdo, servindo como ajuste do cinto, ficando pendentes pouco abaixo da cintura. Na parte de cima ela usava um pano, do mesmo tecido da saia, disposto em diagonal, semelhante à parte superior de um sári indiano. O pano cobria seu ombro esquerdo e passava por debaixo do braço direito, dando duas ou três voltas em seu dorso e preso com o que parecia ser uma espécie de fivela, na altura da cintura, do lado direito. O ombro direito estava nu. Tanto a saia como a parte de cima de sua vestimenta estavam pintadas com flores alaranjadas, dispostas aleatoriamente. Uma faixa simples, do mesmo tecido branco, cobria sua testa e segurava seus longos cabelos brilhantes. A imagem de Capotira irradiava uma altivez natural e evocava nobreza interior.

Capotira o viu chegar, mas voltou-se para a aluna e continuou a dar instruções. Depois foi até uma segunda aluna e falou mais alguma coisa com ela. Só então se virou para Afonso e o encarou. Em seu rosto se desenhou um sorriso acanhado de início, mas aberto logo em seguida. No rosto de Afonso aconteceu a mesma coisa. Não trocaram palavra, como previsto, nem se aproximaram muito. Apenas ficaram ali, um a olhar o outro, um a perscrutar o coração do outro. Os pensamentos de ambos, porém, eram os

mesmos: “Saudade de ti! Que bom te rever!” E o sentimento de alívio também era igual nas duas almas. Afonso sentia-se como se tivesse tomado um analgésico anímico; Capotira como se tivesse tomado um chá amarelo especial. Alívio, alívio! Este era o sentimento que tomava conta dos dois seres humanos, de mundos diferentes e sendas comuns.

Quando o alívio se transformou num desejo mútuo de aproximação, uma providencial voz de menina chamou por Capotira, pedindo-lhe mais explicações sobre algo. Capotira fez um leve sinal de cabeça para Afonso e foi atender a aluna. Afonso entendeu e voltou para a oca de Aparauã. Ambos já haviam recarregado suas energias com o quinhão que lhes cabia. Hora de retornar à realidade.

Afonso comeu a refeição principal junto com Aparauã. Respondeu a algumas perguntas dele sobre o início do cristianismo e pôs-se a copiar as anotações das inscrições já compiladas por Aparauã. Lembrou-se das inscrições na pedra de marcação por ocasião da caminhada da Festa das Três Nascentes. Aparauã explicou que essas pedras – eram oito no total – serviam para delimitar o território dos Tipuras.

Afonso foi até a oca de Apuã e pediu-lhe para levá-lo até uma das pedras, no que foi prontamente atendido. Anotou com cuidado tudo o que viu. Na volta, Coacira já os esperava com o sorriso de sempre, acompanhado de um maço de ervas colhidas na hora, para a senhora Célia, a dama branca de coração grande.

Quando Afonso deu por si, o Sol já se escondia atrás das copas mais baixas. Passava da hora de voltar. Apuã ainda sugeriu acompanhá-lo na volta, mas ele recusou. Já conseguia se virar sozinho pelo caminho conhecido. O elogio de Apuã pelo seu desempenho na viagem de vinda, sozinho, era sincero. E lhe deu segurança para retornar sem nenhum medo.

Na saída da aldeia, voltou-se e mirou a oca de Capotira por alguns momentos. Tinha esperança de que ela saísse e, quem sabe, acenasse para ele... Mas nada aconteceu. A cortina da entrada não se mexeu desta vez. As vidas impulsionadas por três corações, interligados por forças invisíveis, haviam sido lapidadas à força, para sempre. E cada um dos três corações, dilapidados sem consentimento, tentava sobreviver como lhe era possível.

## Capítulo 8 – Vidas em perigo

O local da nova residência dos Monteiro de Mello era tranquilo, um pouco mais afastado do centro da cidade. E o casal achava isso ótimo, pois quase não reconhecia mais a pacata vila em que haviam desembarcado apenas alguns meses antes. Agora era um frenesi sem fim de navios estrangeiros, principalmente ingleses, sempre descarregando os mais variados tipos de mercadoria. A recém-fundada “Sociedade de Negociantes Ingleses para o Comércio com o Brasil” abarrotava o porto carioca com produtos até então difíceis de encontrar e outros absolutamente desconhecidos da população.

Ultimamente era possível encontrar com a maior facilidade: martelos de pesos e dimensões variadas, pregos, tecidos de linho e seda, fivelas de arreios, múltiplos tipos de ferragens, cordas de todas as bitolas, serrotes de diversos tamanhos, tintas, barris de cerveja, vinhos de qualidade, queijos e chocolates helvécios, cerâmica, porcelana chinesa, resinas e gomas, espartilhos de ajuste progressivo, ataúdes simples e de luxo, e muito mais ainda. Certa vez, um inusitado e aparentemente errático carregamento de cobertores de lã e sistemas de calefação de cobre ficou apenas três dias repousando no entreposto da alfândega. Os senhores de engenho logo acharam uma utilidade para as mercadorias, sabe-se lá como. Doutra feita, um espantoso carregamento de patins de gelo desapareceu em poucas semanas das lojas dos mercadores da Rua Direita, vendidos separadamente como botas parisienses e maçanetas inglesas para portas, última novidade nas terras do Rei Jorge III.

A cidade fervilhava com o progresso irrefreável. Aos moradores do Rio, colonizadores e colonizados, cabia se adaptarem aos novos ares.

Afonso havia voltado literalmente renovado para casa depois da última ida à tribo Tipura. Se a antiga alegria de viver não lhe havia retornado por completo, como nos primeiros tempos em terras brasileiras, pelo menos as sombras de tristeza dos últimos dias tinham mesmo se desvanecido. Foi isso que Célia constatou ao vê-lo. Não perguntou pelo seu encontro com Capotira e Afonso também não tomou a iniciativa de contar. Célia tinha certeza de que não haviam trocado palavra. Talvez só corações.

A vida na casa nova seguia bem, sem grandes contratemplos. A casa não era tão quente como a antiga, os ambientes eram mais amplos e havia uma sala exclusiva para as aulas da Viscondessa que, aliás, já começava a ficar pequena. Todos os antigos amigos do casal os visitavam na residência nova. Célia gostava especialmente de arrumar as coisas no quarto do bebê. Encheu-o de adornos, enfeites, fitinhas e brinquedinhos coloridos. O futuro príncipezinho, ou princesinha, iria reinar num lugar encantado já desde seus primeiros dias na Terra. E com uma coleção apreciável de roupinhas de crochê. Sua Alteza Monteiro de Mello era aguardada com expectativa crescente pelo Sr. Visconde e distinta senhora.

Afonso ainda pensava em Capotira, naturalmente, mas sem a angústia de sempre. Na verdade, a angústia de antes fora substituída por uma nova, em relação à sua esposa. A gravidez de Célia não ia bem. Estava no oitavo mês e as crises de dor de cabeça eram quase diárias e cada vez mais fortes. Padecia de um cansaço absurdo, nas palavras dela mesma, o que a obrigou a suspender as aulas temporariamente. Tinha edemas pelo corpo, vertigens e sonolência contínua.

No mês passado Célia tivera duas crises leves de convulsões, a segunda um pouco mais séria, no final do mês. Nesta última, seus braços e pernas ficaram tremendo por alguns minutos, os pés dormentes. Naquele dia estavam com ela Acácia e Francisca. Esta última, de tão apavorada, ficou completamente sem fala e sem ação. Foi Acácia quem saiu em busca de socorro. Mas quando Dr. Bernardino finalmente chegou, Célia já estava bem, sem sintomas. O repouso a partir dali tinha de ser absoluto, dissera-lhe o médico, e nada, absolutamente nada de sal na comida. Também nada de álcool, nem mesmo uma taça de vinho, e ingestão aumentada de frutas, principalmente bananas. À noite, Célia contou a Afonso que não se sentira bem durante o dia, mas escondeu dele os tremores. Não queria preocupá-lo. O fato de o Dr. Bernardino ultimamente visitá-la quase todos os dias seria mais uma deferência pessoal dele, uma atenção a mais, um cuidado especial de um médico renomado. Apenas isso. Célia se empenhou em seguir à risca as recomendações do médico da corte. Afonso já tinha problemas em número suficiente para lidar.

Alguns dias depois da última convulsão de Célia, um sábado à tarde, Afonso estava sentado à mesa da sala, estudando algo sobre os costumes tribais e aspectos conjugais dos povos das várias colônias africanas. Dr. Bernardino havia acabado de sair, logo depois de tomar duas xícaras de café forte e comer alguns biscoitos de nata. O médico aparentemente estava satisfeito com a melhora do estado de saúde da sua “nobre prenhã”, como costumava dizer. Voltaria na segunda-feira. Célia estava acomodada na sua chaise longue, tecendo um cobertor de crochê amarelo claro, com metade dele já cobrindo-lhe as pernas.

De repente, Célia soltou um grito agudo e caiu para trás, sem sentidos, com o corpo inteiro tremendo, em convulsão. Afonso voou para junto dela, com os papéis esparramando-se por todos os lados e a cadeira rolando pelo chão. Tentou reanimá-la a todo custo. Nada. Desesperado, chamou, ou melhor, gritou a plenos pulmões pela vizinha, Emerenciana, que prontamente chegou, muito assustada. Afonso pediu-lhe para abanar Célia com alguma coisa e correu no encalço do Dr. Bernardino, que não podia estar muito longe.

Afonso alcançou o médico em poucos minutos. Mal conseguia falar:

– Dr. Bernardino!... Célia!... Desfalecida!... Depressa!

Ambos correram e encontraram Célia ainda desacordada, com tremores espaçados pelo corpo. Dr. Bernardino abriu sua maleta, retirou uma ampola com um líquido escuro, passou o conteúdo para uma seringa fina e aplicou a injeção no braço inerte de Célia.

– Temos de levá-la para a Santa Casa de Misericórdia imediatamente! disse o médico. Agora!

Afonso saiu correndo novamente, agora atrás de algum coche ou charrete, o que aparecesse primeiro à sua frente. Correu e correu, a ponto de não mais sentir as pernas. Estas pareciam que iam sozinhas, desesperadas por si mesmas, independentemente de sua vontade. “Se algo acontecer a Célia, se algo acontecer...” Pensamentos confusos e lágrimas de dor acompanhavam Afonso em sua desabalada carreira. Corria e corria, olhava para todos os lados, em busca de auxílio, de um veículo qualquer. Ao atravessar uma rua, já divisando a seguinte, quase foi atropelado pela carroça do João verdureiro, que vinha de vender suas hortaliças pelas vizinhanças. Era só o que ele precisava no mundo.

– João, por favor!... Célia!... Célia!... Dr. Bernardino está lá!... Precisamos levá-la!

Não precisava falar mais. João fez um sinal para Afonso subir, desencavou o chicote há muito sem uso, escondido sob uns panos rotos debaixo do banco, e fez o cavalo chispar a galope pelas ruelas estreitas da cidade. Alguns segundos depois chegavam à casa de Afonso, seguidos por uma incomum nuvem alta de poeira.

Logo depois, Afonso voltou com a mulher nos braços, para acomodá-la na viatura improvisada de resgate. Um lençol e um cobertor separavam a desacordada Célia de alfaces, couves e rúculas no seu trajeto até a Santa Casa. Ia de um lado Afonso, segurando-lhe a mão, e do outro um mui preocupado Dr. Bernardino, tomando-lhe o pulso em meio aos sacolejos. A chegada da doente na “ambulância” despertou certa curiosidade nos poucos transeuntes em frente à Santa Casa e, logo depois, desencadeou um ligeiro corre-corre no corpo de enfermagem. Em pouco tempo a Viscondessa estava internada no melhor hospital da colônia naquele tempo.

Dr. Bernardino convocou alguns colegas para acompanhar o caso com ele. Quando correu a notícia de que se tratava da Viscondessa do Minho, a professora, outros tantos colegas se ofereceram para tomar parte da junta médica. O diagnóstico era claro, não havia dúvidas: toxemia gravídica, uma complicação muito séria da gravidez, a mais séria que pode haver, e que décadas depois seria mais conhecida como eclampsia.

Célia passou o resto do dia e toda a noite desacordada. Afonso ficou ao seu lado, no quarto, o tempo todo. No dia seguinte, ela ainda não havia voltado a si. Recebia alimentação diretamente pelo tubo gástrico<sup>2</sup>, e quase não respondia a estímulos exteriores. Um estado pré-comatoso, explicou Dr. Bernardino.

À tarde, Dr. Bernardino chamou Afonso para uma sala vazia, onde havia algumas cadeiras. Sentaram-se um de frente para o outro. O semblante do médico não prenunciava nada de bom.

– Senhor Visconde, a situação é muito grave.

– Fale claramente, doutor.

---

<sup>2</sup> A técnica de alimentação endovenosa só seria desenvolvida cerca de um século e meio mais tarde.

– Célia está com os sinais vitais alterados. Apresenta taquicardia e pressão sanguínea muito elevada. Acredito que tenha uma hemorragia interna. O bebê, por sua vez, não está na posição adequada para o nascimento.

– O que pode ser feito?

– Há duas possibilidades. O organismo de Célia começou a reagir contra a gravidez, como se fosse um patógeno.

– O quê?

– Um elemento estranho no seu corpo. Uma embriotomia agora talvez pudesse salvar sua vida.

– Embriotomia...

– Aborto induzido.

– O senhor quer matar meu filho para salvar minha mulher? É isso?!

– Calma, senhor Visconde. Esta é uma possibilidade.

– Diga a segunda.

– Uma intervenção ainda não tentada pela medicina moderna em parturientes vivas. A extração do bebê com um corte no ventre da mãe. Meu colega e amigo, Dr. José Correia Picanço, Barão de Goiana, contou-me que este procedimento foi realizado há muitos anos, na Suíça, em caráter de emergência, por um cirurgião-barbeiro em sua própria esposa primípara, que não conseguia...

– Pri... o quê?

– Primípara, que estava a dar à luz pela primeira vez. Treze parteiras tentaram ajudar o parto, sem sucesso, e aí ele resolveu fazer o procedimento por conta própria. A mulher e o filho sobreviveram. Se fizermos essa intervenção em Célia, acredito que poderemos salvar o teu filho.

– E quais as chances de Célia neste caso?

– Nenhuma. No estado em que ela se encontra, não vai resistir.

Afonso olhou para o médico com olhos vazios. Olhava para ele sem nada ver, sem nada enxergar. Apenas um inconformismo crescente tomava conta do seu ser.

– O médico aqui não sou eu, Dr. Bernardino! É o senhor, que eu saiba! E o senhor me vem agora com duas sentenças de morte, para que eu escolha uma delas?... Tua obrigação é salvar vidas, entendeste? Salvar! Não eliminar! Cumpra teu juramento! Apenas cumpra teu juramento!...

Afonso apoiou os cotovelos sobre os joelhos e escondeu a cabeça nas mãos. Seu corpo inteiro tremia sob um choro convulsivo. Dr. Bernardino o observava

desconsoladamente. Colocou uma das mãos na cabeça de Afonso, e com a outra enxugava suas próprias lágrimas. Nunca se sentira tão impotente na vida.

Quando Afonso, por fim, se acalmou um pouco, Dr. Bernardino ajudou-o a levantar-se.

– Senhor Visconde, por favor vá para casa. Coma alguma coisa, e depois volte ao hospital. Vamos ver se Célia apresenta alguma reação nesse meio tempo. No início da noite, no mais tardar, precisaremos tomar alguma decisão, do contrário perderemos ambos. O senhor pode estar certo de que eu e a equipe faremos tudo, absolutamente tudo o que estiver ao nosso alcance.

Afonso assentiu de leve com a cabeça e saiu cambaleando do quarto. No corredor, deixou-se cair num banco de madeira, totalmente vencido, indiferente à passagem de médicos e enfermeiras, cruzando sua frente como fantasmas de branco, carregados de utensílios inúteis. Ficou ali parado, com o olhar perdido, ruminando pensamentos confusos. Desejava ardentemente poder estar no lugar de Célia, sofrer no lugar dela... sua querida Célia Maria.

Por fim, saiu atordoado do hospital, o coração descompassado e os passos incertos. “Tenho de ir para casa, comer alguma coisa, disse o médico... comer algo...” Afonso ia se arrastando pelo caminho, sem notar nada em volta. Parecia não haver mesmo nada à sua volta. Voltou a si somente quando passou diante da capela de São José, duas quadras depois da Santa Casa.

Parou em frente à capela e ficou olhando para ela, como um bêbado tentando se manter de pé. Fez menção de entrar, mas o desânimo venceu, e ele continuou parado ali, apenas olhando para a entrada da capela. Minutos passaram-se assim. Depois, concentrou-se como pôde e fez uma oração ao Todo-Poderoso ali mesmo, de mãos postas em frente da capela, com toda a fé e com toda a força que ainda lhe restavam. Não pronunciava corretamente as palavras da oração, não lograva articulá-las, apenas as balbuciava. Mais não conseguia. Ao terminar, sentiu um alento, um certo conforto de alma. De súbito, lembrou-se de Aparauã e do amigo invisível que, segundo ele, todas as pessoas tinham. Afonso então pediu ajuda também ao seu amigo invisível, novamente com todas as forças de que ainda dispunha. Ao terminar o pedido, surgiu uma imagem em sua mente: Apuã. “Sim, Apuã! Ele gosta tanto de Célia... Será que está no mercado hoje? Preciso contar a ele o que está a acontecer.” Afonso então dirigiu seus passos para o caminho do mercado, em busca de seu amigo índio.

Apuã estava no lugar de sempre, junto a Coacira. Ao ver seu amigo branco começou a esboçar um sorriso que, no entanto, não prosperou, antes logo se dissipou diante da expressão do rosto de Afonso. Ele e a irmã se levantaram num impulso. Afonso contou-lhes em poucas palavras tudo o que estava acontecendo. Apuã ficou parado, pensativo, na típica posição indígena de braços cruzados. Coacira olhava para baixo, com os lábios apertados. Então Apuã falou:

– Uma pessoa pode ajudar. Capotira já fez nascer muitas crianças. Também cuidou muitas mulheres prenhas. Até mulheres prenhas que dormiam sono de pedra e sangravam.

- Queres dizer, mulheres desacordadas, inconscientes? replicou Afonso.
- Sim, nunca criança morrer nas mãos de Capotira, nunca mulher prenha morrer nas mãos dela. Capotira ter dom de cura, presente dos deuses.
- Eu sei, eu sei. Apuã, podes trazer Capotira ao hospital? Podes, Apuã?
- Apuã pode. Apuã trazer Capotira casa de saúde homem branco.
- Então faça isso! Faça! Ela precisa estar no hospital ainda hoje, antes do anoitecer, compreendes?
- Sim, Apuã trazer Capotira com índios fortes ainda hoje.

Os dois irmãos já começavam a recolher suas mercadorias. Afonso deu um abraço em Apuã, para surpresa deste, fez um sinal de cabeça para Coacira e foi para casa. Estava há mais de 24 horas sem comer nada.

Ao chegar em casa comeu a primeira coisa que viu: um pedaço de pão amanhecido e duas porções de queijo helvécio. Em seguida, voltou para o hospital. Dr. Bernardino estava em reunião com os membros da sua equipe e não pôde atendê-lo de imediato. Afonso esperou junto à cabeceira de Célia. Pelo que constatava ao vê-la, nada havia mudado no quadro. Ela continuava desacordada, o rosto pálido como cera. Cerca de duas horas depois, Dr. Bernardino abriu a porta e fez um sinal para Afonso acompanhá-lo até a sala vazia. Os dois sentaram-se nas mesmas cadeiras, um de frente para o outro.

- Visconde, Célia não reagiu à medicação, infelizmente. Tomei a opinião de todos os meus colegas. A maioria acha que vale a pena tentar salvar a vida de teu filho.
- Dr. Bernardino, quero tentar uma outra coisa antes. Pedi a uma conhecida índia que viesse ver Célia. Ela aplica procedimentos terapêuticos do povo dela...
- Posso bem imaginar tua dor e desespero, mas temos de usar as medidas que estão ao nosso alcance, medidas factíveis, compreendes?
- Uma das medidas pode ser o tratamento dessa moça índia.
- Uma curandeira? As mães nem deixarão uma tal criatura passar pela porta.
- Deixarão, se o senhor acompanhá-la até o quarto. Ela não se veste como os índios das figuras dos livros, usa sempre um vestido comprido.
- Mesmo que eu concordasse com isso, não há mais tempo. Dois médicos da equipe e mais três assistentes já estão a preparar-se para a cirurgia.
- Ela vai chegar logo, eu garanto!
- Sabe o que vai acontecer, senhor Visconde? Vamos perder um tempo precioso com essa patacoada, e isso pode nos custar duas vidas! Já pensaste nisso?

– Sim, já pensei. Pensei nisso e em outras coisas também. Pensei como é limitada a nossa medicina. Pensei que o saber de povos desconhecidos nos poderiam ser de grande valia se tivéssemos alguma humildade para assimilá-los.

– Lamento, mas está fora de cogitação. Não posso concordar com isso e não vou autorizar nada.

Afonso fez uma súplica ao médico. Uma súplica com o olhar. Súplica muito candente. Passados alguns segundos, Dr. Bernardino deu um suspiro.

– Está muito bem, senhor Afonso. Vou esperar até as 18h, nem mais um minuto. Depois disso, iniciamos o procedimento. Avise-me quando a sua feiticeira chegar. Eu a acompanharei até o quarto.

Afonso agradeceu ao médico com um tapinha no ombro e foi para a frente do hospital. Seria melhor que Capotira entrasse sozinha com ele. A presença de Apuã e dos índios fortes da escolta, sempre armados com facas, certamente seriam um impeditivo no ambiente hospitalar.

Às 17h20 Afonso divisou quatro figuras se aproximando em passo apressado. Eram Apuã, Capotira e dois índios. Afonso foi ao encontro da comitiva. Capotira vestia uma roupa parecida com que a vira da última vez na tribo; a diferença é que esta era totalmente verde, porém de um verde mais claro que os seus olhos. Mesmo nessa hora Afonso sentiu o coração acelerar ao vê-la. Ela o recebeu com uma expressão séria, sem sorrisos, porém serena.

– Meus amigos, é melhor eu adentrar sozinho com Capotira, disse Afonso ao grupo. Eles têm algumas regras aqui..

– Afonso não se preocupar, disse Apuã. Apuã entender. Índios fortes também entender. Nós esperar aqui.

– Está muito bem então. Vamos, Capotira.

Vinham os dois em silêncio pela calçada estreita, um ao lado do outro. Capotira trazia alguns maços de ervas na mão e caminhava com o olhar fixo no chão.

– Célia está desacordada? perguntou ela sem desviar o olhar.

– Sim, desde ontem.

– Tem febre?

– Febre? Não sei. Dr. Bernardino poderá te responder.

Silêncio novamente. Afonso olhou de relance para Capotira, que parecia muito compenetrada. Ali, do seu lado, não estava apenas a dona de metade do seu coração, mas sim uma médica, interessada unicamente em salvar a vida da dona da outra metade e também a de seu filho.

Adentraram sem maiores percalços ao hospital. Foram diretos para o consultório do Dr. Bernardino. Afonso bateu à porta e já foi entrando, com Capotira a segui-lo logo atrás.

– Doutor, esta é a moça índia de que lhe falei.

O médico da corte pareceu um tanto surpreso com a figura alta à sua frente, e mais ainda ficou com o que ela disse, antes dos cumprimentos de praxe:

– Célia tem febre? Como estão os batimentos cardíacos?

– Ela tem pirexia sim, imagino que por conta de alguma infecção de etiologia desconhecida. Também suspeito de hemorragia interna. O pulso segue irregular.

O tom técnico da resposta foi intencional, para mostrar quem estava no controle da situação ali. Mas a réplica da índia foi inesperada:

– Já vi casos semelhantes. Quero ir agora até o quarto.

Dr. Bernardino olhou para Capotira com ar de espanto, levantou-se e foi, seguido dos dois, até o quarto de Célia. Ao chegarem à porta, Capotira avisou que entraria sozinha. Queria ficar meia hora lá, sem ninguém por perto. Dr. Bernardino ainda quis se opor, mas Afonso segurou seu braço com tanta força que ele se calou. A moça Tipura entrou silenciosamente e fechou a porta atrás de si.

Capotira aproximou-se do leito de Célia, colocou os maços de ervas na mesa de cabeceira e observou-a por uns instantes. Numa outra situação teria muito a lhe dizer, talvez tentasse se justificar de alguma forma. Viu um halo tênue, de cores pálidas, envolvendo o corpo de Célia. “A vida se esvai”, pensou. Com cuidado, apalpou o ventre de Célia. O bebê não estava na posição certa. Posicionou-se então atrás de sua cabeça e esticou os braços, fazendo movimentos ritmados com as mãos sobre o ventre da doente. Depois foi até os pés da cama, dobrou as duas pernas de Célia e as empurrou contra a barriga, também com movimentos cadenciados. Voltou à cabeceira da cama, repetiu a primeira operação e depois, novamente, aos pés da cama. Repetiu o procedimento inteiro por cinco vezes, e então parou, com um sorriso nos lábios.

Em seguida, Capotira fechou os olhos e colocou as mãos espalmadas sobre a cabeça de Célia, a uma distância de uns 20 centímetros. Ficou alguns minutos assim e depois, lentamente, começou a andar de lado, com as mãos pairando sobre o corpo de Célia, à mesma altura. Foi da cabeça aos pés, e depois voltou para a cabeça. Parou, deixou os braços caírem estendidos e abriu os olhos. Olhava não diretamente para Célia, mas para seu entorno. Então começou tudo de novo, com as mãos espalmadas sobre a cabeça de Célia, e depois deslizando-as pelo seu corpo, sempre mantendo a mesma altura entre suas mãos e o corpo rígido de Célia.

Do lado de fora, Dr. Bernardino já estava impaciente.

– São 18h10, não posso esperar mais, Visconde!

– Só mais um pouco, doutor, por favor!

Dentro do quarto, Capotira continuava com o procedimento das mãos espalmadas. Repetiu o processo inteiro, de ir e vir com as mãos estendidas, por três vezes. Depois da terceira passagem, olhou novamente em volta do corpo de Célia e fez um sinal afirmativo com a cabeça para si mesma. Em seguida, passou docemente a mão pelo rosto de Célia, que começava a ganhar alguma cor, e sorriu. Célia era mesmo muito bonita. Traços tão delicados... “Eu não quero, mas mesmo que quisesse não poderia competir com uma mulher assim, tão bonita de corpo e alma.” Assim pensava Capotira.

Por fim, ela apanhou os maços de ervas e saiu do quarto. Foi imediatamente cercada por Afonso e pelo Dr. Bernardino.

– Fala, Capotira! exclamou Afonso. Como ela está?

– Está fraca ainda, mas vai se recuperar. Descansa, Afonso, Célia não vai morrer. Teu filho também não. Vai nascer no tempo certo.

Dr. Bernardino não quis ouvir mais nada e entrou apressadamente no quarto. Capotira continuou a falar com Afonso:

– Vês estas ervas? É muito importante que Célia tome um chá delas três vezes por dia, de manhã, de tarde e de noite. Para cada chá debes tomar uma porção com essa quantidade de cada erva, assim. Compreendes?

– Sim, entendo, mas ela está desacordada...

– Vai acordar em breve. A primeira coisa que debes dar a ela é o chá, e depois uma refeição leve. Em dois ou três dias, no máximo, tu estarás em casa com ela. Ela deve tomar o chá por cinco dias. O problema não vai voltar. Teu filho nascerá no tempo certo.

Nesse momento, Dr. Bernardino voltou do quarto, mais pálido do que Célia em seus piores momentos.

– É inacreditável! A febre cedeu, a pressão está normal, a pulsação absolutamente regular. Suponho que a hemorragia tenha estancado também, senhora...

– Capotira.

– ...Senhora Capotira. Sim, Dra. Capotira! A hemorragia por acaso...

– Não há mais hemorragia. O corpo vai se recuperar. O bebê vai nascer sem problemas.

– Dr. Bernardino, interrompeu Afonso, Capotira disse que Célia deve tomar um chá com essas ervas três vezes ao dia. Ela me explicou a dosagem e pediu...

– Vou cuidar pessoalmente deste chá, e na dosagem prescrita! disse o médico com um olhar de admiração para a colega indígena. Agora, com licença porque preciso dar a notícia de um certo milagre à minha equipe descrente. A diretora, Madre Josefa, vai gostar muito da novidade.

Risos abafados dos três.

– Afonso, preciso ir agora, disse Capotira, com sua calma inabalável. Se precisares de mim, sabes que basta me chamar.

– Capotira... quisera eu poder te agradecer de uma maneira condizente pelo que realizaste aqui. Quisera poder retribuir realmente...

– Não estás a sorrir? Pagamento efetuado.

Os olhos de Capotira brilhavam como nunca, na cor da esperança realizada. Os olhos de Afonso lhe retribuíam o brilho.

Saíram em silêncio do hospital, lado a lado, de encontro aos três índios, que aguardavam pacientemente no lugar em que Afonso os havia deixado. Capotira não precisou falar nada ao chegar. A expressão de seu rosto e a do de Afonso eram respostas antecipadas à qualquer pergunta. Todos sorriam. Afonso chegou a dar uma risada ruidosa, curvando o corpo para frente e apoiando as mãos nos joelhos. Depois dirigiu a todos palavras de agradecimento profundo. O grupo dos quatro índios então se virou e partiu calmamente, em direção à trilha da mata.

Tinham andado uns 50 metros quando Afonso gritou o nome de Apuã. O grupo parou, e Apuã veio ao seu encontro.

– Desculpe-me Apuã, mas diga-me uma coisa. Há alguma razão para Capotira estar vestida com essa roupa verde?

– Capotira sempre vestir verde quando fazer curas, disse o índio com um sorriso aberto.

– Ah, entendo. Obrigado. Mande um abraço meu para Aparauã.

– Apuã levar abraço de Afonso.

Dito isso, o índio voltou para o grupo, que continuou a caminhar no mesmo ritmo de antes. Afonso acompanhou-os com o olhar até virarem numa esquina, em direção à trilha da mata. Em seguida, retornou ao hospital.

Afonso estava ao lado da esposa quando ela começou a mexer-se, pouco antes da meia-noite. Dali a pouco abriu os olhos. A primeira coisa que viu, numa imagem ainda meio embaçada, foi o rosto do marido sorrindo para ela. Com algum esforço, disse numa voz pastosa:

– Afonso... O que aconteceu? Não me lembro de nada. Onde estou? Isso aqui parece um...

– Hospital. Sim, querida, acalma-te. Está tudo bem. Tiveste uma crise um pouco mais séria, mas agora já passou.

– Nosso filho...

– Firme e forte, bem protegido aí na toca dele. Fica tranquila. Vou avisar Dr. Bernardino que acordaste.

Afonso deu um beijo suave na testa de Célia e saiu. Passado algum tempo, retornou com Dr. Bernardino logo atrás, trazendo uma xícara de chá numa bandeja. Ao vê-la, o médico disse sorridente:

– Até que enfim minha nobre prena voltou ao planeta! Sentimos um pouco tua falta. Toma, bebe isto. Vou mandar te preparar uma canja.

– Anda agora a ministrar chá a teus pacientes, doutor? disse Célia ainda meio zozna.

– Vai te fazer bem. Três vezes ao dia, durante cinco dias.

Célia tomou um gole e olhou para o médico.

– Gosto estranho... mas é bom. Do que é?

– Ervas, Célia, ervas terapêuticas. Amanhã volto para vê-la. E tu, senhor Visconde, faça a gentileza de comer algo substancial, ou te interno por tempo indeterminado. Logo a enfermeira virá com a canja de Célia. Boa noite aos dois.

– Boa noite, doutor, ecoaram as vozes uníssonas do casal.

No dia seguinte, Célia sentia-se ótima. Queria voltar logo para casa, mas Dr. Bernardino não permitiu. Achou melhor esperar mais um pouco. A alta veio no outro dia, pela manhã. Uma charrete de aluguel levou os Monteiro de Mello para a residência. Afonso não deixava Célia mais sequer pegar um copo d'água sozinha. Avisou na corte que teria de permanecer uns dias em casa, e era toda atenção para com sua jovem esposa, literalmente. Como Marialva, a sobrinha de Francisca, só podia vir uma vez por semana, sempre havia serviço de casa acumulado. Afonso cozinhava como podia, passava as roupas lá do jeito dele, arrumava a casa com a desenvoltura própria de um nobre, enfim, fazia de tudo, além de continuar a comprar os mantimentos. A Célia restava seu crochê e seus bordados, mas sempre “por curto período”, conforme ordenado por seu capataz particular.

No último dia do chá, Célia voltou ao assunto da bebida ao tomá-la à noitinha:

– Fiquei intrigada com este chá do Dr. Bernardino. Nunca imaginei que ele fosse partidário desse tipo de tratamento.

– Não foi ele quem te prescreveu o chá.

– Não? Como não? Pois ele mesmo mo levou na bandeja e determinou os horários.

– Foi Capotira.

– Capotira? Falaste com ela?

– Sim.

– Então estavas de conversas com essa índia enquanto eu jazia inconsciente lá na Santa Casa? É isso?...

– Não, não é isso. Foi ela quem te curou. Em desespero pedi que viesse, e ela veio imediatamente. Veio, trouxe as ervas do chá, ficou meia hora contigo no quarto, e quando saiu estavas fora de perigo. Tu e nosso filho. Ela tem o dom da cura, dizem os Tipuras.

Célia colocou lentamente a xícara já vazia no pires e ficou em silêncio por momentos.

– Queres dizer que a mulher que me arrancou uma parte de minha vida, agora a salvou por inteiro, e também a do nosso filho? Diz-me, Afonso!

Afonso não respondeu.

– Incrível!... Incrível isso! Estou pasma. Vocês conversaram mais alguma coisa?

– Se falamos sobre algum outro assunto? Não, só sobre ti, sobre tua saúde.

– Então ela me viu...

Célia olhou para o teto por alguns instantes, como que tentando visualizar a cena no hospital.

– Tenho curiosidade de saber como ela é. Disse alguma coisa sobre mim, se me achou feia talvez?...

Afonso teve que rir.

– Claro que não, Célia. Que ideia! Francamente.

– Ela é bonita, eu sei. Quem é mais bonita de nós duas?

– Realmente, estás plenamente curada, se já podes dar asas à tua imaginação tola.

– Qual de nós é mais bonita, Afonso?

Célia olhava para o marido com olhar de menina pidona, desconsolada.

– As duas são bonitas, igualmente lindas. Pronto. Não sei qual das duas é mais bonita. Podemos organizar um concurso de beleza, se te apetece.

– Afonso! Não tem graça...

Afonso deu um beijo estalado na face agora rosadíssima de Célia e foi cuidar de seus afazeres na cozinha. O prato do dia hoje era “Ravióli de Nápoles”, um pastelzinho com recheio de espinafre, cebola e azeitona cortada, que a Eleutéria havia ensinado ao Sr. Visconde com toda a paciência do mundo. A preciosidade fora descoberta por ela mesma, num livro de receitas que Afonso lhe trouxera da Real Biblioteca, no dia em que fora buscar material para suas pesquisas sobre os povos africanos.

Depois da sobremesa – rapadura com amendoim e mel – Célia pôs-se a tecer seu ainda inacabado cobertor de crochê amarelo claro, enquanto Afonso se debruçava sobre um

documento em inglês, que vinha há tempos traduzindo. Os sintomas de mal-estar de Célia haviam desaparecido por completo, como mágica. Sentia-se muito bem, apenas um pouco ansiosa pela chegada do filho. Meia hora, pelo menos, transcorreu nessas condições, antes de Célia quebrar o silêncio.

– Afonso.

– Humm.

– Estava a pensar... Queria pedir-te uma coisa.

– Pois pede.

– Olha para mim.

Afonso virou-se para a esposa, que o mirava com os braços apoiados no cobertor semi-pronto.

– Traz Capotira aqui.

– Trazer Capotira aqui? Em nossa casa?

– Sim, um almoço, algo simples. Também quero dar um presente a ela.

– Queres dar um presente a Capotira?

– Por que repetes tudo o que eu digo? Que tem demais nisso que te peço?

– Bem, não é que haja algo demais...

– Ela salvou a vida de tua mulher e a do nosso filho. Sinto-me em dívida. Queria retribuir de alguma maneira.

– Ela não aceita pagamentos.

– Não é pagamento, é apenas uma retribuição. Mande um recado a ela por Apuã. Ele e Coacira podem vir também.

– Capotira não sai da tribo sem uma escolta de dois índios, pelo menos.

– Então seriam cinco... conosco sete no total. Dará, sem problemas. A casa é grande. Chama Eleutéria para ajudar.

– Tens certeza do que me pedes, Celita?

– Tenho.

– Não seria melhor esperar nosso filho nascer?

– Não.

– Seriam só mais algumas semanas...

– Não.

Afonso olhou para a xícara de chá vazia ao lado de Célia, pensando ter descoberto a fonte secreta da objetividade Tipura.

– Então falo amanhã com Apuã.

Célia voltou para seu cobertor e Afonso para sua tradução. Só tornaram a se falar na hora de dormir. Mais uma vez o destino parecia querer moldar os três corações interligados da maneira como bem entendia, a seu bel-prazer.

## Capítulo 9 – Vidas Vivificadas

No dia seguinte cedo, Afonso foi até o mercado encontrar Apuã para fazer o convite aos índios. Mas Apuã informou que Capotira havia viajado com o pai, junto com quatro índios fortes, para três tribos: Uicapós, Araretubas e Canaetés. Um índio Uicapó havia sem querer encostado o tornozelo num sapo amarelo, na beira de um riacho, e estava ardendo em febre. Nas outras duas tribos, o objetivo era “encontro de conhecimento”, o que Afonso traduziu para si mesmo como “visita de cortesia”. Capotira ia ficar fora muitos dias, mas Apuã não sabia precisar quantos.

Afonso bem podia imaginar o objetivo das outras duas visitas de cortesia. Ubiratanga certamente queria que a filha conhecesse algum índio nobre, merecedor de receber o coração dela. Ao chegar em casa, Célia perguntou pelo resultado do convite.

– Vamos precisar adiar o almoço, Celita. Capotira está a percorrer as tribos vizinhas.

– Chamados médicos?

– Só um caso. Os outros dois são visitas de cortesia. O pai dela quer que ela conheça algum jovem por quem possa se interessar.

– Isto te aflige?

– Não, claro que não.

Um alento tomou conta da alma de Célia, enquanto Afonso puxava um livro da estante. Parece que finalmente a tal paixão maluca do marido começava a arrefecer. Seus rogos, pedidos e orações estavam, pois, surtindo efeito. Já não era sem tempo. Os tais fios de amor tecidos pelos dois, se é que existiam, já deviam estar bem desfiados e quebradiços a essa altura. Em breve, tudo seria como antes, sim, tudo retornaria ao normal. Célia voltou ao seu sapatinho de crochê vermelho com um sorriso congelado no rosto. O cobertor amarelo já estava no quarto do bebê desde a manhã.

Afonso não estava aflito com a viagem de Capotira. Realmente não. O coração dela já era dele. Sabia disso e Capotira também. Certeza total. Capotira fora em viagem com o pai apenas para lhe satisfazer a vontade. Essa informação, porém, só era do conhecimento de duas pessoas: Capotira e Afonso. Não precisava incomodar Célia com detalhes desse tipo.

Afonso estudou alguma coisa na parte da manhã e à tarde saiu, para cuidar de um *assunto importante*, segundo disse. “Aí tem coisa”, pensou Célia. E tinha mesmo. A coisa apareceu no dia seguinte de manhã. Célia foi acordada por Afonso lhe sacudindo os ombros com insistência:

– Celita, acorda! Veste-te, rápido! Vem, quero mostrar-te uma coisa!

– Hã?... O mundo está a acabar? D. João VI foi deposto? Carlota Joaquina fugiu com o amante? murmurou ela com cara de muitíssimo sono. Não sabes que mulher grávida precisa dormir mais?... Não é apenas comer por dois, mas também dormir...

– Vem, Célia, vem! Anda!

Sem outra opção, Célia foi fazer sua toalete. Depois vestiu-se com algo rápido e confortável e apresentou-se ao Visconde.

– Diga, senhor Visconde. Dr. Bernardino pediu-me para ir ao consultório hoje. Não tenho muito tempo a perder.

– Vem cá, com os olhos fechados!

Afonso postou-se por detrás de Célia, cobriu seus olhos com uma das mãos e a conduziu até a porta. Abriu-a e caminhou mais um pouco com ela da mesma forma.

– Pronto, podes abrir!

Célia ficou olhando algum tempo para a coisa à sua frente.

– O que é isto?

– O que é isto?... Não reconheces uma quando vês?

– Um cabriolé. O que tem demais?

– O nome aqui é charrete. Uma charrete, Celita! Comprei-a ontem. Para você! E para nosso filhote também, claro!

– Que bom, Afonso. É bonitinha, sim.

– Bonitinha? Vê mais de perto, vem, disse Afonso conduzindo Célia cuidadosamente para a parte de trás da charrete.

– Veja, senhora Dona Viscondessa: molas! Molas inglesas, no lugar de barras de torção. Compreendes? Apenas os nobres britânicos e os membros da corte holandesa possuem coches com molas. Nada de sacolejar as ancas por aí por conta dos buracos das vielas cariocas. Andarás com todo o conforto, como merece uma lady, que tu és. Pedi ao

Jacinto ferreiro que mas confeccionasse conforme o desenho que copiei de um livro sobre coches ingleses. Não é de embasbacar?

– De facto, estou um bocado embasbacada.

– Mas isso não é tudo. Vê aqui este dispositivo dentro da capota? Pois podes abri-lo e espiar atrás da charrete, sem precisar arriar a capota! E se começa a chover, nada com que se preocupar: percebes o cordãozinho aqui? Pois bem, dá uma puxadinha para esquerda... Não, mais para a esquerda... Isso! Que dizes? A cortina desce, e não te molhas mais.

– Afonso, a consulta...

– Um momento, só um momento. Os pára-lamas não te dizem nada? Três demãos de tinta prussiana sobre duas demãos de zinco italiano anti-ferrugem. Vê o brilho. Quero ver a brisa do mar corroê-los como faz com nossas painelas, quero ver. Os arreios, se não notaste, são de couro de cabras da ilha de Creta. Não escurecem e nem perdem a flexibilidade jamais. Já viste algo assim? Duvido.

– Realmente não. Estou deveras encantada com a minha charrete. Parece que disseste que é minha. Mas agora preciso me arrumar...

– Claro que é tua, claro que é. Irás de charrete último tipo quando fores ter nosso filho! Gostaria que examinasses o assento. Duvido que possas adivinhar de que material é feito.

– Couro de pinguim-imperador, suponho. Afonso, preciso ir.

– Não vais perguntar do cavalo?

– Que cavalo?

– Como que cavalo? A tração da charrete. Prendem-se os arreios com estas argolas aqui, de dupla forja, e depois fixa-se o animal...

– Onde está o cavalo.

– Ah, sim, está a pastar aqui por perto. Contratei os serviços de um negro forro<sup>3</sup>. Lourenço é seu nome. Fazia plantão lá na oficina do João ferreiro. Ele vai cuidar no cavalo: alimento, água, banho, não precisas preocupar-te com coisa alguma. A charrete

---

<sup>3</sup> Negro forro: negro alforriado, que vivia de vender seus serviços a quem deles necessitasse.

estará sempre à tua disposição. E caso o Lourenço esteja fora, a cuidar do animal, basta tocares este apito aqui quando precisares, assim...

Afonso tocou o apito de som muito agudo e Célia prontamente levou as mãos aos ouvidos.

– Viste? Muito fácil. Lourenço nunca estará com o cavalo numa distância maior do que alcança o som do apito. Além disso, o próprio animal já conhece o apito. Daqui há pouco os dois estarão aqui. Só uns minutos, verás.

– Impressionante. Agora vou trocar-me. Pedi ao marido da Francisca que me levasse ao consultório do Dr. Bernardino na carroça dele.

– Célia.

– O quê?

– Tens uma charrete de luxo agora. Não precisas mais das carroças dos outros para nada.

– É verdade. Avisa-o então. Deve estar a preparar-se para vir me buscar. Tu poderias levar-me ao consultório na *minha* charrete?

– Já que insistes..., disse Afonso com o mesmo sorriso de quando abriu a porta de casa para Célia.

Célia se virou para entrar em casa, debaixo do protesto de Afonso:

– Espera, ainda não te falei das rodas.

– São bem redondas, já vi.

Célia abriu a porta de casa ao som de um segundo apito, agudíssimo. Entrou sorrindo com as mãos nos ouvidos e pensando com seus botões de tafetá: “Esses homens... não crescem nunca! São uns eternos meninos. Muda apenas o tamanho do brinquedo, e o preço também, claro. Talvez daqui a uns duzentos anos se encontrem homens adultos na Terra. Antes disso... duvido!”

Meia hora depois Afonso ia de cocheiro, conduzindo sua Célia rumo ao consultório do médico. Ia com o tronco mais reto que de um Tipura, acenando alegremente a todos que via pelo caminho.

A consulta foi rápida, tudo estava em ordem. Dr. Bernardino estava muito satisfeito. Célia podia ficar tranquila porque ele não se ausentaria da cidade enquanto ela não parisse. Estimava o parto para dali uns doze dias, aproximadamente. Logo depois os

Monteiro de Mello estavam de volta ao lar. Célia entrou e Afonso ficou mais um quarto de hora às voltas com a charrete, retirando cirurgicamente pelotas de excremento de vaca aderidos aos pára-lamas.

Uma semana exatamente depois da consulta, Célia acordou com contrações em sequência, cada vez mais fortes. Ainda achava que poderia ser um alarme falso, mas a bolsa rebentou logo depois, quando cuidava da louça na cozinha. Afonso não estava, havia ido até a casa do Conde do Douro. Célia chamou pela vizinha, Emerenciana, que a ajudou a chegar até a charrete. Não foi preciso usar o apito, pois Lourenço estava escovando o cavalo naquela hora. O próprio Lourenço levou as duas senhoras até a Santa Casa, e depois foi à residência do Conde, em busca de Afonso. Pouco tempo depois, Célia estava no quarto de parto com o Dr. Bernardino, acompanhado de um assistente e duas enfermeiras, enquanto Afonso aguardava fora, na sala de espera.

Ao contrário do que ele e a esposa haviam imaginado para aquela situação, Afonso não estava nervoso, apenas um pouco ansioso. Capotira havia dito que o filho nasceria bem. Isso lhe bastava. E de fato foi tudo bem. A Viscondessa deu à luz um menino, um lindo e robusto bebê de cabelos escuros. No dia seguinte, de manhã, estava ela amamentando o filho com aquele olhar de mãe feliz. Afonso estava inclinado sobre os dois, com aquele olhar bobo de todos os pais.

- Vou precisar pedir um outro babador... para ti! disse Célia divertida.
- É lindo este nosso filho. Puxou à mãe, sem dúvida.
- O queixo é teu, notaste?
- Se eu apertar o meu assim, fico com o mesmo furinho do dele.
- Vê, Afonso, está a abrir os olhos.
- Azuis.
- Sim, azuis... Não puxou a ninguém neste particular. Parece que já tem vontade própria. Olhos da cor da pedra que Coacira me deu.
- Ouvi falar que os olhos de recém-nascidos costumam mudar de cor com o tempo.
- É verdade, quando são meio azulados, numa cor ainda indefinida. Mas os dele são de um azul vivo. Acho que não vão mudar.

Mais um dia na Santa Casa, por exigência do cuidadoso Dr. Bernardino, e a família Monteiro de Mello, agora com três integrantes, estava de volta ao lar. A notícia da

chegada do novo brasileiro se espalhou rápido e alguns dias depois havia uma romaria de visitas de amigos e conhecidos.

Naquela época não havia o hábito do tempo de resguardo. Vieram todos os vizinhos da antiga casa, todas as alunas da professora e todas as mulheres dos nobres da corte de relação mais estreita com Afonso. A casa ficou inundada de presentes de todos os tipos. Parecia um mercado persa. Também a gente simples do povo quis mostrar seu carinho à mamãe. As mulheres do leiteiro, verdureiro, ferreiro e açougueiro apareceram juntas um dia, timidamente, trazendo como lembranças as melhores mercadorias produzidas por seus maridos. Queriam deixá-las com Lourenço, para que ele as entregasse mais tarde à senhora Célia. Mas esta viu a cena da janela e, com o filho no colo, chamou alegremente todas para dentro. Recebeu-as com chá da Índia em samovar de prata e biscoitos ingleses servidos num jogo de porcelana chinesa, acompanhados de múltiplos sorrisos e muita conversa.

À noite, Célia amamentava o filho na chaise longue, enquanto Afonso lia um relatório sobre as guerras na Europa, sentado numa cadeira a seu lado.

– Por que não te sentas à mesa, Afonso? É mais confortável.

– Estou bem aqui.

– Precisamos escolher um nome... Tens alguma preferência?

– Não tenho ideia, e tu?

– A Marquesa de Alentejo deixou comigo este catálogo de nomes franceses, com o respectivo significado do lado, vê aqui. Marvel, por exemplo, significa “maravilha”.

– Nosso filho não pode chamar-se Marvel, sendo brasileiro e filho de portugueses, embora não soe mal. Conde Marvel...

– Há vários outros. Gostei muito deste: René. Significa “vida e conquista”.

– Bastante apropriado, sim, mas acho que precisamos de um nome mais familiar. Que tal Alberto?

– Vejamos... em francês seria Albert... Está logo aqui, no início da lista. Significa “brilhante e ilustre”.

– Muito bom! Apropriadíssimo! Vamos chamá-lo de Alberto!

– Alberto René.

– René Alberto soa melhor.

– Alberto René.

– Está bem, Alberto René.

Um beijo estalado de Célia no pescoço do Visconde selou o acordo, que em seguida se levantou com um ar solene.

– Senhoras e senhores, de pé por gentileza. Apresento-vos Sua Graça Duque Alberto René Firmino Simões Monteiro de Mello.

– Pés no chão, senhor Visconde.

– Se ele vier a fazer parte da família real, basta trocar Sua Graça por Sua Alteza. Tudo muito simples.

– Para mim ele já faz parte da realeza. É o meu príncipe encantado.

– Para mim também, Celita querida. Para mim também.

Afonso colocou o relatório no canto da chaise longue e abraçou ternamente sua amada esposa, com o filho entre os dois, como que protegido do mundo.

Esse primeiro mês a três foi de descobertas e alegrias renovadas no palácio dos Monteiro de Mello. Afonso se desdobrava para que Célia não fizesse esforços demasiados. Continuava a cuidar da casa quando Marialva não estava e, a não ser que estivesse demasiadamente cansado a ponto de nem ouvir o choro do bebê, levantava-se da cama imediatamente de madrugada ao primeiro sinal sonoro de desconforto do filho, que aliás era bem mais agudo que o seu apito de chamar cavalo.

Nos primeiros quinze dias, Célia sentiu-se no céu com a nova vida. Tudo, tudo seguia maravilhosamente bem, sem nenhuma contrariedade de qualquer espécie. Afonso era um desvelo só, irradiando um amor sem fim pelo filho e por ela também. Seu riso fácil e as piadas desconcertantes haviam voltado, emoldurando com uma aura de alegria a felicidade do casal.

Todavia, na terceira semana aproximadamente, Célia notou uma mudança sutil no marido. Era como se uma névoa translúcida tivesse toldado seu semblante sempre jovial. Continuava afável e amoroso como antes, mas... uma certa melancolia começava a se imiscuir no olhar até a pouco radiante dele. Célia sabia a causa da mudança: Capotira. Já vira as mesmas cenas tempos atrás. Podia adivinhar o que viria a partir daí: uma tristeza crescente, falta de apetite, olheiras, lágrimas sobre papéis de trabalho...

Certa feita, à noite, o pequeno Alberto dormia no berço envolto num mosquiteiro amarelo e Célia, acomodada na chaise longue, bordava flores numa toalha de mesa. Afonso estava no puff, concentrado num livro sobre uma certa tribo africana.

- Afonso, precisamos marcar o batizado.
- É verdade, amanhã falo com padre Alcides.
- E escolher os padrinhos...
- Vai ser uma briga de foice entre condes e marqueses pela honraria. Precisamos ter muito tato na escolha.
- Quero Capotira como madrinha.

Afonso largou o livro no colo e olhou incrédulo para a mulher. Mas ela ratificou a escolha:

- Capotira, sim, qual o problema? E podes chamar Apuã para padrinho. Estou certo de que Coacira não vai se incomodar.
- O lampião do teu juízo apagou-se, Célia? Não sabes o que dizes. Se queres provocar-me, saibas que nem penso mais tanto em Capotira.
- Não tenho intenção de avaliar isso. Capotira salvou a vida de mãe e filho, não salvou? Temos de procurar retribuir de alguma forma.
- Vamos retribuir com o almoço, conforme previsto. Ela já deve ter retornado à tribo. Amanhã, depois de falar com padre Alcides, vou reiterar o convite a Apuã.
- O almoço permanece. Almoçaremos todos depois do batizado. Fazemos o batizado às 10h, horário comum para a cerimônia, e voltamos para casa, com o almoço já preparado pela Eleutéria.
- Presta atenção numa coisa, Célia Maria: Capotira é pagã. Tu mesma vives a me repetir isso dos Tipuras. Ela não tem a menor ideia do significado de um batizado. Não sabe avaliar a importância do ato. Além disso, padre Alcides... ah, este é capaz de me dar uma penitência antecipada de uns três rosários, no mínimo, só de ouvir tamanho disparate.
- Usarás com ele de tua habilidade com as palavras. Boa ocasião para que ela nos seja útil. Quanto à Capotira, poderá vir aqui um dia antes, para podermos explicar a ela o sentido da cerimônia. Quero que ela entenda que o papel de madrinha só é oferecido pelo casal a alguém muito especial. Se ela entender isso, há de ser então uma retribuição à altura pelo que fez. Discordas de mim em alguma coisa?...

- Queres hospedar Capotira em nossa casa?
- Lá estás tu a repetir novamente o que eu digo.

Afonso ficou parado, olhando para o teto. Alguns minutos depois voltou-se novamente para a mulher:

– Li num livreto espanhol, na Real Biblioteca, que é impossível vencer uma discussão com alguém de capricórnio, a não ser que o interlocutor seja do mesmo signo. Como sou de libra, vamos encurtar essa conversa e passar logo para os preparativos práticos.

– Sábia decisão.

– Vou escrever uma carta a Aparauã explicando nossas intenções e pedindo a ele que convença Capotira a aceitar. E ficamos no aguardo de uma resposta por meio de Apuã. Enquanto isso vou encarar o calvário com padre Alcides.

– Muito bem. Vou ver o Albertinho. Não te demores muito aí. Estou com sono.

No dia seguinte, Afonso pôs em prática o plano. Mandou a carta por intermédio de Apuã e se dirigiu à casa paroquial, em busca de padre Alcides, para tentar convencê-lo do inconcebível.

Resultado zero. O padre ouviu sentado, impávido e carrancudo, o pedido do Visconde, em pé à sua frente. Os olhos mortiços do clérigo e as rugas crescentes na sua careca já prenunciavam a resposta. Ouviu todas as ponderações de Afonso sem falar nada; em seguida levantou-se e recitou de cor, à sua frente, os artigos 872 a 874 do código de direito canônico, que versam sobre as condições exigidas para os padrinhos de um batizando na Igreja Católica. E ainda repetiu, bem pausadamente, o parágrafo 3º do artigo 874: *“Seja católico, confirmado, já tenha recebido o santíssimo sacramento da eucaristia e leve uma vida de acordo com a fé e o encargo que vai assumir.”* Afonso ainda levou um pito pela demora em batizar o filho. Por fim, agradeceu ao padre pela atenção dispensada e voltou para casa.

Célia não disse nada quando Afonso lhe deu a notícia. Mas não desistiu do seu intento. Ao que sabia, padre Alcides não era capricorniano. A Viscondessa pensava, ponderava sobre o que fazer diante da negativa do padre. Certo dia, num chá com Eleutéria, Francisca, Acácia e Emerenciana, contou-lhes da sua dificuldade e todas lamentaram o desfecho indesejado.

– Talvez o desfecho ainda possa ser outro, disse Acácia.

Quatro pares de olhos se voltaram de imediato para ela.

– Vivi vários anos em Paraty, cidade que fica a meio caminho entre o Rio de Janeiro e São Paulo. Minha família é muito conhecida lá e amiga de longa data do pároco do local, padre João Nabuco, sujeito muito boa praça. Tenho certeza de que ele aceitaria um pedido meu para fazer o batizado do Albertinho na capela de São José, perto da Santa Casa. Ele é o que se poderia chamar de um padre liberal. Duvido que vá levantar argumentos canônicos contra a presença dos padrinhos indígenas. Pelo contrário. Se bem o conheço, vai amar a novidade. Capaz de sugerir até um acompanhamento de tambores da tribo.

– Se é assim, vamos tentar essa solução, disse Célia. Poderia hospedá-lo aqui em casa.

– Não, não, melhor na minha casa, argumentou Acácia. Ele me conhece desde menina. Há de sentir-se mais à vontade lá. Meu marido também gosta muito dele.

– Então está muito bem, concordou Célia. Lourenço parte rumo a Paraty amanhã mesmo, de madrugada, com tua carta. No dia seguinte, deverá estar de volta com a resposta do padre.

Projeto discutido, projeto desincumbido. Afonso só não gostou muito da parte em que Lourenço ia e voltava de Paraty de charrete. A viagem ia acabar com suas molas inglesas. Melhor que ele fosse a cavalo mesmo, seria até mais rápido. E assim foi feito. No dia seguinte, Lourenço voltou com a resposta do padre João. Este chegaria ao Rio de Janeiro na próxima sexta, conforme sugerido, em seu coche próprio, e iria para a casa de Acácia. O batizado seria realizado no sábado de manhã. Afonso, por sua vez, voltou com a resposta de Aparauã, por escrito.

– Veja o que diz Aparauã aqui, Célia:

“Amigo Afonso, tua carta chegou bem pelas mãos de Apuã. Conversei longamente com Capotira sobre o convite que fizeste a ela. No início ela não queria aceitar, pois não compreendia a importância do ato. Tive de ministrar a ela algumas horas de ensino evangélico para que finalmente concordasse. Ficou algo espantada em saber que lhe caberia tamanha honraria. Sugiro a ti e Célia instruírem-na sobre como comportar-se durante a cerimônia, pois isso eu não sei, e também Apuã, naturalmente. Este, aliás, não levantou nenhuma objeção. Disse que faria qualquer coisa para alegrar o coração grande da senhora Célia. Na próxima sexta, pela manhã, Capotira estará no mercado juntamente com Apuã, Coacira e dois índios fortes. Peça a teu criado Lourenço para não se atrasar. Um abraço de coração, meu irmão. Ianakuré! Aparauã.”

– Tudo certo então, meu querido. Vou pedir a Eleutéria para preparar um almoço especial. Pensei em dois Caboroaços assados com batatas, cebolas e azeite. A sobremesa deixarei por conta dela. Sempre nos surpreende agradavelmente.

– Alegro-me de ver minha Viscondessa assim, tão animada. Vou passar o resto da tarde na Real Biblioteca.

Afonso deu um beijo na testa de Alberto, outro no rosto de Célia, e saiu de casa. Ainda deu uma baforada seguida de rápida lustrada de lenço na carroceria da charrete e seguiu para a biblioteca. “Ele quer ficar sozinho”, pensou Célia. “Está a pensar como deverá se portar com Capotira aqui.”

O destino exigia o encontro dos três corações interligados, e nada mais no mundo poderia impedir isso.

## Capítulo 10 – Encontro Triplo de Corações

Sexta-feira de manhã, ainda na hora do Sol vermelho, Lourenço já estava a postos no mercado, à espera dos índios Tipuras.

Os quatro índios haviam saído cedo da tribo, mas a viagem transcorria um pouco mais lenta desta vez, porque a toda hora Capotira parava e saía da trilha para apanhar uma ou outra flor exótica que via pelo caminho. Quando chegaram no final do trajeto, Apuã trazia um lindo e variado ramalhete de flores silvestres colhidas por ela, amarrado com cipó de fibra amarelo.

Quando Lourenço viu os índios, fez sinal para que os acompanhasse e logo depois estavam todos acomodados na charrete. Ainda bem que era cedo, pois do contrário a estranha cena de índios numa charrete conduzidos por um negro teria chamado ainda mais a atenção. Quem via, parava e ficava acompanhando com curiosidade a passagem do singular grupo.

Eram oito horas da manhã aproximadamente quando a charrete parou junto ao portão da casa. Desceram os dois índios fortes, Apuã, Coacira e, por último, Capotira. Lourenço bateu à porta e Afonso abriu. Ao ver Capotira seu coração, como de hábito, disparou. O mesmo aconteceu com o da índia.

– Como vão, Apuã e Coacira? Como estás, Capotira?

Capotira e Coacira fizeram um sinal de cabeça e Apuã falou, apontando para os dois índios da escolta:

– Estes ser Abatiruna e Ibiratuê.

– Sejam muito bem-vindos todos vocês, respondeu Afonso. Entrem por favor.

Os dois índios fizeram um sinal de cabeça e seguiram todos, em fila indiana, para dentro da casa. Afonso havia disposto cinco cadeiras confortáveis em semi-círculo, em frente à chaise longue, e uma outra ao lado desta, separada das demais cadeiras. Pediu aos índios que se sentassem nas cinco cadeiras e foi chamar Célia, que estava na cozinha com Eleutéria. Capotira sentou-se numa das cadeiras da extremidade. Logo depois Afonso voltou e sentou-se na cadeira ao lado da chaise longue.

– Célia já vem. Alberto está a dormir pelo sétimo sono. Quando acordar vou apresentá-los ao brasileiro mais mimado dos trópicos, disse Afonso com um sorriso forçado.

Afonso percebeu que Capotira o fitava, mas quando olhou para ela a índia baixou a cabeça. Não sorria. Uma conversa indistinta concluída na cozinha e o ruído crescente de passos anunciavam a entrada iminente de Célia na sala. Célia entrou, parou e imediatamente seus olhos divisaram Capotira. Esta se levantou no mesmo instante.

Célia levou um susto. “Ela não é bonita não. É linda, lindíssima, de uma beleza sobrenatural... Esses olhos... Não é de admirar que Afonso tenha ficado prostrado diante deles.”

Capotira parecia algo atordoada. “Como ela é admirável... Esse porte, esses traços delicados, essa bondade no olhar, um coração tão puro, tão nobre... Não é de surpreender que Afonso a tenha escolhido como esposa.”

Ficaram as duas assim por alguns segundos, a se observarem, a se estudarem mutuamente, sem ação de nenhum lado. Afonso contemplava a cena sem respirar. Ali estavam as duas proprietárias do seu coração, examinando-se como predador e presa, sem que ninguém soubesse quem estava representando qual papel.

Célia tentou falar algo, mas a voz não saiu. Limpou a garganta duas vezes, e por fim disse:

– Como vai, Capotira?

Capotira levou algum tempo para responder.

– Vou bem, Dona Célia, e a senhora?

– Por favor, apenas Célia.

– Está bem, Célia. Pareces estar bem de saúde.

– E estou mesmo, graças a ti.

– Apenas fiz meu trabalho.

– Quero mostrar-te meu filho, vem por aqui.

– Célia, disse Afonso num tom de reprovação. Os outros...

– Oh, desculpem-me! Meus queridos! Como vai Apuã? Que alegria revê-lo, meu amigo! Coacira, que saudade! Vem cá, dá-me um abraço!

Sorrisos de todos os lados.

– Estes dois são...

– Abatiruna e Ibiratuê, dois índios fortes, explicou Apuã. Eles sair agora e voltar tribo. Amanhã, hora Sol amarelo<sup>4</sup> eles voltar e levar Capotira, Apuã e Coacira.

– Mas de maneira alguma! Eles *ficar*, disse Célia brincando. Eleutéria e eu estamos a preparar um prato para sete pessoas amanhã. Por ora, vou fazer um suco de jabiroba para todos. É um minuto.

– Senhora Célia grande coração, disse Abatiruna com uma voz de trovão. Abatiruna e Ibiratuê agradecer. Voltar tribo agora. Amanhã estar aqui hora Sol amarelo.

– Eles não ficar, senhora Célia, acentuou Coacira. Eles ir e voltar amanhã.

– Bem, imagino que seja alguma regra, não é mesmo? respondeu Célia. Está bem então, mas voltem quando desejarem. E tu, Coacira, não me trates mais de senhora. Afinal somos amigas, não somos?

– Coacira amiga Célia, disse a jovem índia com um raro sorriso aberto, mostrando seus dentes muito brancos.

Em seguida, os dois índios fortes se viraram e deixaram a casa. Capotira apanhou o ramalhete de flores que Apuã havia colocado sobre a chaise longue e o ofereceu a Célia. Célia nunca tinha visto flores tão esplendorosas.

– São maravilhosas, Capotira, maravilhosas. Obrigada. Também tenho algo para ti. Um momento.

Célia se dirigiu ao quarto e voltou em seguida com uma toalha de mesa bordada com flores.

– Para ti, que com tua arte miraculosa salvaste a mim e meu filho. Nunca vou poder te agradecer suficientemente.

Capotira tomou a toalha de mesa das mãos de Célia sem dizer palavra. Apenas olhou para ela, mas seus olhos já diziam tudo. Estava comovida e agradecida pelo presente. Passados alguns momentos, Célia reiterou o convite:

– Venha, venha ver meu filho.

Ambas foram para o quarto de Alberto e ficaram de frente ao berço. O menino dormia profundamente, com os braços estendidos por cima da cabeça.

– Teu filho é lindo, parece contigo, sussurrou Capotira.

---

<sup>4</sup> Final da tarde.

– Afonso também acha isso, respondeu a mãe no mesmo tom.

O bebê começou a se mexer.

– Vem, ainda não é hora de ele acordar, disse Célia.

Ambas saíram do quarto e foram para a sala de aula. Célia encostou a porta e fez sinal a Capotira para se sentar. Ficaram uma de frente para a outra. Capotira tomou a iniciativa:

– Gostaria de falar contigo sobre um assunto.

– Afonso.

– Sim, não sei o que ele te contou...

– Contou-me tudo. Tudo. Até dos fios.

– Célia, acredita, não quero roubar teu marido. Mas estou ligada a ele, de outras vidas...

– Ligada pelos fios...

– Sim, imagino que não creias.

– Sou católica, Capotira. Não acreditamos nessas coisas. Mas eu creio no amor puro de um homem por uma mulher. Mesmo que este homem seja casado. Diz-me, o que sentes por Afonso?

– É um sentimento profundo... puro.

– O mesmo que Afonso sente por ti?

Capotira não respondeu, e Célia continuou:

– Sabes, essas situações acontecem nas melhores famílias europeias. Não é nenhuma novidade. A única coisa que não entendo é como ele ainda pode sentir amor por mim. E ele sente. Tenho certeza absoluta disso. O mesmo amor de antes, nada mudou. Esta é a situação. Gostaria de ouvir de ti alguma explicação.

Capotira ficou uns instantes olhando para frente, com o cotovelo apoiado no joelho e a mão direita cobrindo de leve a boca.

– Eu poderia dizer que tu e ele também teceram fios fortes de amor, mas não acreditarias...

– Não deixa de ser uma explicação, por mais esquisita que pareça.

- Aparauã sabe bastante dessas coisas. Ele poderia te falar mais.
- Ah, sim, o grande amigo Tipura de Afonso, o homem sábio. Pois eu iria agora mesmo para a tribo se ele pudesse me esclarecer o que ocorre e, principalmente, o que devo fazer nesta situação.
- Não sei se ele poderia te ajudar a tal ponto.
- Creio que ninguém pode.

Célia parou por um momento e continuou:

- Nós não podemos ser amigas, não podemos, mas também não precisamos ser inimigas.
- Não, inimigas não.
- Gostaria de te perguntar uma coisa, Capotira, embora já saiba a resposta.

Capotira olhou em expectativa para ela.

- Este teu sentimento, profundo e puro, que nutres por Afonso... Tu o chamas de quê, de amor?

Capotira baixou a cabeça e ficou longo tempo mirando o assoalho. Quando encarou Célia novamente a resposta veio sem nenhum titubeio:

- Sim, amor. Amo-o com todo o meu ser, como nunca amei nem irei amar ninguém em toda a minha vida. Sinto imensa saudade quando ele está longe, sinto muito falta dele. Quando fico muito tempo sem vê-lo, é como se me faltasse o ar para respirar.

Capotira voltou a olhar para o assoalho. Célia continuou depois de alguns instantes:

- Já vi esses sintomas. Eu e Afonso somos casados. O casamento é um sacramento na nossa religião, compreendes? É indissolúvel aos olhos do Todo-Poderoso. Se o amor entre nós tivesse acabado, eu até me conformaria com uma separação, mesmo sendo pecado. Aliás, cheguei a sugerir isso a ele, na suposição de que talvez já não me amasse tanto, e que estaríamos apenas nos iludindo um ao outro. Nesse caso parecia-me mais digno o pecado da separação do que a hipocrisia de uma vida conjunta sem amor. Acontece, Capotira, que Afonso me ama também. Sinto-o claramente. Podes perguntar a ele se quiseres.
- Não é preciso.

Os olhos de Capotira começavam a encher. Mas continuou:

- Os homens Tipuras só podem dar seu coração a uma mulher...
- Então é como no catolicismo.
- Teu amor por Afonso nunca mudou, Célia?
- Nunca. Foi sempre o mesmo, desde a primeira vez em que o vi, ainda criança, disse Célia com a voz entrecortada.

Nesse momento, a porta se abriu e surgiu a cabeça de Afonso.

- Eleutéria está a chamar para o lanche.

Dois pares de olhos tristes, molhados, o fitaram em silêncio. Duas gemas douradas e duas verdes. Afonso viu que ali estava sendo discutido quais dos três corações mereceria sobreviver. Sentiu-se como o último homem na face da Terra. Lentamente fechou a porta e voltou para a sala.

Célia e Capotira se entreolharam em silêncio e não voltaram mais a conversar sobre Afonso. Era um problema sem solução, pelo menos por enquanto. Melhor deixar a vida resolvê-lo, o tempo dele cuidar. Afonso não ia deixar de voltar à tribo, disse Célia sabia muito bem. Também não tinha mais sentido, na atual situação, exigir dele que não conversasse mais com Capotira quando estivesse por lá. No entanto, contato físico... abraços... aí não dava mesmo para transigir. Essa proibição ela poderia lhe fazer, embora não achasse que fosse resolver alguma coisa. Quem sabe, com o tempo, o coração de Afonso se decidisse finalmente por uma das duas, e esse martírio teria um fim. “Dê-se tempo ao tempo”, pensou Célia. Não havia mais nada a fazer.

Almoço naquele tempo não era coisa muito comum entre os habitantes da colônia brasileira, à exceção do próprio Príncipe Regente, que costumava almoçar seus franguinhos desossados algumas vezes por dia. De uma maneira geral, almoços eram reservados para ocasiões especiais. Normalmente se fazia um lanche reforçado à tarde, e à noite se comia algo leve. Se por algum motivo não se lanchasse à tarde, aí sim se comia bem no jantar.

Todos tomaram o lanche da Eleutéria com satisfação. Afonso teve de interromper o seu antes do término, para atender uma solicitação especial do Albertinho, que sempre acordava berrando a plenos pulmões. Logo depois voltou com o filho nos braços, já mais sossegado, a investigar tudo e todos com seus olhos cor do céu. Afonso sacudia levemente o menino para cima e para baixo, como num balanço elástico.

– Acho que vou levar-te em minha próxima viagem à tribo, disse Afonso, olhando sorridente para o garoto. Com este teu rugido agudo hás de espantar qualquer ameaça pelo caminho.

Todos riram, menos Célia, que apenas sorriu por cortesia. Coacira observava o pequeno Alberto e seus olhos ágeis e num rompante exclamou:

– Prata e ouro produziram diamante!

Olhos inquiridores se voltaram para ela, como pedindo uma explicação, que veio em seguida:

– Afonso ter olhos de prata, Célia ter olhos de ouro. Alberto ter olhos de diamante azul, muito raro, muito precioso.

O casal Monteiro de Mello sorriu. Apuã e Capotira também, mas nada disseram.

Depois do lanche, Afonso e Célia deram instruções precisas, detalhadas, a Capotira e Apuã sobre o andamento da cerimônia de batismo. Capotira entendeu tudo de imediato, e Apuã fez mais algumas perguntas. Terminadas as instruções, a conversa girou em torno dos hábitos dos índios Tipuras, naquilo em que diferiam dos demais índios. Afonso salientava inúmeras diferenças entre eles. Era patente o interesse real dele pela cultura deste povo. Por fim, todos foram tomar chá de hortelã, muito bom para chamar o sono, segundo a Eleutéria. Em seguida, foram dormir. Capotira e Coacira ficaram acomodadas na sala de aula de Célia, e Apuã se ajeitou na sala de estar.

Nesse meio tempo, padre João Nabuco havia chegado à casa de Acácia, num coche guiado por um jovem coroinha. Trazia uma bagagem um tanto avantajada, na opinião de Acácia. A conversa lá se estendeu pela noite, em meio a rodadas de gamão e salpicada de muitas risadas soantes de todos, provocadas pelo padre, com suas piadas de brasileiros e araras.

– Não demora muito e esses brasileiros hão de nos dar o troco, a inventar piadas de portugueses e papagaios, ouçam o que eu digo! disse o padre em meio a mais uma gargalhada estrondosa.

“Este é o padre João Nabuco de sempre”, pensou Acácia, sorrindo. “Não mudou nada, não cresceu nem um pouco, à exceção da barriga.” Seu marido também sorria divertido, observando o padre.

No dia seguinte, na casa dos Monteiro de Mello, o relógio helvécio de Afonso cumpriu sua missão na hora precisa. Ele se levantou, fez sua toailete e quando se dirigia para a

cozinha viu os três índios já sentados na sala, em silêncio, impecavelmente vestidos e limpos. Nenhum dos três com cara de sono.

– Não precisamos de despertadores, disse Capotira com um sorriso.

– Realmente, sois o terror dos relojoeiros helvécios, disse Afonso retribuindo o sorriso. Mas precisais de alimento no começo do dia como todo mundo. Já chamo para o café.

Os três índios estavam vestidos com roupas cerimoniais de sua tribo. Eles tinham outras cerimônias também, além da Festa das Três Nascentes. Capotira trajava um vestido longo, vermelho, guarnecido de delicadas flores pintadas de branco. O vestido lhe cobria os ombros e alcançava os tornozelos; suas mangas largas iam até os cotovelos. Na cintura ela trazia um cinto de couro, também branco. Na cabeça cingia-lhe uma fita de couro branca onde estavam engastadas, em furos minúsculos, pequenas flores brancas e vermelhas, firmes, semelhantes a orquídeas. Nos pés, sandálias de couro branco amarradas com cordões de fibras vermelhos. Coacira estava vestida de maneira semelhante, porém seu vestido era azul com flores brancas, e não havia flores em sua tiara. Apuã vestia duas peças de cor cru bege, bastante grossas, e uma espécie de bota de pelo curto marrom, que ia até o meio da canela.

Dali a pouco, Albertinho se pôs a acordar toda a vizinhança e Célia apareceu com ele no colo, vestida de um robe de chambre. Olhou com admiração para o trio indígena, deu bom dia a todos e foi ajudar Afonso na cozinha.

Às 10h em ponto, Lourenço chegou com a charrete em frente à capela de São José, a despeito das instruções contínuas de Afonso durante todo o trajeto sobre como desviar dos buracos. Todos desceram e se posicionaram próximos à pia batismal. Célia estava com o bebê no colo, que milagrosamente dormia a sono solto naquela hora. Padre João ainda não havia chegado. Célia fez questão que Lourenço participasse da cerimônia junto com eles. Havia lhe comprado roupas novas e um par de sapatos de couro. O “ajudante”, como o casal Monteiro costumava chamar o ex-escravo, não cabia em si de contente. Trabalharia até de graça para seus novos patrões, se fosse preciso.

Quinze minutos depois chegaram Acácia e o marido junto com padre João, já paramentado, e seu auxiliar, o coroinha, que vinha atrás dele carregado de estranhos e volumosos embrulhos. Acácia fez as apresentações de todos. Padre João ficou um pouco surpreso em ver um negro ali, mas cumprimentou-o com o mesmo sorriso dirigido aos outros. O auxiliar do padre se postou um pouco mais afastado, nos degraus do altar, e pôs-se a desembulhar os pacotes. Padre João voltou-se para Acácia:

– Onde estão os selvagens?

– Selvagens? Que selvagens? respondeu ela com espanto. Os padrinhos são estes: Capotira e Apuã.

– Sim, estes são nossos amigos índios aculturados, naturalmente, mas estou a falar dos índios mesmo, da tal tribo. Onde estão?

– Padre, não há outros índios, explicou Afonso. Capotira, Apuã e a sua irmã aqui, Coacira, vieram da tribo dos Tipuras. Eles moram lá.

– Ah, sim? Bem, mas pensei que viriam trajados com as tangas usuais dos índios, não imaginava que vocês emprestariam roupas europeias a eles. Pensei também que viriam acompanhados de um grupo a tocar tambores de guerra, e alguns guerreiros pintados de preto a empunhar lanças, com colares de dentes de onças e facas atravessadas na boca. Vejam, o meu auxiliar, Armínio, já está ali a postos, pronto a pintar o quadro do evento. Vou deixar o quadro bem acima da minha mesa na casa paroquial. Não quero perder a cara do bispo quando o vir por nada neste mundo!

Uma gargalhada tonitruante ecoou pela pequena capela, seguida de um olhar de expectativa, agora sério, dirigido a todos. Assim concluiu-se a explanação ansiosa do padre João Nabuco.

Todo mundo segurava o riso com heróico esforço. Acácia foi a primeira a falar:

– Meu caro padre João, tu terás de te contentar com uma pintura bem mais prosaica. Nada de tua imaginação prodigiosa irá concretizar-se aqui. Acho melhor começarmos logo a cerimônia, que a hora avança.

Padre João deu um resmungo de aborrecimento e começou com o ritual. Terminada a cerimônia, todos se cumprimentaram e os dois grupos se separaram. O retorno foi um pouco mais demorado para os ocupantes da charrete de luxo, porque Lourenço optou por um novo trajeto, mais longo porém com menos buracos.

O almoço de Caboroaçus assados foi um acontecimento. Célia exigiu que Eleutéria participasse, apesar dos protestos desta. E acertou em cheio em suas previsões. Os elogios vinham dos quatro cantos da mesa. Eleutéria ouvia-os com visível satisfação, com as bochechas vermelhas, e explicava em detalhes seus métodos e segredos culinários. Para a sobremesa, ela trouxe uma travessa com várias frutas cortadas em pedaços pequenos, a que deu o nome de “ajuntamento de frutas frescas”. Célia sugeriu mudar para “salada de frutas frescas”. Cada um se servia de uma porção em sua cumbuca, e depois derramava por cima um creme branco, delicioso, de uma jarra. Segundo Eleutéria, nada mais era do que leite tirado na hora batido com açúcar, farinha

de rapadura e mel. Chamou-o de “leite adensado”. Uma maravilha, na opinião de todos.

No período da tarde, a conversa voltou a girar sobre os hábitos indígenas, mas desta vez ao redor do mundo. Afonso explicava como viviam as tribos nas Áfricas, e todos ouviam com interesse, com exceção de Célia. Algumas horas depois bateram à porta. Afonso atendeu. Eram Abatiruna e Ibiratuê.

– Hora de voltar tribo, disse Abatiruna, num tom de voz que fez Emerenciana vir até a janela da casa ao lado, para espiar.

– Entrem então. Seus amigos irão em breve.

– Índios esperar aqui, não entrar, disse Ibiratuê com um movimento negativo de cabeça e voz não menos poderosa que a do colega.

– Muito bem, vou avisar seus companheiros, disse Afonso, encostando a porta, porém sem fechá-la totalmente.

– Os índios fortes estão aqui. É hora de retornarem.

Apuã e Coacira se levantaram para se despedir de Célia e Afonso. Capotira continuou sentada por mais algum tempo, olhando para Afonso com a cabeça um pouco abaixada. Esperou os dois irmãos índios saírem, levantou-se e dirigiu-se a Célia:

– Quero te dizer que foi para mim uma grande honra ter sido madrinha de batismo de teu filho.

– E eu te agradeço por teres aceitado nosso convite.

As duas se olharam fundo nos olhos, já tornando-se mais úmidos que o habitual. Célia fez menção de pegar nas mãos de Capotira, mas logo abaixou os braços.

– Preciso ver como está o Albertinho.

Dito isto, ela virou-se e dirigiu-se rapidamente ao quarto do filho. Afonso aproximou-se de Capotira. Naquele momento sentiu nitidamente como era forte sua ligação com aquela índia. Algo inquebrantável. Já não duvidava da história dos fios. Não duvidava de mais nada. Os olhares de ambos formavam uma ponte, assim sentiu Afonso. Uma ponte verde-acinzentada, que só dava passagem para dois corações.

– Capotira!

O chamado de Apuã cuidou de abreviar o sofrimento de Célia. Sem dizer palavra, Capotira se virou e saiu, fechando a porta atrás de si sem olhar para trás. Afonso se

deixou cair no puff. Sentia-se muito cansado, esgotado. Quem sabe, se pedisse a seu amigo invisível, os deuses poderiam fazer parar de bater seu coração atribulado. Talvez fosse melhor para todos.

## Capítulo 11 – Ensinaamentos

A vida seguia relativamente bem no lar dos Monteiro de Mello. O menino Alberto crescia forte, com choro idem, e os pais se alegravam com essa verdadeira dádiva dos céus que era ter um filho. Dentro de casa, os assuntos tratados eram os normais entre um casal de nobres europeus. Célia não falava de Capotira com Afonso, e este também não lhe contava mais dos costumes da tribo.

Aparauã havia gostado da ideia de mandar recados a Afonso através de Apuã, a quem chamava agora de “correio das selvas”, e através do qual estava sempre lhe pondo a par dos últimos acontecimentos da tribo. Afonso respondia com notícias relevantes da cidade grande.

Afonso, portanto, não falava mais dos Tipuras com Célia, mas havia, sem perceber, incorporado alguns hábitos deles. Por exemplo, passou a abominar qualquer tipo de desperdício de alimentos e a dar grande importância à água, um presente da natureza segundo ele, que não podia ser desperdiçado. Por mais de uma vez ralhou com Célia quando esta deixava um filete de água escorrendo inaproveitado da torneira da cozinha.

– Se ninguém cuidar da água como deve ser, chegará o dia em que será um bem escasso, e aí será tarde demais, dizia ele.

– Não estás a exagerar um pouco, Afonso? Os geólogos reais asseveram que nenhum país do mundo tem mais reservas de água doce do que o Brasil.

– Mais um motivo para cuidarmos direito delas. Temos de dar o exemplo.

Certo dia, era uma sexta-feira, Afonso chegou em casa com um bilhete de Aparauã nas mãos, assunto importante. O cacique Abapurema queria falar com ele. “Juntou-se a faca ao queijo, a fome à vontade de comer”, pensou a Viscondessa. Afonso já havia começado a manifestar os sinais típicos de abstinência capotírica, e o chamamento de Aparauã vinha mais do que a calhar para ele.

– É só um dia, Célia. Se o cacique chama é porque é coisa de importância.

– Irás domingo, presumo.

– É o melhor dia. Não há compromissos com nobres nem na corte.

- E todos os índios estão na tribo...
- Se te preocupas...
- Sei que vais encontrar-te com ela.
- Não vou trocar palavra e nem...
- Podes conversar com Capotira o que bem quiseres e o tanto que desejares, mas atenta: só conversar.
- Só conversar, claro. Nem me tinha passado outra coisa pela cabeça.

Afonso deu um abraço apertado na mulher e um beijo estalado no pescoço dela.

- Esta é a minha Celita querida!

“Um dia esta situação vai ter que mudar, vai ter que mudar”, pensava Célia.

Quando Célia acordou domingo de manhã, Afonso já tinha saído. Nem tinha posto o relógio helvécio para despertar. Não precisava mais. Já há tempos acordava sempre antes do Sol vermelho, automaticamente, como os Tipuras.

Afonso alcançou a tribo sem maiores contratempos, à exceção de uma leve torção no tornozelo direito, ao pisar de mau jeito num tronco fino coberto de musgo. Ao chegar, meio mancando, dirigiu-se imediatamente à oca de Abatira. Abriu com cuidado a cortina da entrada e deu com a moça sentada numa esteira, ocupada em trançar uma rede de dormir. Afonso lhe dirigiu seu melhor sorriso e levantou a mão direita espalmada, em cumprimento. A moça apenas deu uma olhada para ele e voltou para o trabalho, assentindo de leve com a cabeça abaixada por algumas vezes. Capotira estava na aldeia. Afonso se retirou satisfeito e foi para a oca de Aparauã.

Os dois amigos trocaram impressões sobre os últimos acontecimentos em seus respectivos ambientes, durante cerca de vinte minutos. Então a cortina da entrada se abriu e apareceu novamente a figura de Abatira, com o tronco ligeiramente inclinado para dentro. Fez um sinal de cabeça para Aparauã e voltou-se para Afonso:

- Capotira não quer ver Afonso.
- Não quer ver-me? Como não quer? Por quê?
- Abatira só trazer recado.

Um novo aceno de cabeça para Aparauã e a índia se retirou. Afonso, lívido e com a boca semi-aberta, olhou interrogativamente para Aparauã.

- Ela não quer vê-lo, Afonso. Deves respeitar-lhe a vontade.
- Mas isso não faz sentido! Eu só quero vê-la e conversar um pouco. Só isso! Célia não se importa.
- Não mesmo?
- Não mesmo. Célia não quer nenhum contato físico, mas não me proibiu de falar com Capotira e muito menos de revê-la. Só quero trocar algumas palavras com ela. Por favor, Aparauã, peço-te, fala com ela!
- Posso tentar, mas bem sabes, um Tipura...
- ...não tem duas palavras, sei muito bem. Vocês agem pelo coração, não é assim? Sei disso. Só quem usa a cabeça no lugar do coração pode ter duas palavras, já aprendi. Mas o coração também pode mudar de opinião quando necessário, ou não? Diga a ela que é uma questão de... de saúde! Isso, de saúde. Diga-lhe que é um caso médico.
- Um caso médico...
- Sim, e de urgência. Questão de saúde anímica, naturalmente. Eu lhe peço, meu amigo!
- Vou fazer como pedes, mas...
- Mas vai dar tudo certo, verás. Capotira só está um pouco assustada. Acabou de ser madrinha de batismo do meu filho. Talvez tenha receio de ter assumido com isso alguma obrigação que não possa cumprir. Vou esclarecê-la, vou acalmá-la, vou...
- Quem precisa se acalmar é tu.
- Diga a ela que estarei esperando no tronco de uobatá.
- O cacique quer falar contigo, esqueceste?
- Claro que não, mas quer falar agora, justo agora?
- Ele não marcou hora. Pediu-me apenas que o avisasse quando tu estivesse na tribo.
- Vou estar na tribo o dia inteiro. Vou agora para o local do encontro.
- Vou falar com Capotira então. Acalma-te.

Afonso saiu rapidamente e Aparauã foi em busca de Abatira para saber do paradeiro de sua amiga, já que não a havia visto na tribo hoje.

Afonso aguardou, numa ansiedade crescente, por mais de meia hora. Então, finalmente, ouviu o barulho de folhas se mexendo e estalidos de pequenos galhos secos. Levantou-se de um pulo, pronto a satisfazer a sede de sua alma, mas à sua frente surgiu Ibiratuê, um dos índios fortes da escolta de Capotira.

– Afonso vir. Cacique Abapurema quer falar.

Desconsolado e aturdido, e um tanto perturbado, Afonso seguiu o índio. Já na clareira da aldeia encontrou Aparauã e ambos foram juntos para a oca do cacique; logo Afonso questionou o seu amigo homem sábio, num tom áspero:

– Não falaste com Capotira?

– Não a encontrei. Falei com Abatira, pedi a ela que avisasse Capotira que tu a esperavas no tronco.

– Então Abatira não deu o recado.

– Deu, deu.

– Como podes ter certeza?

– Por que ela saiu no mesmo instante em que lhe pedi, a dizer que ia dar o recado.

– Pode simplesmente ter ido dar uma volta.

– Impossível.

– Impossível? Ela pode ter saído só para disfarçar.

Aparauã parou de andar e olhou muito sério para Afonso:

– Tipuras não mentem, Afonso. Nunca.

Afonso começava a se cansar dessa coleção impossível de virtudes. Eles não podiam ser um povo um pouco mais normal?... Por que tinham regras assim tão rígidas para tudo? Onde estava escrito que um índio não podia mentir de vez em quando?

Aparauã reiniciou o trajeto ao lado do amigo pensativo, rumo à oca do cacique.

– Se Capotira recebeu o recado, então por que não veio?

– Porque não quis.

– Talvez ela viesse mais tarde. Talvez estivesse ocupada com alguma coisa. Por que me mandaste chamar no tronco, Aparauã?

- Porque o cacique Abapurema quer te falar, bem sabes.
- Tu disseste a ele que eu estava na tribo?
- Não, mas ele perguntou se já havias chegado.
- E tu...
- Disse que sim, naturalmente. E mandei te chamar.

Afonso não disse nada. Não havia o que dizer. Parece que o caráter estava impregnado no sangue deste povo. Não se admitia o mínimo desvio ali, nem se cogitava disso. E sequer havia leis escritas dizendo: faça isso e aquilo, não faça tal. Agiam de acordo com “as leis da Criação”, diziam eles, e de forma automática, sem imposições de espécie alguma. Não eram forçados a nada. Quem viesse a ler seu futuro livro na Europa, certamente acharia tudo isso um desvario de sua mente.

O cacique Abapurema esperava por Afonso sentado num banco com entalhes, sobre uma esteira. Afonso reconheceu o banco da conversa junto à fogueira. Havia mais dois bancos à sua frente.

- Senta-te, disse o cacique para Afonso, apontando um dos bancos.

Afonso acomodou-se no lugar indicado e Aparauã sentou-se a seu lado no outro banco. O cacique começou sem mais delongas:

- Já há tempos manifestaste o desejo de conhecer a mensagem de Tupan-an.
- Sim, cacique. Meu interesse permanece.
- E o que pretendes fazer com ela?
- Estou a escrever um livro, ou melhor um tratado, sobre os povos indígenas do Brasil, mais especificamente sobre os Tipuras. Trata-se de um trabalho científico. Esta mensagem de Tupan-an faria parte disso.
- E qual achas que será a reação dos homens brancos da Europa ao lerem teu tratado?
- Honestamente, cacique, não acreditarão em muita coisa. Por isso estou já a cortar os aspectos mais extraordinários que vejo aqui, do contrário meu trabalho não será encarado com a devida seriedade.
- Era o que imaginava. Também nós não gostaríamos de que o povo dos Tipuras tivesse sua imagem deturpada lá fora, como, por exemplo, a de que somos um povo ingênuo, que vive à parte da realidade dura do mundo. Não somos ingênuos.

- Certamente que não, respondeu Afonso.
- Só cuidamos de seguir as leis da Criação.
- Sim, eu sei disso, cacique.
- Terás de cortar do teu trabalho a mensagem de Tupan-an também. Do contrário, os homens brancos pensarão igualmente que é coisa de tua imaginação, ou então dirão também que somos uma tribo de desmiolados e fantasistas.
- Entendo. Tens razão. Mas é uma pena. Há muitos ensinamentos belos aqui, que não se encontram nas outras tribos das redondezas. Acho uma lástima que isso tudo tenha de ficar retido comigo, sem poder divulgar, pois por incrível que pareça, há homens brancos bons também, sensíveis e receptíveis a sabedorias construídas além do mundo judaico-cristão.

Afonso parou, um pouco assustado consigo mesmo. Vê lá se isso era assunto a se discutir com dois silvícolas. Mas tanto o cacique como Aparauã pareciam ter compreendido e o olhavam com uma expressão de interesse. Aparauã observou:

- Sabemos que há muitos homens brancos bons. Tu e tua esposa, e ainda outros da cidade, são provas disso.

O cacique anuiu, pensativo, e em seguida continuou:

- Mas existe uma boa maneira de divulgares nossa sabedoria.

Afonso se aprumou na cadeira e abriu mais os olhos.

- Sim, há uma maneira, continuou o cacique. Os homens brancos gostam muito de um tipo de literatura a que dão o nome de “romance”. Aparauã tem muitos livros desse gênero no depósito dele. Eu mesmo já li vários e gostei da maioria. Algumas moças da tribo, mais versadas no português, também já os leram e gostaram muito.

Afonso era todo ouvidos. O cacique prosseguiu:

- Tu poderias divulgar nosso conhecimento na forma de um romance. Assim, a antiga sabedoria e os ensinamentos sagrados ficariam livres do sarcasmo dos céticos, ao passo que um ser humano bom, ao lê-lo, seja de que raça for e independentemente de qualquer crença, encontrará lá tesouros verdadeiros, que poderá utilizar na própria vida. Ele irá reconhecê-los como um saber valioso. O rótulo “romance” na capa do livro cuidará de manter o deboche dos outros do lado de fora.

- Compreendo, cacique Abapurema, compreendo perfeitamente. É uma ideia muito boa, sem dúvida. Posso elaborar um trabalho científico abordando alguns aspectos

etnológicos e antropológicos dos... quero dizer, alguns aspectos mais usuais da vida dos Tipuras, que não vão causar tanto espanto. E os grandes ensinamentos poderei transmitir na forma de um romance. Muito boa ideia.

– Fará isso com a mensagem de Tupan-an? Temos tua palavra? perguntou o cacique.

– Tens minha palavra. Aliás, posso elaborar agora mesmo uma declaração a termo e obter rapidamente a firma reconhecida no Real Cartório do...

Aparauã lançou um tal olhar de reprovação para Afonso que este logo deu meia-volta:

– Quer dizer, em outras situações eu até poderia redigir uma declaração com firma reconhecida e coisa e tal, mas aqui, naturalmente, não há nenhuma necessidade disso, não é mesmo?...

– Não, não há necessidade, confirmou Aparauã. Basta-nos tua palavra.

O cacique, sorrindo, continuou:

– Aparauã, relate ao nosso amigo a mensagem de Tupan-an.

– Foi há muito tempo, começou o homem sábio Tipura. Na época em que ainda havia ligações fortes dos índios com os grandes e pequenos entes da natureza, e a maioria de nós os via quase sempre. Certo dia, ao anoitecer, uma mulher de alma pura recebeu uma mensagem do próprio Tupan-an, e também chegou a vê-lo por alguns instantes.

– Posso anotar o que dizes, Aparauã?

– Não há necessidade. Tenho a mensagem escrita em várias línguas, e também a traduzi para teu idioma. Podes pegá-la comigo quando desejares.

– Está certo.

– A mulher pura viu Tupan-an de relance, continuou Aparauã, e ouviu a seguinte mensagem dele:

*“Eu sou Tupan-an, o protetor do país que se tornou vossa pátria! Sagrados são o país e o solo onde caminhais. (...) Estais vivendo no país que foi escolhido para ser um país da sabedoria. Contudo, sempre deveis lembrar-vos de que o mundo onde vos é permitido viver é propriedade do onipotente Criador! Cada árvore, cada pedra, cada flor, cada animal, qualquer água, cada raio de Sol e cada sopro de ar que aspirais, originaram-se da força criadora Dele! Guardareis com fidelidade a propriedade do Criador, conservando-a pura. Vosso anseio em direção à Luz e vosso amor aos entes da natureza são a melhor garantia para isso!”*

– Assim dizia a mensagem.

- Impressionante... Muito bela essa mensagem. E disseste que ela viu o grande regente.
- Sim, isso é o que diz a tradição, mas essa imagem se perdeu. Não sabemos o que ela viu. Ou talvez não devêssemos mesmo saber.
- É uma mensagem simples e ao mesmo tempo poderosa, completou Afonso.
- Sim, é, concordou o cacique. E tem regido a vida de nosso povo por gerações.

Dito isso o cacique se levantou. Hora de sair. A objetividade Tipura estava além das susceptibilidades sociais. Nenhum Tipura ficaria ofendido e nem mesmo incomodado com a atitude do cacique. Assunto terminado, hora de se retirar. Simples assim. Afonso já tinha convivência suficiente na tribo para também não se incomodar com isso. Já estava quase se acostumando. Fez um sinal de cabeça para o cacique e deixou a oca com Aparauã.

- Queres comer algo? perguntou Aparauã.
- Não, meu amigo, obrigado. Estou sem fome. Importa-se que eu dê uma volta pela tribo?

Aparauã sorriu.

- Não, não me importo. Boa sorte!

Dito isso, Aparauã dirigiu-se à sua oca e Afonso quase correu para a oca de Abatira. Ainda deu uma boa olhada geral pela aldeia, mas nem sinal de Capotira. Novamente abriu com cuidado a cortina da entrada da oca e deu com a moça índia sentada no mesmo lugar, quase terminando de trançar a rede de dormir.

- Posso entrar?
- Entra.
- Por que Capotira não quer me ver?
- Não sei.
- Abatira, presta atenção: Não vou incomodar Capotira com nada ruim, não vou magoá-la de forma alguma, não vou deixá-la triste. Prometo a ti. Por favor, diga-me onde ela está. Não me conformo de vir até aqui e não encontrá-la. Preciso muito vê-la, muito mesmo.

Abatira olhou perscrutadoramente para Afonso, e logo depois sua expressão suavizou-se um pouco. A Afonso pareceu ter visto surgir uma pequena fissura naquela muralha de defesa impenetrável que era essa amiga leal de Capotira.

– Não posso dizer. Capotira ficar brava comigo.

– Não, não vai ficar. Eu explico a ela, eu digo que insisti contigo. Não te preocupes, ela vai entender. Eu falo que a culpa foi minha. Por favor, Abatira!...

Silêncio. Abatira ficou com a cabeça abaixada, como que ponderando. Um minuto depois ela se virou para Afonso:

– Siga a trilha que leva à terceira pedra de marcação, no lado oeste. Capotira não está muito longe. Está a colher ervas e a conversar com os bichos.

Afonso seguiu as orientações em passo apressado. Não demorou muito e encontrou a bela índia agachada, vasculhando um tufo de ervas no chão. Ao perceber sua chegada, ela se levantou num salto, com o coração duplamente acelerado:

– Que fazes aqui?

– Calma, Capotira, só quero conversar contigo, só isso.

– Abatira não podia ter contado...

– Ela não tem culpa de nada. Eu insisti muito. Ela viu que meus olhos eram sinceros. Precisamos conversar, Capotira.

– Já conversamos muitas vezes.

– Sim, e é o que me dá força para viver. Não podes impedir-me disso. Não sentistes minha falta?

– Tu sabes a resposta. Por que perguntas?

– Por que então não me quiseste ver desta vez?

Silêncio.

– Por que, Capotira?

– Tua esposa sofre. Não está certo nos encontrarmos.

– Mas ela sabe, ela concorda que nos vejamos, que conversemos. Só não quer um contato físico.

Capotira lembrou-se do abraço, do único abraço que até hoje havia dado em Afonso. Seu rosto refletia imensa tristeza quando lhe perguntou:

- Tu também não queres um contato físico?
- Não podes fazer-me tal pergunta. A situação já é por demais difícil.
- Célia permitiu que tu viesses me ver e falar comigo. Permitiu porque quer te ver bem, mas ela sofre. E isso não está certo, Afonso.
- E o que devemos fazer? O que sugeres que eu faça?
- Teu coração está dividido. Não se decide. Penso que se permanecermos afastados um do outro será mais fácil para ti encontrar o caminho justo.
- Nunca! Essa não é uma solução, não é! Não posso ficar sem te ver, não posso.
- Tu tens uma família, não te esqueças.
- E tu és dona de uma parte de mim.

Capotira nada disse, apenas olhou para o homem a quem havia dado seu coração.

- Vou dar um jeito nessa situação, Capotira. Ainda não sei qual, mas vou dar. Tem confiança.
- Vais te separar de Célia ou de mim?

Agora era a vez de Afonso ficar parado olhando para ela, sem dizer palavra. Um dia ainda iria se acostumar de vez com a objetividade Tipura.

- Por favor, promete que não deixará de me ver quando eu vier novamente, Capotira. Promete!
- Prometo fazer o que meu coração mandar. Só isso. Agora vai, ou ele vai se machucar ainda mais com tuas palavras.
- Disseste que teu coração é meu.
- Disse.
- Sendo assim, posso indicar a ele o que fazer, não? Pois que me pertence.

Capotira o fitou com olhos inexpressivos, e Afonso prosseguiu com seu raciocínio:

- Eu poderia, digamos... não mandar, mas sugerir então ao teu coração como proceder. Sugerir de maneira clara, enfática. Certo assim?

– Para com isso. Esses nós de pensamentos podem bem funcionar lá com os de teu povo. Aqui não. Tu entendeste muito bem o que eu quis dizer. Agora vai, vai de uma vez!

– Eu vou, eu vou. Mas antes responde: ver-me e conversar comigo te fez bem?

– Fez.

Um olhar verde penetrante, de profundo amor, atingiu Afonso, e foi como se a vida ressurgisse dentro dele. Capotira se agachou e pôs-se a mexer novamente em seu tufo de ervas. Não mais olhou para Afonso. Este então virou-se e se retirou.

Afonso ainda passou na oca de Aparauã, mas não encontrou o amigo. Quando já estava saindo da aldeia, topou com Coacira.

– Coacira, diga a Aparauã que eu deixei um abraço para ele.

– Coacira dizer.

– E para Apuã também.

– Coacira dizer também. Afonso levar abraço apertado de Coacira para Célia e Alberto, menino dos olhos de diamante azul.

– Levo teu abraço para os dois, minha doce índia. Ianakuré!

– Ianakuré!

Afonso voltou para casa quase sem ver a trilha. A situação começava a ficar absolutamente insustentável, e ele não via solução alguma no horizonte. Nada. Quem poderia ajudá-lo? Quem poderia lhe dar algum conselho? Alguns dos seus amigos nobres? Dr. Bernardino? Padre Alcides?...

O país de Tupan-an lhe dera muitas alegrias, mas também lhe cobrava um alto preço por elas.

## Capítulo 12 – Decisões

Afonso tentava levar a vida como dava. Quando a saudade de Capotira apertava, ele voltava para a tribo. Os dois se encontravam e conversavam, e nada mais. Capotira insistia para que Afonso se decidisse finalmente, mas o coração dele permanecia na mesma, integralmente dividido. Certa vez, ela simplesmente foi viajar ao saber que ele estava na aldeia. De nada adiantou. Três dias depois de ir embora, Afonso voltou de surpresa e a encontrou.

Célia também exigia uma posição definitiva do marido. Não suportava mais a situação. Às vezes esquecia que Albertinho estava presente enquanto discutiam, e no fim via como ele olhava espantado para os pais, sem compreender. Vezes sem conta Célia insistiu com Afonso para que se decidisse. Mas ele não conseguia, simplesmente não conseguia. Amava sua esposa e filho. Como deixá-los? Impossível. Numa ocasião, ficou oito dias seguidos na tribo, copiando as inscrições dos Tipuras. Só não se encontrou com Capotira no dia em que chegou. Mas no sétimo dia ansiava intensamente por rever a esposa e o filho. Sentia saudade dos dois. Uma saudade doída, verdadeira.

Assim seguiram, por um ano, as vidas dos três corações entrelaçados. Alberto era um menino muito esperto. A partir dos cinco meses já tinha um vocabulário de respeito, com palavras cada vez melhor articuladas: papá, mamã, “çado” (leite adensado), “téla” (Eleutéria) e várias outras. Com onze meses começou a dar os primeiros passos.

As cobranças de Célia em relação a um posicionamento de Afonso tornavam-se mais ríspidas dia a dia. Capotira também não o presenteava mais com aquele sorriso revigorante de antes. Em breve as coisas teriam de tomar um rumo, de um jeito ou de outro.

Certo dia, um sábado à tarde, Afonso estava lavando a charrete em frente da casa e Célia bordava um avental na chaise longue, com Alberto deitado ao lado dela, brincando com uma miniatura de carroça. Na carroça havia dois bonequinhos de madeira sentados, um homem e uma mulher. Em dado momento, o menino colocou a carrocinha à sua frente e, com cara de bravo, começou a bater no bonequinho com figura de mulher, dizendo repetidamente: “catotila”, “catotila”...

Naquele momento, Célia tomou a decisão que vinha amadurecendo já há vários dias. Colocou o garoto no berço e chamou Afonso para dentro.

– Só faltava secar. Não podias esperar mais um pouco?

- Senta-te, Afonso. Quero falar contigo.
  - Se é aquele assunto de novo, já falamos sobre isso ontem.
  - O assunto é o mesmo, mas o desfecho já está decidido.
  - Que queres dizer?
  - Uma de minhas alunas é a Elisabeth, mulher de Lord Mountchester, adido cultural do Reino Unido.
  - Conheço muito bem Lord Mountchester. Já verti para o inglês alguns documentos de que ele precisava.
  - Eles estão de retorno para a Inglaterra. Partem daqui a uma semana, no HMS Liberty. Elisabeth convidou-me para ir com ela e morar em sua casa. Precisam de professoras de português em seu país, haja vista o intercâmbio crescente com Portugal. Também disse que minhas aulas de bordado e crochê terão grande acolhida por lá. Eles moram sozinhos numa casa muito grande, um verdadeiro palacete segundo ela me contou.
  - Simpático da parte dela. Mas parece convite vindo de uma pessoa um tanto ingênua. Será que ela não vê que estamos muito bem instalados por aqui, praticamente enraizados? Imagina só se iríamos trocar o clima do Brasil por aquele frio, deixar essas praias maravilhosas para afundar a perna naquela neve de meio metro... Hahaha!
  - Eu vou.
  - Vais... o quê?
  - Vou com ela, eu e Alberto. Embarcamos daqui há uma semana.
  - Tens um modo bem estranho de fazer piadas...
  - Tu tens uma semana. Uma semana para decidir se queres ir comigo e teu filho, ou se preferes permanecer aqui.
- Dito isso, Célia se levantou e foi para a cozinha. Afonso pensou ser apenas uma nova forma de intimidação, um blefe algo mais sofisticado, e não deu maior importância. Só se deu conta da gravidade da situação no dia seguinte, quando deu com Lourenço na sala terminando de desmontar a chaise longue. Célia poupou-lhe as perguntas.
- Elisabeth disse que o navio não parte cheio. Posso levar o que desejar. Tu também podes. Talvez até dê para levar a charrete se te apressares em desmontá-la, disse ela voltando para a cozinha. Afonso seguiu-a.

- Maria Candelária, não posso viver sem ti.
- É sempre bom ouvir isso. Melhor então cuidares logo de preparar tua saída da corte e falar com quem precisares.
- Nunca te traí.
- Não, na tua concepção, de facto, nunca me traístes.
- Desde que me proibistes, nunca mais toquei um dedo em Capotira, nem para um aperto de mão. Só demos um único abraço até hoje, e há tanto tempo que nem me lembro mais.
- Sei disso. O que tu prometes, cumpres. Sempre foi assim. Isto não precisaste aprender com os Tipuras.
- Então, Célia! Por que isso agora? Olha, vamos ficar. Eu, eu... vou tentar achar uma solução, de um jeito ou de outro.
- Já achei o outro jeito.
- Nem te reconheço... De onde tiraste tanta dureza de coração?
- Dureza de coração?... Olha aqui, Afonso, já ouviste falar de cansaço, de esgotamento?
- Também me sinto assim às vezes.
- Pois estou exausta o tempo todo com esta situação. Não suporto mais! Capotira é uma moça excelente, possui mais predicados do que todas as raparigas do Rio de Janeiro juntas. Tu poderás muito bem ser feliz ao lado dela.
- Não posso ser feliz longe de ti, nem do Albertinho.
- Terás de escolher.
- Não me amas mais?

Célia olhou para o marido com impaciência e logo depois com ternura. Aproximou-se dele, fechou os olhos e deu-lhe um beijo terno, doce, no canto de sua boca; depois passou a mão direita em seu rosto e se encaminhou para a porta.

- Preciso finalizar as visitas de despedida.

Com essas palavras, saiu e fechou a porta.

Afonso acompanhou da janela o percurso da charrete até virar na próxima esquina, em direção ao bairro onde moravam antes. Enquanto contemplava a poeira em suspensão

lembrou-se do livreto espanhol: “Quando um capricorniano se decide realmente a algo, não há o que o impeça de atingir seu objetivo.”

Então haviam decidido por ele... Célia decidira. Até hoje via a si mesmo como uma folha seca dentro de uma tempestade, com um vendaval a empurrá-la para a mata e a trazê-la de volta para a cidade. O vendaval decidia o caminho. Mas agora, mãos resolutas resolveram levar a folha titubeante para um local seguro.

Afonso pensou seriamente em falar com Capotira, chegou a sair meio intempestivamente numa manhã, rumo à tribo, mas desistiu. Não iria suportar a despedida. De maneira alguma iria suportar. Deixaria um bilhete para ela, via “correio das selvas”. O tempo cuidaria de apagar a imagem dela de sua alma, de desalojá-la de uma vez por todas do seu coração.

Ficou decidido que Acácia providenciaria a venda da casa. Afonso passou os dias anteriores ao embarque finalizando seus afazeres na corte e ajudando Lourenço a encaixotar livros e papéis. O pouco tempo livre gastava-o sentado, ou melhor, afundado no puff, ponderando, refletindo... Na véspera do embarque redigiu dois bilhetes, um para Aparauã e outro para Capotira.

“Aparauã, meu irmão de coração. Circunstâncias graves, que tu bem conheces, levam-me a deixar teu país. Parto hoje com Célia e Albertinho para o Reino Unido. Quisera eu conhecer uma palavra adequada em tupano para expressar meu imenso agradecimento por tudo o que fizeste por mim. Mas talvez esta palavra não exista em nenhum idioma. Diga ao cacique Abapurema que vou dar andamento ao projeto do livro conforme combinado. Mando vários exemplares assim que tiver sido publicado. Adeus, grande amigo. Até algum dia, quem sabe. Ianakuré. Afonso.”

“Capotira querida, parto hoje para a Europa com a minha família. Um poeta lusitano escreveu certa vez que a morte por saudade é a mais dolorosa de todas. Em breve terei a comprovação. Parto para o meu calvário, consciente de que já fiz Célia e tu sofrerem demais. Teias escuras desceram sobre a trilha de minha vida, e já estou a colher o que semeei. Espero poder reencontrar-te numa outra vida, na Terra ou no mundo invisível. Os fios que me ligam a ti estão mais firmes do que nunca. Acredito que ainda te ci outros tantos. Abraço longo. Afonso.”

Afonso dobrou os bilhetes, colocou cada um num envelope, lacrou-os e os guardou na estante. No verso dos envelopes estavam impressas duas letras M douradas, em relevo e entrelaçadas. No dia seguinte, logo cedo, os Monteiro de Mello foram de charrete até o

mercado, para se despedirem de Apuã e Coacira. Afonso havia desistido da ideia de desmontar a charrete. Tinha planos de adquirir um veículo novo em Londres, talvez com tração dupla. O atual poderia ficar com Lourenço, que desde que soube da novidade já começara a planejar os fundamentos de uma empresa de entregas.

– Não podemos nos demorar com os índios, Afonso. O embarque está previsto para as onze horas.

– Sim, eu sei.

A despedida foi triste, mas rápida. Apuã estava com os olhos marejados, e Coacira chorava baixinho, com a cabeça baixa e os lábios apertados. Afonso abraçou Apuã e Célia abraçou Coacira. Afonso estendeu a mão para Coacira e Célia fez o mesmo para Apuã. Quando já iam sair, Afonso tirou do bolso do casaco os dois envelopes e os entregou a Apuã, que respondeu com um sinal de cabeça. Célia observou a cena sem nada dizer. Entraram em silêncio na charrete, e quando já estavam partindo ela o fez parar.

– Espera. Esqueci do presente de Coacira.

– Presente? Que presente? Não me falaste nada de...

– É um instante. Já volto.

Dito isso, Célia saiu e foi ter com Coacira, que ainda chorava, e já não tão baixinho. Afonso viu de longe Célia entregar um pacotinho para a índia enquanto lhe dizia algo ao ouvido. Ficou curioso. Depois de um longo abraço entre as duas, Célia voltou. Mal se sentara novamente e Afonso quis saber do que se tratava.

– O que deste a Coacira?

– O anel de turquesa.

– Aquele anel? O de turquesa?

– Aquele. Isso te aborrece?

– Não, penso que não, mas acreditava que tinhas um especial apreço por ele.

– E tenho. Deste-mo poucos meses antes de nos casarmos. Lembra-te de tuas palavras?

– Como não? “Que nossa vida seja reluzente como este anel...”

– Sim, e a outra: “E que nossa felicidade sempre resplandeça como o azul desta pedra, que nada a turve...”

- Por que te desfizeste dele, Célia?
- Coacira é uma das criaturas mais doces e singelas que conheci na vida. E ela tem uma ligação muito forte com pedras de todos os tipos, mas principalmente com as de coloração azulada.
- É verdade.
- Ela acredita que entes da natureza constroem as pedras azuis.
- É. Pequenos seres invisíveis... Ela já nos deu uma pedra azul.
- E agora eu retribuí com um anel da mesma cor. Eu a deixei feliz, ou menos triste com a nossa partida. Acho que foi uma coisa boa.
- Sim, sem dúvida que foi.

Nenhum dos dois estava para muita conversa, e a partir daí foram em silêncio até o cais.

O navio já estava recebendo os passageiros e tripulantes, quase todos ingleses. Afonso ajudou Lourenço a descer a volumosa bagagem. A maior parte já havia seguido no dia anterior, por recomendação de Lord Mountchester. Célia foi de mãos dadas com Alberto em direção à rampa, seguida de Lourenço com o tanto de malas que podia carregar. Afonso ficou parado junto à charrete, ao lado de uns pacotes. Célia já ia subir quando viu Afonso ainda no local do estacionamento.

– Afonso, não vens? Já são quase onze horas. Elisabeth já está a bordo, segundo me disse o imediato.

Afonso apenas olhava para frente, sem dizer nada.

- Afonso! exclamou Célia com as mãos na cintura.
- Vem, papai, vem papai! exclamava para ele uma voz aguda e excitada, vinda debaixo de uns olhinhos brilhantes de diamante.

Célia deixou cair os braços e olhou para o esposo com a mesma expressão vazia deste. Trinta segundos transcorreram assim, no máximo. Depois ela tomou o filho no colo e virou-se para Lourenço:

- Leva as malas do Visconde para a charrete.
- Senhora?
- Faça o que eu digo!

Lourenço obedeceu. Célia subiu a rampa com o filho no colo a acenar para o pai, abrindo e fechando a mãozinha, e entrou no navio sem olhar para trás. Afonso parecia uma estátua de sal. Lourenço ficou de lado, aguardando alguma ordem, sem nada dizer.

Afonso não se mexia. O navio inglês zarpuu pontualmente às onze horas, entre acenos de espectadores e de embarcados, sob britânicos votos de boa sorte de cima a baixo, nos dois sentidos. Afonso ficou ali, a “ver navios” como diriam seus antepassados, até a ponta do mastro principal do HMS Liberty desaparecer no horizonte, quase duas horas depois da partida.

Depois, virou-se e entrou cabisbaixo na charrete. Lourenço prontamente ocupou o lugar do cocheiro.

– Vamos para casa, patrão?

– Não, para o mercado. Preciso pegar algo de volta com Apuã.

Apuã lhe devolveu os dois envelopes, sem nada perguntar. O que não era dito não era de ser sabido.

Afonso sentia-se como que dentro de um pesadelo, dos piores, sem poder despertar. Seus pensamentos eram confusos, desconexos. Planejava ir no dia seguinte à tribo. Contaria a Capotira o que aconteceu. Isso, se tivesse forças para se locomover.

E as forças faltaram. Ele só conseguiu recuperá-las parcialmente e colocar os pensamentos mais ou menos em ordem três dias depois. No quarto dia, pela manhã, rumou para a tribo. Ao chegar, dirigiu-se à oca de Aparauã. Encontrou-o numa rede, tomando chá e lendo um livro sobre religiões orientais. Contou-lhe rapidamente o sucedido e pediu para chamar Capotira. Aparauã terminou de tomar o chá e foi satisfazer o pedido do amigo.

Alguns minutos depois a cortina se abriu e Capotira entrou. Deu um passo para dentro da oca e correu para Afonso. Abraçou-o com se fosse o último dia da vida de ambos. As lágrimas escorriam pelo rosto da índia como vindas de uma nascente. A Afonso parecia que ele e ela eram uma coisa só naquele instante, metades de um imã que não podiam mais viver separadas. Aos poucos, ele a afastou levemente de si.

– Capotira, que fazes?... As recomendações de Célia, esqueceste? Apenas palavras, nenhum contato físico... Não queres mais segui-las?

– Sempre vou seguir as recomendações de Célia, disse a índia, soluçando.

Em seguida, retirou um papel preso em sua cintura e o entregou a Afonso, que o leu de imediato.

“Querida amiga Capotira: Penso que agora já posso chamá-la de amiga. Quando leres este bilhete, eu e meu filho estaremos no meio do oceano, de volta ao continente dos homens brancos. O coração de Afonso é teu. Iria voltar para ti mais cedo ou mais tarde. Eu te peço: cuida com carinho deste coração tão machucado. Nunca lhe deixes faltar nada, não o prives mais de tua presença, de teu calor, de teu amor. Tu e eu queremos ver Afonso feliz, apenas isto. Estarei bem. Darei notícias em futuro breve. Célia.”

Afonso apertou o bilhete na mão e levou o punho cerrado à boca. Depois o devolveu a Capotira, que o colocou de volta na cintura. Em seguida aproximou-se dela e lhe deu mais um abraço longo, muito longo.

Os meses seguintes foram de acomodação da nova situação. Ubiratanga não aceitava de jeito nenhum uma união dessas, tão fora do comum. Aparauã e o cacique Abapurema tiveram de fazer uma longa reunião com ele, a fim de lhe mostrar que não podia intervir no livre-arbítrio da filha. Por fim, ele acabou aceitando a contragosto, mas com a ressalva de que não poderiam se unir segundo os costumes da tribo.

– Eles já estão unidos, Ubiratanga, observou o cacique. O amor não pergunta por cerimônias.

– Um homem só pode dar o coração a uma mulher, retrucou o corpulento pai de Capotira.

– Foi o que Afonso fez, depois de uma luta íntima muito dura, que nem podemos avaliar.

– Está bem, mas não haverá cerimônia de união.

– Sem cerimônia, Ubiratanga, não te preocupes, sem cerimônia, finalizou o cacique.

Araruê partira da tribo “para nunca mais voltar”, conforme dissera, ao ver sua Capotira unida a um branco português desengonçado, sem cultura, que nem sequer sabia falar tupano.

Afonso voltou aos seus serviços de tradução na corte, bem como às suas pesquisas. Em breve, seu livro romanceado com a sabedoria Tipura estaria pronto para ser publicado.

Ele agora morava na tribo e não mais na cidade. Morava na tribo, mas não na aldeia propriamente, porque o cacique não quis. Afinal, não ficava bem uma casa de alvenaria,

toda caiada de branco, no meio das ocas. A casa de Capotira e Afonso ficava fora da clareira da aldeia, mas não muito longe, cerca de quatrocentos metros seguindo pela trilha que levava à quarta pedra de marcação. Fora construída em tempo recorde, com o auxílio de um mestre de obras português e uma legião de jovens Tipuras, ávidos em assimilar o novo conhecimento de edificação.

Afonso ia e voltava da cidade para a tribo todos os dias, junto com Apuã e Coacira. A não ser quando tinha algum trabalho que o prendia até mais tarde na corte. Então ficava em sua casa na cidade mesmo. Por isso, decidira não mais vendê-la. Apuã sabia que se Afonso não aparecesse no mercado até determinada hora, é porque não viria mais naquele dia. Assim foi combinado. Nesses casos, ao chegar à aldeia, Coacira ia até a casa de Capotira para avisá-la. Desse modo, Afonso continuava a trabalhar no mesmo ritmo de antes, sem se importar, nem um pouco, de ter desbancado Carlota Joaquina do primeiro lugar do ranking de escândalos dos colonizadores portugueses. Também deu de ombros com a proibição do padre Alcides de que frequentasse sua igreja; se precisasse do apoio de algum clérigo, daria um pulo até Paraty. Lourenço ganhou uma charrete só dele, mais simples que a do patrão, mas também mais robusta, adequada para um serviço de entregas de mercadorias.

Tudo ia se ajeitando, com exceção de uma coisa: a saudade que Afonso sentia de Célia e de Albertinho. Já iam seis meses sem notícias. Afonso deu um prazo para si mesmo. Se em sete meses não recebesse notícias, acionaria a embaixada de Portugal no Reino Unido, a fim de localizar o paradeiro de Célia e seu filho.

Faltando dez dias para terminar o prazo auto-imposto, o HMS Legend of the Seas aportou no Rio de Janeiro com carregamentos diversos do Oriente, e um grosso volume de correspondência de toda a Europa para a colônia brasileira.

A carta de Célia para Afonso chegou primeiro às mãos do marido de Acácia, que trabalhava para a corte como guarda-livros. Acácia a entregou para Apuã no mercado, e à tardinha do mesmo dia Afonso já a estava lendo em silêncio, diante dos dois índios.

“Querido Afonso. Eu e teu filho estamos bem. Perdoa-me pela demora em escrever, mas a guerra peninsular de Napoleão afetou todos os serviços europeus, principalmente o de entrega de correspondência. Acostumei-me rapidamente com tudo, menos com o frio. Nunca pensei que fosse sentir saudade de pernilongos. Albertinho já tem vários amiguinhos ingleses e fala uma língua anglo-lusitana, só dele. Está feliz, mas pergunta por ti quase todos os dias. Digo a ele que estás bem, que moras naquele país grande e longe, do outro lado do mar, onde também ele nasceu. Por vezes pergunta se um dia vai poder voltar para o país grande. Sei que tu estás

bem, sinto-o nitidamente e fico feliz com isso, realmente. Por favor, transmite os meus mais calorosos abraços a Coacira e Apuã. Célia.”

Afonso leu a última frase em voz alta para os índios e iniciou a viagem de volta, em silêncio. Ao chegar em casa deu ciência a Capotira da mensagem de Célia.

– Sentes saudade, não é meu querido?

– Claro, nem poderia ser diferente. Estava a pensar...

– Queres vê-los.

– Sim, acho que este seria o momento. O Legend parte daqui a cinco dias, à tarde.

– É uma viagem longa, não é?

– Sim, bastante, uns setenta dias... Às vezes mais.

– Quanto tempo pretendes permanecer lá?

– Pensei em ficar um mês. Quero que Alberto saiba que tem um pai, mesmo distante. Distante, sim, mas não ausente.

– Um mês parece razoável.

– Creio que sim.

– Ficarás fora por mais de cinco meses então...

Afonso sorriu e deu um abraço de consolo em sua Capotira. Depois sua expressão ficou mais séria.

– Há algo que preciso obter de Célia. Uma coisa muito importante.

– Afonso, já decidiste...

– Não, não é isso. Preciso me certificar... Preciso conseguir dela...

– O quê?

– Respeito, Capotira. Respeito.

Cinco dias depois, de manhã bem cedo, a bagagem do Sr. Visconde do Minho já seguia na frente para o porto, em grandes cestas carregadas por vários índios fortes. Afonso se preparava para partir. Da janela observava o céu. O azul profundo dos trópicos, com algumas nuvens muito brancas a percorrê-lo. Lembrou-se da bandeira de sua terra

natal.<sup>5</sup> Depois olhou para Capotira. As íris vívidas de seus olhos, circundadas agora por uma coloração avermelhada, irradiavam o verde profundo da flor do mato que floresce sozinha. Talvez, no futuro, a bandeira de sua pátria também tivesse essas cores. Seu coração já as tinha.

– Não te aflijas, Capotira.

– Sinto angústia.

– Não há porquê.

Afonso deu um beijo apaixonado na sua amada e se dirigiu à porta.

– Afonso!

– Sim?

Capotira correu até ele.

– Tu voltarás?

– Voltarei, claro que voltarei, disse ele sorrindo e já emoldurando o rosto dela com as mãos em forma de cálice. Podes aguardar, minha querida.

– Prometes?

– Prometo.

Em seguida, Afonso se foi. Momentos depois uma brisa morna, contínua, entrou desimpedida pela janela, desalinhando alguns fios de cabelo da jovem índia e fazendo-os cruzar diante de sua vista num delicado movimento de vai e vem, como que para demovê-la do olhar fixo na porta cerrada.

Entardecia já em terras de Vera Cruz. Um nobre português, de coração brasileiro, deixava o país de Tupan-an. Mas Capotira sentia-se confortada. Afonso sempre cumpria o que prometia. Sempre.

---

<sup>5</sup> Na monarquia, as cores da bandeira portuguesa eram o azul e o branco; somente com o advento da República, em 1910, foram adotadas as cores verde e vermelha, assim como a esfera armilar.

## Adendo

Quem se aprofunda no saber das leis que regem a Criação sabe que nenhum sofrimento pode atingir um ser humano sem que ele mesmo tenha dado causa para isso, em algum ponto da sua existência. Naturalmente, esse processo só pode ser compreendido por quem tem convicção da verdade da reencarnação.

Na nossa história também não foi diferente. Uma análise espiritual mais aprofundada mostra que houve uma falha de um dos protagonistas, em alguma vida terrena anterior, a qual possibilitou que a dor fizesse sua entrada no meio deles naquele período do século XIX.

Afonso conheceu uma das almas femininas, Célia ou Capotira, numa época remota, numa antiga encarnação terrena. Os dois, que naturalmente possuíam outros nomes naquele tempo, ligaram-se por laços de amor puro naquela vida, laços tão fortes que não se desfizeram com a morte.

Laços de amor puro permitem que duas almas continuem a se reencontrar em outras vidas, de modo a poderem continuar evoluindo espiritualmente em conjunto. No entanto, se uma das almas, em alguma dessas vidas, por qualquer motivo, se afasta do caminho da escalada espiritual, deixando-se enredar em conceitos impuros, ela corta com isso a possibilidade de um reencontro com seu companheiro(a), que permaneceu no caminho reto da ascensão espiritual. A chamada “Lei de Atração da Igual Espécie” não permite mais uma reaproximação, a fim de proteger a alma que não se desviou.

Em O Livro do Juízo Final (<http://www.graal.org.br/livro.php?id=130>), tópico “Os centros de ensino”, Roselis von Sass diz o seguinte a respeito de uma região de paz, situada no assim chamado Além:

“Um lugar de acentuado relevo ocupa o filme, e isso em todas as regiões da paz. É um importante meio do sistema de ensino. O saber referente à estruturação da Criação, bem como à cooperação dos vários entes da natureza, é retransmitido somente por filmes. Igualmente, acontecimentos que ocorreram em planos superiores, bem como filmes de amor. Nesses filmes de amor trata-se sempre de duas criaturas humanas que em várias encarnações sucessivas foram reunidas pelos guias espirituais, sempre de novo e por tanto tempo, até que uma delas se sobrecarregou tão pesadamente de carma, que se tornou

impossível um novo encontro. Todos os filmes, qualquer que seja a sua natureza, são sempre instrutivos e fascinantes.”

Contudo, as vidas terrenas são como séries cursadas numa escola, ministrando continuamente o saber da vida através de uma outra lei da Criação – a “Lei da Reciprocidade” ou “Lei de causa e efeito”. Essa lei reconduz ao caminho certo o espírito humano que errou, ao lhe trazer os frutos de seu mau proceder e com isso provocar nele o reconhecimento do erro e, por conseguinte, a vontade de não mais falhar daquela forma. Assim, uma alma que tenha se desviado em uma ou mais vidas terrenas pode (e deve) retomar o caminho certo.

O espírito humano Afonso ou uma das almas femininas com que ele travou contato por primeiro, se desviou, por algum motivo, do caminho certo em uma ou mais vidas terrenas posteriores, impossibilitando a continuidade de uma vida em comum. Os antigos laços (ou fios), porém, permaneceram entre os dois, pois foram tecidos com o mais puro amor numa vida terrena anterior.

Posteriormente, a alma que se desviou retomou o caminho certo por efeito da Lei da Reciprocidade, possibilitando então um novo reencontro entre elas numa nova vida. Nesse meio tempo, Afonso tecera outros laços de amor com a segunda alma feminina, igualmente puros e fortes, acontecendo então de os três espíritos humanos se reencontrarem na mesma vida terrena.

Assim, apesar de na vida enfocada na história os três seres humanos se mostrarem absolutamente íntegros, a dor pôde surgir entre eles por uma antiga falha de um deles numa vida terrena anterior.

As leis da Criação podem ser conhecidas e assimiladas por completo através do estudo da obra Na Luz da Verdade (<http://www.graal.org.br/mensagem.php>), a Mensagem do Graal de Abdruschin.

Roberto C. P. Junior